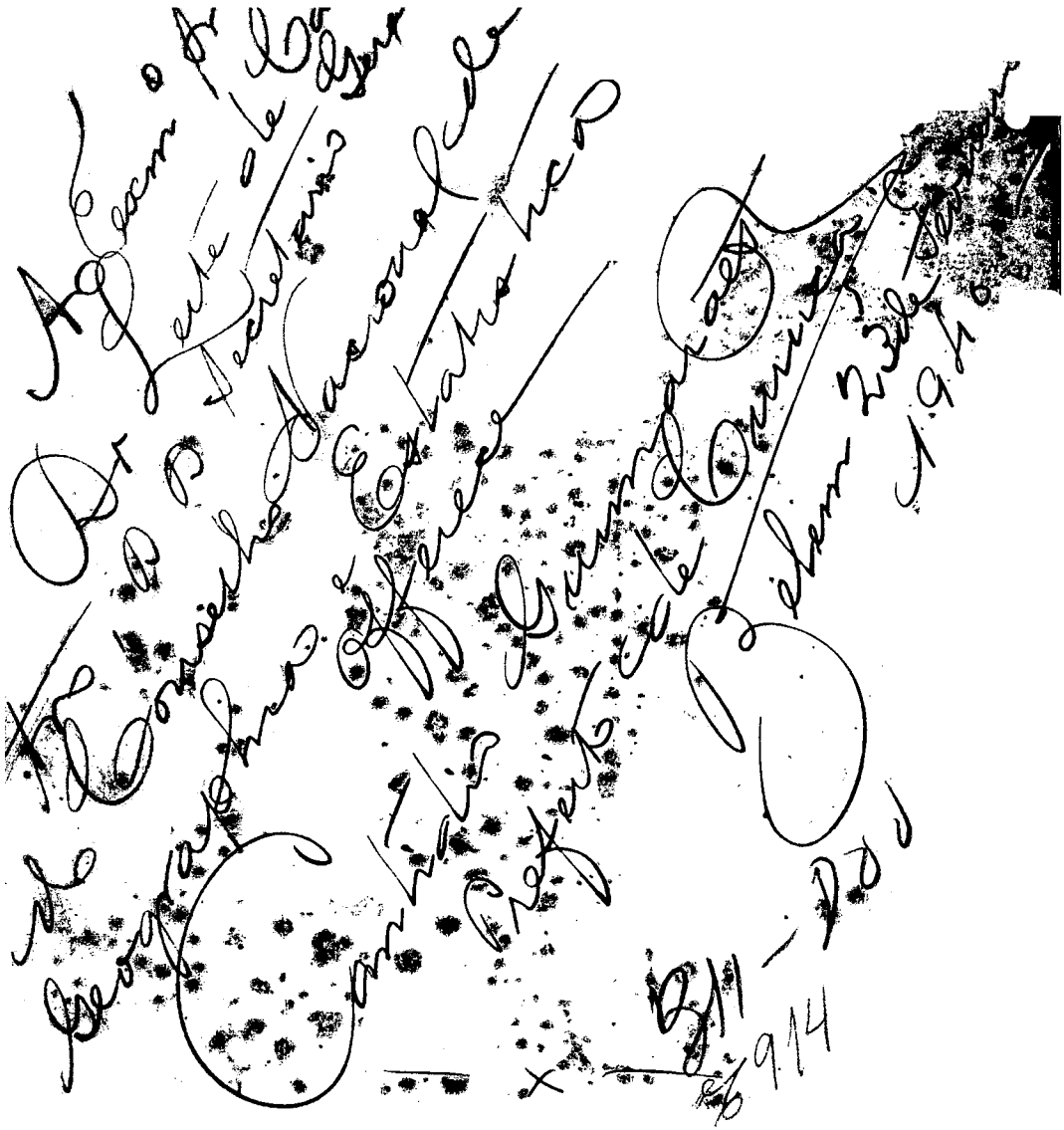
Cândido Monteiro da Cunha

Estado do Pará

MUNICÍPIO DE CURUÇÁ

(Sua geographia, historia,lendas, bellezas e riquezas naturaes - Dados estatísticos)

Curuçá/Pará
1939



Vicé, pag. 7 a 11, 14, 15, 19, 20, 29. —

Dr. Getul o Vargas, Presidente da Republica. revelação de estadista, culto, sereno, energico, organisador e executor do Estado Novo, essa mascula concepção politica, social e economica da realidade brasileira, a cujos imperativos, desde 10 de Novembro de 1937, o Brasil vae se erguendo ufano e grandioso, na potencialidade das suas forças de nação nova, sadia, uberrima e, por isso mesmo, destinada aos mais gloriosos destinos.

Dr. José C. da Gama Malcher, Interventor Federal do Estado, a quem coube a ardua missão de incrustar o Pará nos moldes do Estado Novo e os fructos do seu labor, ahi estão a mostrar a sua capacidade de governo, nesse rithmo de tranquillidade, de justiça e de trabalho fecundo, em que vamos forjando o progresso deste rincão portentoso da Amazonia.

Estado do Pará

Candido Cunha

Municipio de Curuça'

(Sua geographia, historia, lendas, bellezas e riquezas naturaes— Dados estatisticos)

— 1939 —

908(811.52 CUR)
C972e
OR

Ao meu querido Brasil, na hora historica em que as energias civicas do seu povo se manifestam num impulso irresistivel de vitalidade,

O meu devotamento até ao sacrificio para vel-o cada vez mais forte, unido e respeitado.

GE-0000190 1-8

AO exmo. sr. Prefeito Municipal, Cel. Cantidio Guimarães, pelo gesto fidalgo de alta comprehensão civica com que auxiliou a publicação desta obra.

Os meus aplausos e sinceros agradecimentos.

A' saudosa memoria de Gualberto de Campos, Ferreira Guimarães, Chisto Corrêa, Gonçalo Ferreira, Horacio B. de Lima, Nascimento e Souza, e de tantos outros que, pela inteligencia e pelo trabalho, foram obreiros incansaveis do progresso de Curuçá,

A minha eterna veneração e respeito.

AOS meus contemporaneos e companheiros na preservação e alevantamento desse patrimonio sagrado de honra e dedicação pelo bom nome de nossa terra, que nos legaram os nosos antepassados,

O meu encorajamento e o meu affecto.

AOS meus filhos — prolongamento do meu coração —e á minha esposa — companheira nas alegrias e no infortunio,

A eterna confirmação do meu amor.

Introdução

A Assembléa Geral do Conselho Nacional de Estatistica, pela Resoluão n. 57, de 17 de Julho de 1937, estabeleceu a obrigatoriedade da elaboração de monographias estatistico—descritivas municipaes, formulando para isso um summario padrão orientador dos assuntos a versar.

Trata-se, incontestavelmente, de uma obra da mais palpitante opportunidade e de inestimavel valor para quem se interessa pelo conhecimento da Patria em todas as suas manifestações phisicas, sociaes e politicas

Foi sob o impulso do meu enthusiasmo de brasileiro e pelo amor que dedico ao meu torrão natal, este CURUÇÁ', tão pitoresco e evocador, que não sei onde esteja outro céo em que as estrelas brilhem com tão intenso fulgor; onde a brisa, com caricias tão doces se detenha, num descuido de creança, a brincar na ramagem verde das palmeiras; onde emfim, a terra, a agua, a seiva exhuberante das arvores, tudo nos fala das belezas e das riquezas do Brazil, que eu quiz, nas linhas que se seguem, trazer alguns subsidios que talvez possam ser aproveitados por quem tiver de elaborar a monographia estatistico-descritiva deste municipio.

São fructos das observações de quem vive neste meio, integrado na nossa natureza e sempre interesado na annotação do que é util ao conhecimento de quem estuda. Cuidadosamente tenho catologado no meu modesto archivo dados estatisticos, que agora faço publicar, sem laivos de vaidade, procurando apenas, com isso, prestar um serviço ao meu municipio ,com aquele desvelo que o torrão natal desperta no meu coração de brasileiro,

Não tenho pretensão de revestir esta obra de abundancia de conceitos e bellezas de estilos; desejo unicamente fazel-a refletir, com relativa fidelidade, a indole, as tendencias, as necessidades, as tradições do nosso povo, a natureza local e as nossas proprias

realisações, embora tudo isso se anteveja em cores carregadas, como quando a paleta é manejada por mão inhabel na reprodução de uma paizagem do céo.

E' claro que ninguem melhor, mesmo em frases rudes, para contar a sua propria historia, do que aquelle que o faz sob os effeitos do meio ambiente, numa flagrancia de fidelidade ás sensações que lhe ferem a retina.

A concepção com que encaramos a solução de assumpto tão relevante lembra-nos o luxo do ricaço, que contrata quem por elle chore a perda do ente estremecido. Por mais perfeita que seja a mimica, por mais copiosas que sejam as lagrimas, por mais repetidas que sejam as exclamações, percebe-se em tudo um vacuo profundo: a falta de expressão da dor que vem do coração num irresistivel contagio de angustia.

E", sem duvida alguma, digno de louvor, o objectivo da Resolução n. 57. Sente-se bem, por essa e outras iniciativas do sadio patriotismo, que o Brasil está de pé, ufano e consciente de sua grandeza, tal como se um novo sangue lhe corresse nas arterias. Em todos os quadrantes da patria ha uma forte vibração de enthusiasmo e de fé pelos nossos grandes e gloriosos destinos. O que se vê, o que se observa é que os brasileiros despertaram, emfim, desse longo e pesado letargo de indiferentismo, que vinha retardando o que o seu amor e a capacidade dos seus esforços podem fazer pelo soerguimento de sua patria. Porque agora soou a hora de reunir, nesse brado altisonante de brasilidade, que se concretisa, na carta de 10 de Novembro, de 1937.

E como, para que a obra seja perfeita e duradoura, é necessario que se vá como que começar do começo, temos de auscultar os sentimentos do nosso povo e conhecer a indole, as tendencias, as tradições, as necessidades e possibilidades de cada recanto, por mais longinquo que seja, cuja agregação, celula por celula, constitue esse grande todo que é o Brasil de hoje, de hontem e de amanhã—a terra maravilhosa do Cristo Redemptor, em cujo firmamento fulgura a mais bela e suges-

tiva constelação do céo—a do CRUSEIRO DO SUL; o Brasil estuante de seiva, verdadeiro gigante do futuro, cujas bellezas são tantas que não n'as podem cantar os poetas em toda a sua deslumbrante amplitude, e cujas riquezas são tamanhas que o sabio não pode medil-as em toda a sua extraordinaria potencialidade; esse Brasil amado, que, se é a terra das palmeiras, "onde canta o sabiá", é tambem o berço de Caxias, de Barroso e de Gurjão.

Já houve quem dissesse, com muito acerto, que o municipio é o começo da patria, ao que eu acrescento —ser a propria patria em miniatura.

Foi certamente sob o imperativo deste conceito, que o Conselho Nacional de Estatistica determinou a elaboração das monographias municipaes, pois só assim teremos um perfeito e um completo conhecimento de tudo quanto interessa á grande obra de reconstrução do BRASIL.

Obra que tambem se destina a ingressar na massa anonyma do povo deste municipio, despertando, se possivel, o interesse do maior numero, conforme a tendencia apreciativa de cada um, não deveriamos circumscrevel-a á linguagem árida dos algarismos e aos imperativos geographicos e economicos. Dahi o descuido de um devaneio ou de uma emoção, com o seu fundo de realidade, perfeitamente enquadrado nos objectivos que temos em vista, e com que, como a sombra de um oasis, achamos por bem amenisar as paginas deste livro.

Curuçá, 15 de Novembro de 1939

CANDIDO CUNHA

ESTADO DO PARÁ

MUNICIPIO DE CURUÇA

MONOGRAPHIA ESTATISTICO-DESCRIPTIVA

CAPITULO I

Posição, Configuração, Confrontação e Limites

A região do salgado é a zona que vae do Furo da Laura, no municipio de Vigia, ao rio Gurupy, nos limites do Pará com o Maranhão, com fundos, na sua maior extensão, voltados para a E. de F. de Bragança. Comprehende os municipios da Vigia, S. Caetano de Odivellas, Curuçá, Marapanim, Maracanã, Salinas, Bragança e Vizeu.

O viajante que parte de Belem, pela costa, depois de demandar as barras da Vigia e S. Caetano, nas alturas da Ilha das Gaivotas, avista o litoral de Curuçá, que se estende da fóz do rio Mocajuba, margem direita, á embocadura do rio Cajutuba, que o separa de Marapanim. Acha-se assim o municipio de Curuçá encravado naquella região bastante conhecida pela salubridade do seu clima.

A sua situação é de 0, 40' e 50" de latitude sul, 4° 30' 5", 4°, 40', 30" de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro, afectando o seu territorio a figura de um poligono octogono.

LIMITES:— Ao tempo de sua creação, isto é, em 1757, Curuçá limitava-se a L. com Cintra, hoje Maracanã, pelo rio Marapanim, a W com a Vigia, pelo rio Mocajuba, ao S. com o municipio de Belem e Vigia, pelos rios Marapanim e Braço Esquerdo e ao N, com o Oceano Atlantico.

Mais tarde, isto é, em 1869, com a creação do municipio de Marapanim, os limites de Curuçá recuaram do rio daquelle nome para o rio Cajutuba, ficando a margem direita para Marapanim e a esquerda para Curuçá, assim continuando até á fóz do seu affluente esquerdo Simòa, e por este proseguindo até as vertentes do igarapé Juçatcua ou Juçatuba, e deste ponto por uma

linha meridiana até saír no rio Marapanim (Lei n.º 610 de 21 de Outubro de 1860, Lei n. 840 de 1875, Decr. n.º 159, de 12 de Junho de 1890; Lei n.º 666, de 1899)

A falta do traçado da linha meridiana, logo após á decretação desses limites, deu origem, nos annos que se seguiram, a conflitos de jurisdição entre os dois municipios.

Por não se saber ao certo, onde essa linha iria saír no Marapanim e em que altura cortaria o rio Mahú, surgiam controversias por vezes desagradaveis entre os dois municipios visinhos. As opiniões divergiam; de um lado atribuindo-se que a méridiana iría ter muito acima do logar Repartimento e de outra afirmando-se que a mesma iría confrontar a vila de Matapiquara. Aliás esta ultima opinião era corroborada pelo mappa da região, organisado pelo provecto engenheiro Dr. Palma Muniz, que muito se dedicou ao estudo da geographia do Pará.

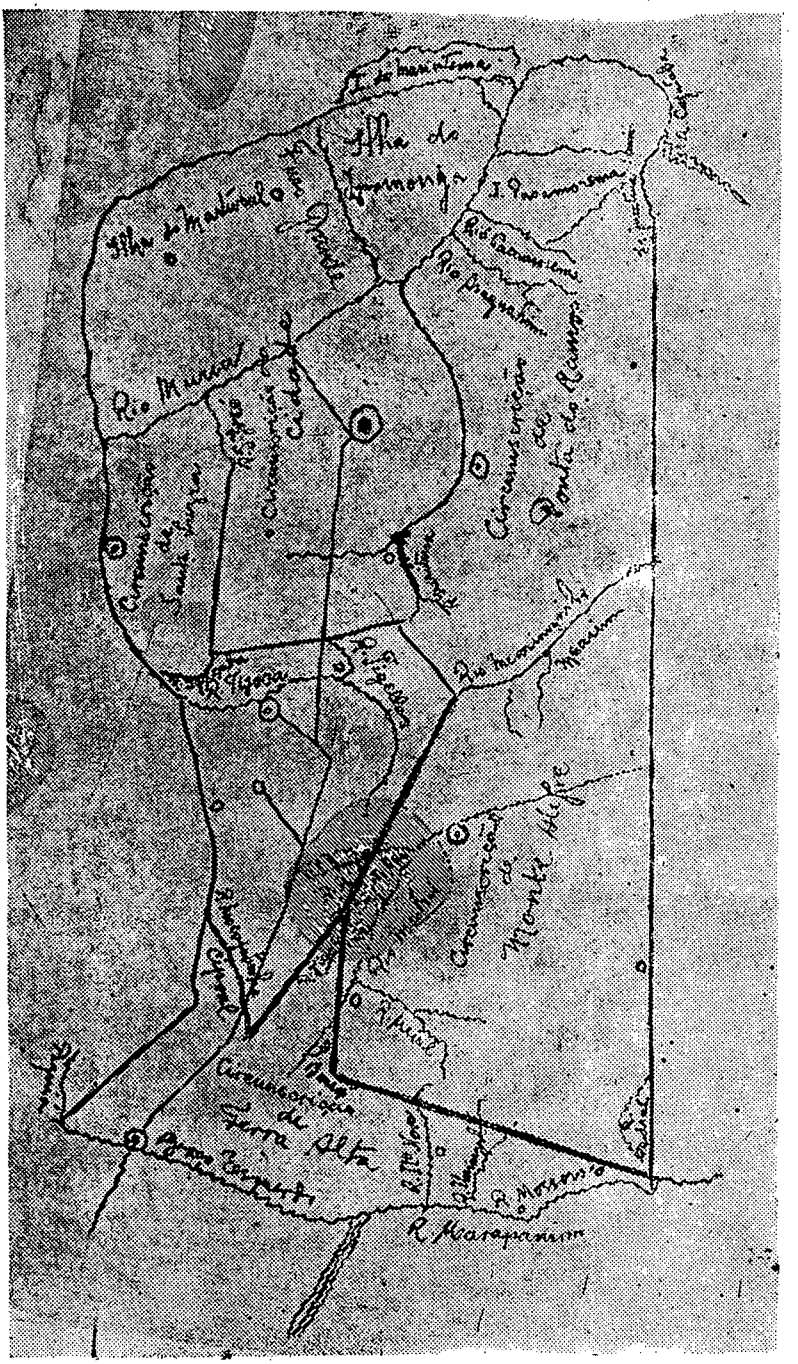
E como as duvidas e contendas se repetissem, o governo do Estado, em 1920, com assentimento dos intendentes dos municipios interessados, submetteu a questão ao estudo e decisão do Instituto Historico e Geografico do Pará, que em memoravel sessão, realizada a 12 de Janeiro daquelle anno, no salão do Gymnasio Paraense, lavrou o seguinte veridictum, amplamente justificado á luz da legislação, da historia e da geographia, referentes ao assumpto em apreço.

1.º—Os limites do municipio de Curuçá com o de Marapanim, pelos rios Cajutuba, Simôa e Juçateua, desde á fóz do primeiro, as nascentes do ultimo, continuam malteraveis.

2.º—Das nascentes do igarapé Juçateua, affluente esquerdo do Simoa, os limites continuarão por uma linha recta, que partindo das referidas nascentes vae encontrar o rio Marapanim na foz do rio Pedral, affluente esquerdo do mesmo Marapanim, situada a fóz aludida entre o Repartimento e o Jambú-assú.

O Instituto, naturalmente, com o fim de evitar duvidas futuras, localisou a fóz do igarapé Pedral, tambem conhecido por Crispim, onde devia salir a linha demarcadora entre os dois municipios, com aquelle opportuno esclarecimento, «situada á fóz al-

MAPA DO MUNICIPIO DE CURUÇA'


Ilha de Tamanaca
Ilha de Tamanaca
Ilha de Maracanã
Rio Maracanã
Rio Maracanã
Rio Mirandi
Rio Mirandi
Rio Mirandi

ludida entre o Repartimento e o Jambú-Assú". Nem o Repartimento nem o Malapiquara, mas, sim, um ponto intermediario mais ou menos equidistante, um do outro e por isso mesmo revelador do alto espirito de justiça que inspirou aquella decisão.

Já era um grande passo dado no terreno da determinação dos limites de jurisdição entre os dois municipios, pois, ao menos, já eram conhecidos os dois pontos extremos da linha de divisão entre os mesmos; e quem conhece a região verificará que o parecer do Instituto teve um alto alcance conciliatorio e equitativo, por ter estabelecido uma linha que divide, em partes mais ou menos eguais, a porção de terras que vae da fóz do igarapé Piquiá, nossa divisa com S. Caetano de Odivelas, aos limites de Marapanim com Maracanã.

Quer isto dizer que o Instituto, quando estabeleceu a fóz do rio Pedral, ou Crispim, como ponto de chegada da linha de Juçateua, não o fez aéreamente, antes pelo contrario, com profunda sabedoria, e á semelhança da celebre sentença de Salomão, partio a questão ao meio, propondo fosse dado tanto por tanto a cada um.

Nada certamente mais justo e razoavel do que essa luminosa decisão.

Entretanto, apesar de já se acharem perfeitamente esclarecidos os pontos da linha de divisão, ficaram as duvidas, aliás claramente infundadas, com relação á bacia do Mahú, rio que, vindo das terras de Curuçá, tem as suas nascentes ha dois kilometros da estrada que vem de Castanhal e correndo a princípio em rumo quasi paralelo a esta, tem a maior parte do seu curso na direção de W para E, até saír no rio Marapanim e que por isso teria fatalmente de ser cortado pela referida linha. Comquanto não se podesse saber o ponto exato dessa interseção, tudo indicava que ella passaria a leste da Villa de Monte-Alegre, que Marapanim insistia em considerar como fazendo parte do seu territorio.

Curuçá, porem, tinha perfeito conhecimento de que essa villa não podia deixar de pertencer-lhe, pois, a pouca distancia em que se acha, da referida estrada que vem de Castanhal, cujo rumo, em geral, é de 10° N. E; orientava o mais inesperiente de que a citada villa não podia, de forma alguma, deixar de fazer parte integrante de seu territorio.

E como Marapanim persistia em atitude contraria, querendo tomar para si toda a bacia do Mahú, desde á fóz ás nascentes, só mesmo a demarcação viria pôr um remate a estas controversias, Foi o que fez o governo do Estado, em 1934, mandando abrir a linha preconisada pelo Instituto Historico do Pará, isto é, das nascentes do Juçateua, á fóz do, igarapé Pedral, ou Crispim.

Procedidos os estudos necessarios, o engenheiro encarregado do serviço, Dr. Luiz Dias da Silva, assentando o aparelho na cota maxima do Juçateua, tomou-o rumo de 16 ' S· W, em demanda da fòz do Pedral ou Crispim. A linha, tendo percorrido

41 kilometros, foi sahir no logar Mossoró, cortando o parallelo da fóz do Pedral a S. W. numa distancia approximada de 7 kilometros, tendo, antes, descido no Mahú, a leste de Monte Alegre, cêrca de cinco kilometros.

Como se vê, a demarcação desviou-se do ponto visado com prejuizo para Curuçá; entretanto o governo resolveu approval-a pelo Decr. n. 1025, de 25 de Julho do dito anno, evitando-se assim a repetição das vultuosas despezas occorridas com aquelle traçado.

Apesar daquella differença, Curuçá acceitou de bom grado a decisão do Governo, satisfeito por se ter emfim discriminado os seus limites e firmado a sua jurisdição naquillo que sempre julgou pertencer-lhe legitimamente.

E a partir dessa data, dissipadas as duvidas, passaram os dois municipios a exercer jurisdição pacifica nos seus respectivos territorios, cada um sabendo, de modo insophismavel, o que lhes pertencia. Deu-se fim a uma velha contenda, motivada tão sómente pela inexistencia daquelle traçado, que já se devia ter effectivado desde os recuados tempos em que fôra creado o municipio de Marapanim.

Agora, com a nova divisão territorial do Estado, como resurgissem as velhas contendas e se impugnasse a validade da linha traçada em 1934, sob o pretexto de não ter sido traçada no rumo que lhe é attribuido de 16° S. W., o governo do Estado, mais uma vez, reportando-se ao que anteriormente havia sido estabelecido, determinou, pelo Decr. n. 3.131-A, que os limites entre Marapanim e Curuçá, continuassem a ser por uma recta da fóz do igarapé Pedral, affluente esquerdo do rio Marapanim, até ás nascentes do igarapé Juçateua.

E' certo que o Decreto citado não usou daquelle esclarecimento — situada a fóz alludida (do Pedral) entre o Repartimento e o Jambú-assú, como o fizera o Instituto em 1920.

O caso, porem, é que o rio Marapanim, a partir do logar Repartimento, para quem lhe demanda as vertentes, penetra no territorio de Castanhal, atravessando a E. de F. de Bragança com o nome de Anhanga, ainda bastante volumoso, indo ás suas nascentes confrontar com as vertentes do Inhangapy.

«Repartimento» é o ponto em que o citado rio recebe o seu principal affluente denominado Braço Esquerdo. Na epocha invernosa, á primeira vista, quem se collocar naquella bifurcação, não poderá affirmar qual dos dois rios seja o de maior volume dagua ou como diz o caboclo, qual destes é a «mãe do rio».

Ambos se apresentam á nossa vista numa exhibição de opulencia, como a disputar a primasia da grandesa. Mas, no tempo da secca, como agora, escoadas as varseas, onde vicejam os cortiçaes e o **guarumã** membeca, este em espantosa profusão, verifica-se, logo ao primeiro golpe de vista, que o Braço Esquerdo desvirgina-se mostrando, atravez da sua agua cristalina, todos os se-

gredos do seu leito de areia; e o outro, como que ufano da sua superioridade, persiste em trazer occulto aos olhares profanos o deslocamento do seu *talweg* e o feitio do seu leito, todo coberto de um pesado lençol de agua escura, cuja expessura determinando a profundidade do rio, está na razão de 3x1 a seu favor em relação ao seu tributario Braço Esquerdo, que é apenas, como está provado, um affluente, é certo que o mais importante do rio Marapanim.

Está visto assim que o referido Decreto, quando se referio ao igarapé Pedral, affluente esquerdo dô rio Marapanim, já o localisou emplicitamente do Repartimento, para baixo, pois seria absurdo procural-o deste ponto para cima

Já não existem portanto, duvidas quanto á configuração territorial de Curuçá, porque são conhecidos todos os seus pontos extremos, sendo estes os seus limites de accordo com a nova divisão territorial do Estado; (Ao N. com o oceano Atlantico, ao S. com o municipio da Vigia e Castanhal, pelos rios Braço Esquerdo e Marapanim; a W com S. Caetano de Odivelas, por uma réta da fóz do igarapé Piquiá, affluente do rio Braço Esquerdo ás nascentes do rio Mocajuba e por este até á sua foz; a L. com o municipio ee Marapanim, pelos rios Cajutuba, Simôa e Juçateua e das vertentes deste por uma réta até á fóz do igarapé Pedral ou Crispim. affluente esquerdo rio Marapanim.)

CAPITULO II

Divisão, Superficie e População

O Municipio de Curuçá é dividido em seis Districtos ou Circumscripções, assim denominadas: 1.a Cidade (séde), 2.a Lauro Sodré, 3.a Ponta de Ramos, 4.a Terra-Alta, 5.a Monte-Alegre, 6.a Santa-Luzia.

São estas as nossas divisas districtaes:

Entre a cidade e Ponta de Ramos:—Começa na foz do rio Curuçá, segue por este e pelo seu affluente esquerdo Iririteua, e sub-affluente Tabatinga até ás suas vertentes.

Entre a cidade e Lauro Sodré:—Começa nas vertentes do Tabatinga, affluente esquerdo do Iririteua, de onde alcança por uma réta as nascentes do rio Tigeles, affluente direito do rio Tijoca e dahi por uma reta ás vertentes do igarapé Igaçaba, affluente direito do rio Mocajuba.

Entre a cidade e Santa Luzia:—Começa nas nascentes do igarapé Igaçaba, affluente do Mocajuba, de onde alcança por uma reta as vertentes do rio S. José; desce por este até a sua fóz e segue pelo furo Muriá até sahir no rio Mocajuba.

Entre Ponta de Ramos e Monte-Alegre:—Começa nas vertentes do rio Mearimzinho; desce por este e pelo Mearim grande, do qual aquelle é affluente esquerdo, até tocar na linha de divisão com o municipio de Marapanim.

Entre Ponta de Ramos e Lauro Sodré:—Começa nas vertentes do Rio Tabatinga de onde alcança por uma reta as vertentes do igarapé Mearimzinho.

Entre Lauro Sodré e Monte Alegre:—Começa nas nascentes do rio Mearimzinho, de onde alcança por uma réta as nascentes do igarapé Pau do Remo, affluente do rio Mahú.

Entre Lauro Sodré e Terra Alta:—Começa nas nascentes do igarapé Pau de Remo, de onde alcança por uma réta as vertentes do Rio Mocajubinha e desce por este até á sua foz no rio Mocajuba.

Entre Lauro Sodré e Santa Luzia:—Começa na fóz do igarapé Igaçaba, affluente do Mocajuba, até as duas nascentes.

Entre Monte Alegre e Terra Alta:—Começa nas nascentes do igarapé Pau de Remo, de onde alcança por uma réta as nascentes do igarapé Bussú, ambos affluentes do Mahú e deste ultimo ponto por uma reta até á fóz do igarapé Pedral ou Crispim, affluente esquerdo do rio Marapanim.

Superficie e população:—Curuçá é um dos menores municipios do Estado em extensão territorial, pois mede 1.030 kilometros quadrados e sua população é de 21.566 habitantes, segundo o recenseamento procedido pela Prefeitura em 1935 e está assim discriminada:

Homens, 10.938; Mulheres, 10.628 — Casados, 6.467; Solteiros, 14.227; Viuvos, 872 — Paraenses, 21 378; Cearenses, 72 Riograndenses, 8; Parahibanos. 28; Maranhenses, 36; Mineiros, 1; Piauhyenses, 15; Pernambucanos, 17 — Brasileiros, 21.555: Portuguezes, 9; Syrios, 2.

De	1 a 9	annos	5.771
»	10 » 19	»	4 726
»	20 » 29	»	3.984
»	30 » 39	»	2.879
»	40 » 49	»	1.516
»	50 » 59	»	946
»	60 » 69	»	977
»	70 » 79	»	456
»	80 » 89	»	269
»	90 » 99	»	21
	100	»	1
TOTAL			21 566

Lavradores, 1.032—Pescadores, 1.215—Operarios, 259—Commerciantes, 122—Serviços Domesticos, 923 — Funccionarios Publicos, 111—Estudantes, 2.186 — Auxiliares do Commercio, 84—TrabalhadoresRuraes, 11.982—Maritimos, 67—Menores, 3.585.

Sabem lêr, 7.716—Analphabetos, 13.850.

Esse numero de habitantes está distribuido pelas 6 Circumscripções ou Districtos em que se divide o municipio:

1.ª **Circumscripção — Cidade** — (2.036), Arapiranga—(505); Valerio e Piquiateua (419), Muriá e Boa Vista do Muriá (515); Abade, S. José, S. Bernardo, Joróca, Retiro e Comandeteua (648); Curupeie e rio Sécco (640); Areuá (346); Mutucal e Taparí (745); Jiriteua do Mutucal (763), Arapiranga de Fora, Jacarequara e Algodoal (561); Bôa Vista, Cabeceiras, «58» e Mearim (883)

Total 8106

2.ª **Circumscripção**—Ponta de Ramos,—Séde — (353); Caratateua e Simôa (702); Pacamorêma (439); Araquaim (960); Arupi (331); Itajuba (640); Coqueiro e Taurumã (541).

Total 3966

3.ª **Circumscripção**— Lauro Sodré— Séde — (330; S. Pedro, S Antonio, Nazareth, Agua Bôa (830); Marauá, Marauázinho e Anany (961); Mocajuba (518).

Total 2539

4.ª **Circumscripção** — Terra-Alta—Séde — (342); Matupirí e Mocajubinha (549); S. Luiz, Jarí e Ilha Nova (622); Santo Antonio (205)

Total 1763

5.ª **Circumscripção**—Monte-Alegre — Séde (463); Tamataquara, Taperinha, Igarapé Grande, Pau Grande e Acaputeua (1.864); Vista Alegre, Areial e S. João do Paramahu (830).

Total 3157

6.ª **Circumspcrição** — Santa Luzia — Séde (588; Igaçaba e Candeua (920); Cumeré e Pindobat (527).

Total 2035

O movimento geral do Registro Civil, no municipo até 31 de Dezembro de 1938, é este:

Nascimentos	11.279
Obitos	9.859
Casamentos	1.875

Esses numeros estão assim distribuidos:

1.ª **Circumscripção** — CIDADE

Nascimentos	7.320
Obitos	7.610
Casamentos	1.108

2.ª LAURO SODRE

Nascimentos	2.414
Obitos	1.405
Casamentos	404

3.ª PONTA DE RAMOS

Nascimentos	890
Obitos	224
Casamentos	110

4.ª TERRA ALTA

Nascimentos	115
Obitos	258
Casamentos	155

5.ª MONTE ALEGRE

Nascimentos	540
Obitos	362
Casamentos	98

Movimento em 1938

CIDAAE

Nascimentos	101
Obitos	188
Casamentos	41

LAURO SODRE'

Nascimentos	35
Obitos	40
Casamentos	9

PONTA DE RAMOS

Nascimentos	42
Obitos	14
Casamentos	4

TERRA - ALTA

Nascimentos	9
Casamentos	11
Obitos	34

MONTE ALEGRE

Nascimentos	36
Obitos	49
Casamentos	18

Circumscripção — SANTA LUZIA

Por só ter sido installada a 15 de Setembro p passado, não apparece o movimento desta circumscripção.

CAPITULO III

Circumscripções Judiciarias e Destrictos Administrativos

LAURO SODRE' — villa á margem esquerda do rio Tijoca, affluente do Mocajuba, ha 14 kilometros da cidade, feita a viagem pela rodovia que liga a vila á estrada de Castanhal, no kilometro 50; pelo caminho que conduz á povoação São Pedro, na mesma estrada, no kilometro 53, essa distancia fica reduzida á 11 kilometros. O porto é navegavel para embarcações de mais de 50 toneladas, pois, até ahi o Tijocá é bastante volumoso, com mais de cem metros de largura. Lauro Sodré é a mais antiga villa do municipio, sendo a séde da 2.a Circumscripção Judiciaria, cuja superficie, como Districto Administrativo, é de 120 kilometros quadrados.

Lauro Sodré, logo no inicio de sua fundaçao, em 1895, teve um rapido desenvolvimento, com boas edificações e um commercio bastante activo. Teve, porem, a desfortuna de ser levantada em terreno de propriedade particular e, por desharmonia entre as duas familias proprietarias, a localidade teve um verdadeiro colapso no seu progresso e ate aos nossos dias ainda se fazem sentir os effeitos desastrosos da falta de união de vista entre os que deveriam ser os primeiros a pugnar pelo desenvolvimento da localidade.

Como a mais berrante demonstração daquellas lamentaveis divergencias, tentaram edificar duas igrejas, uma pela familia A e outra pela familia B, o que deu em resultado cairem as obras de ambas ao abandono e a villa permanecer sem um templo digno desse nome. Ja agora, graças á boa vontade de alguns moradores, trabalha-se pela conclusão da igreja de N. S. do Livramento, o que ainda está dependendo de muito labor, pois ape-

nas estão levantadas as paredes externas, que são de pedra e cal, feita a cobertura e collocada a porta principal. E' sua padroeira N. S. do Livramento, a cuja festividade, realisada em setembro de cada anno, aflue grande numero de romeiros. Existem na villa dois clubs sportivos, o Independencia e o Lauro Sodré Sport Club, que de vez em vez, empenham-se em renhidas partidas com os seus congeneres da visinhança no campo do primeiro daquelles clubs.

Mas a villa nunca mais retomou aquella animação dos primeiros dias, e nota-se mesmo, com angustia, que um sopro de desalento entrava o seu progresso, vendo-se alli tantas ruinas de casas bôas que foram aos pouco e pouco desapparecendo sob a acção implacavel do tempo e do abandono. Entretanto, pela sua excellente localidade, Lauro Sodré ainda poderá resurgir, num attestado do amor dos seus filhos e da capacidade de trabalho dos curuçaenses. A villa está destinada a ser o porto de mar de toda a vasta região, que se extende para leste da estrada de Castanhal, comprehendendo a bacia central do Maú até os nossos limites com Marapanim.

E' necessario, em primeiro plano, desapropriar uma faixa de terras para o seu patrimonio e abrir uma estrada rodoviaria, que, atravessando o Maú, nas alturas da villa de Monte-Alegre, percorra a zona agricola de Tamataquara, São João de Pramaú, Areial e outros daquelle meio. O porto de Lauro Sodré, é o que se acha mais proximo e assim, os generos alli produzidos seriam conduzidos com grande economia de tempo e de dinheiro para o embarque com destino á praça de Belem. De Lauro Sodré a Monte-Alegre temos uma distancia, no maximo de 12 killometros.

O perimetro urbano da villa que conta 50 casas, constitue-se de trez ruas e trez travessas, duas praças e um cemiterio. Sua população é de 330 habitantes, existindo hoje alli apenas uma casa de commercio, com o capital approximado de 8:000$000.

A Prefeitura mantem alli um serviço de illuminação a carboreto, a cargo do fiscal municipal, limpeza das ruas praças e travessas, duas vezes por anno. A população se abastece d'agua nos mananciaes do rio Iririteua, que passa a meio killometro da villa.

o o o

MONTE-ALEGRE — Villa situada á margem direita do rio Maú ha 19 killometros da cidade. E' a sède da 5.a Circumscripção Judiciaria do Districto de Curuçá.

A superficie da Circumscripção ou Districto e de 220 killometros quadrados.

A facilidade de communicação e transporte entre a cidade e a villa de Monte-Alegre, e um problema de urgente solução para o qual devem voltar-se as vistas do poder publico.

Quem segue da cidade, com desiino a Monte-Alegre ou vae buscar o lugar São Domingos, para dahi descer em canôa para a villa, fazendo assim um percurso de mais de 26 killometros, com o inconveniente ainda de andar a mercê de quem tenha embarcações naquellas alturas, ou toma um dos caminhos, o que parte do logar "58" ou o que vae da povoação S. Pedro. para ir por qualquer delles, encontrar a varzea do Maú, de quasi um quilometro de largura, cuja travessia á pé ou a cavallo é impraticavel, sendo necessario, para se alcançar o outro lado. onde está a villa, tomar tambem uma canôa para transporte.

Daqui resulta que é incerto fazer-se uma viagem a Monte Alegre a qualquer hora da noite, pois, pode acontecer que, em se chegondo á margem do Maú, não se encontre conducção e tudo terá de ser adiado, de accordo com as circumstancias.

A solução deste importantissimo problema, de reaes vantagens para o municipio, está na construcção de uma ponte sobre o citado rio Maú, nas proximidades da villa de Monte-Alegre e abertura de uma estrada rodoviaria, ligando-a á estrada de Castanhal, nas alturas do killometro 53 ou do 49. Monte Alegre é o ponto de gravitação de uma importante zona agricola sendo uma das principaes estações fiscaes do municipio. Mas a sua communicação com a capital, feita por barcos á vella, é demorada e accidentada, pois, alem dos inconvenientes resultantes da descida e subida do rio Maú, tem-se ainda de demandar á barra de Marapanim, numa viagem perigosissima para Belem, gastando-se até 15 dias numa viagem de ida e volta.

Entretanto, ligando-se Monte-Alegre á rodovia Castanhal, o seu intercambio commercial poderá ser feito, com visivel economia; não só por esta, como tambem pelo porto da villa Lauro

Sodré, de onde se faz uma viagem para Belem, ida e volta, de seis a sete dias.

A população da villa é de 463 habitantes, com 51 casas, e o seu perimetro urbano constitue-se de quatro ruas e trez travessas, uma praça e um cemiterio. O seu commercio é activo, contando-se 2 casas commerciaes, uma com o capital de Rs. . . . 35:000$ e outra de 20:000$, aproximadamente. As suas festas religiosas são tambem muito movimentadas.

MONTE-ALEGRE — E' ainda séde de um commissariado de policia, sendo a judicatura representada por um primeiro e segundo supplentes de juiz substituto, que celebram casamentos, no cartorio local servido por um official do Registro Civil.

o o o

PONTA DE RAMOS — Villa situada a margem direita do rio Curuçá, sendo o seu porto franco para embarcações de qualquer calado.

E' a séde da 3.a Circumscripção Judiciaria de Curuçá, cuja superficie é de 120 kilometros quadrados. Tem uma população de 353 habitantes, com 40 casas de moradia. O seu perimetro urbano constitue-se de trez ruas e quatro travessas, uma praça e um cemiterio. E' illuminada a carboreto e as ruas são planas e bem cuidadas, muito se esforçando pelo progresso local, o seu velho morador Luiz Rodrigues Mendes.

A villa não tem patrimonio, achando-se encravada nas terras de propriedade de N. S. do Rosario, que é alli proprietaria de uma legua de terras desde tempos immemoriaes. O povo se dedica mais á pescaria, pois, a lavoura é de pouca monta, devido ao exgotamento das terras, e á alarmante disseminação da praga das saúvas.

Entretanto, pode-se desenvolver alli a cultura do algodão, carrapato, coqueiro, com resultados positivos.

O commercio da villa corresponde-se directamente com a praça de Belem, por meio de barcos á vella.

Conta-se ahi tambem um commissariado de policia, um 1.º e 2.º suplentes de Juiz Substituto e um official do Registro Civil.

o o o

SANTA LUZIA — Villa, situada á margem direita do rio Mocajuba, a 12 kilometros mais ou menos distante da cidade.

E' a séde da 6.a Circumscripção Judiciaria, e a menor de todas em extensão territorial, medindo apenas 50 kilometros quadrados. O perimetro urbano da villa constitue-se de trez ruas e quatro travessas, uma praça e um cemiterio. A sua população é de 588 habitantes, com 60 casas de moradia.

A villa está collocada no fundo de uma enseada, em terreno alto, o que lhe dá, vista do mar, um panorama bastante pitoresco.

O commercio é bem desenvolvido, sendo o maior exportador de casca de mangue com que se abastecem os cortumes de Belem, contando-se alli trez casas de commercio com o capital aproximado cada uma, de Rs. 35:000$000, 15:000$000 e 5:000$.

Seria de grande vantagem que se abrisse uma estrada de rodagem, ligando a villa á cidade, passando nos centros agricolas de Cumeré, Bamburral, Alto Candeua, S. Bento e Piquiateua, onde é bem notavel a producção de farinha de mandioca, arroz, milho e fibras.

Esta villa não tem tambem patrimonio, achando-se encravada em terrêno de propriedade particular, o que não deixa de ser um inconveniente para o maior surto do seu progresso.

Entretanto os moradores vivem em boa harmonia com os proprietarios, estes representados pelo velho e respeitavel cidadão Raymundo Ferreira Batalha, que vae influindo beneficamente para o desenvolvimento local. A villa é illuminada a carboreto e as suas ruas e travessas são geralmente planas, recebendo annualmente a limpesa necessaria.

A Policia civil, é representada por um commissario de policia e a judicatura por um 1.o e 2.o supplente de Juiz Substituto, servido por um official do Registro Civil.

o o o

TERRA-ALTA — Povoação situada sobre o rio Braço Esquerdo, nos nossos limites com o municipio de Castanhal. A estrada de rodagem que vem da cidade deste nome passa pelo centro da povoação, acompanhando-a no seu comprimento. Assim o perimetro dessa rodovia, constituido de parte dos kilometros 28 e 29, é uma das ruas da localidade, cujo perimetro, alem dessa, tem mais uma rua, uma praça onde está a igreja, e

um cemiterio. Curuçá tem ahi a séde de sua 4.a Circumscripção Judiciaria com a extenção territorial de 150 kilometros quadrados. A povoação tem uma população de 342 habitantes com 40 casas de moradia.

Terra-Alta é uma povoação central; o porto de mar, que lhe fica mais proximo, é o da povoação Marauá, na circumscripção de Lauro Sodré, numa distancia de 21 kilometros; entretanto, servida como está por estrada de rodagem, é promissor o seu futuro. As terras circumvisinhas, comprehendendo todos os seus nucleos populares, são ferteis para toda especie de culturas, ahi se encontrando tambem as nossas maiores reservas de mattas.

A Prefeitura possue em Terra-Alta, acompanhando a estrada, um patrimonio devidamente demarcado, com titulo definitivo, medindo uma legua em quadro, quasi toda constituida de matta virgem, rica das mais preciosas madeiras de lei.

O rio Braço Esquerdo é navegavel até muito acima da povoação, para batelões que possam conduzir até 100 saccas de 60 kilos. Entretanto, como do porto da povoação, para se alcançar o logar Repartimento, onde o Braço Esquerdo sae no rio Marapanim, é grande o percurso; e desse ponto á foz do rio deste nome, gasta-se mais de um dia de viagem, de descida e mais de trez de subida, torna-se a viagem para Belem demoradissima, e por esta razão o commercio local não se utilisa da via fluvial para as suas transações com a capital. Todo o movimento commercial é feito por terra.

E para o seu melhor desenvolvimento é aconselhavel a abertura de ramificações rodoviarias não só com direcção ás vertentes do rio Mocajuba, nos nossos limites com S. Caetano de Odivellas, como tambem para as zonas agricolas do Jary, São Luiz, Umirizal e outros, que ficam para os lados dos nossos limites com Marapanim.

Em Terra-Alta o commerciante Humberto Paracampos, mantem um serviço de caminhões para cargas e passageiros entre Castanhal e Curuçá, com 4 viagens de ida e 4 ditas de volta.

Como nas demais Circumscripções do municipio, ahi conta-se tambem um commissariado de policia, 1.º e 2.º supplentes de Juiz Substituto e um official do Registro Civil.

A povoação é illuminada a carboreto e as suas ruas, embora não sejam calçadas, apresentam aspecto agradavel. A popuse abastece d'agua nos mananciaes do Braço Esquerdo, do Saldanha e gruta Umirisinho que ficam proximos da povoação.

Em setembro, com muita concorrencia e animação, festeja-se N. S. do Livramento.

CAPITULO IV

Origem do povoamento — Evolução social e politica

Nos primordios do seculo XVII, os jesuitas fundaram no local onde hoje está situada a cidade de Curuçá, uma fazenda, sob o oraculo de N. S. do Rosario.

Já existiam ahi alguns moradores, vindos das bandas da Vigia, trazidos pela facilidade da pesca, da caça e fertilidade das terras, geralmente proprias para a cultura da mandioca, que sempre foi a base da alimentação do nosso povo.

Os padres jesuitas agradaram-se do logar, entre outras razões, pela abundancia e excellencia da agua potavel, ahi existente, contando-se num perimetro de kilometro e meio, cinco fontes, duas das quaes com sedimentos mineraes.

Edificaram a Igreja, toda de pedra e cal, paredes de um metro de grossura, bem proxima do porto da freguesia. E o abarracamento foi se desdobrando em torno da Matriz, até que em 1857, o governador provincial, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, elevou, a fazenda de N. S. do Rosario, á cathegoria de vila, com o nome de Vila Nova D'El Rei, em homenagem a S. Magestade, o Rei de Portugal. E' bem facil de avaliar o effeito que causou no seio da população local, aquelle notavel acontecimento.

A villa Nova desenvolvia-se a olhos vistos e os seus moradores, de anno para anno, tomavam gosto pelo cultivo das terras, que foram cada vez mais se povoando, até que em 1828, em virtude da Lei que deu organisação ao Imperio do Brasil, passou a Villa Nova D'El Rei a denominar-se villa de Curuçá e nessa qualidade realizou a sua primeira eleição para os seus dirigentes no quatriennio de 1829 a 1833.

Com o augmento gradual da população foram tambem se multiplicando os sitios, constituidos de uma e ás vezes de duas ou mais familias, que, entretanto, não abandonavam a villa, onde tinham a casa grande, a que se recolhiam no fim de cada semana, ou por ocasião da festa da Padroeira que sempre foi, é, e ha de ser, por mercê de Deus, a Virgem do Rosario.

Na villa estava tambem a taberna, havendo a memoria de que a primeira que aqui existiu, bem proxima da igreja, pertencia ao Cap. Barbosa; nesse tempo comprava-se o panno

azul a uma pataca (320 réis), o covado, e se adquiria duas roscas ou duas agulhas por um "dez réis"...

Os sitios mais notaveis, que se formaram no interior foram o Lago, o Cordovil, o Membéca, e assim tantos outros que foram se constituindo á proporção que se expandia o surto progressivo da villa de Curuçá.

Cada sitio tinha então o Santo de sua devoção.

Aqui era N. S. da Conceição, ali a S. S. Trindade, mais além o Divino Espirito Santo. Nessas épocas recuadas salientava-se a espontaneidade com que as pessôas visinhas porfiavam em abrilhantar as noites festivas, que decorriam num ambiente de respeito e cordialidade, velho com velho, moça com moça, rapazes no seu meio proprio, a olhar de longe, naquela ansia de quem quer, mas não pode...

E, relembrando o passado, que tão bem aqui se enquadra, não deve ficar sem mensão o que então se passava entre os habitantes do nosso interior.

Quasi sempre, quando á tarde deixava-se a roça, ruma de casa, numa dobra do caminho, ouvia-se ao longe o estoirar de um foguete. Era o ronvite geral e symbolico de uma noitada de festa. A direcção indicava o ponto de chamada. Era na casa do Cap. Brito e certamente o Divino alli ia pernoitar.

O Divino, era a Corôa do Divino Espirito Santo, que, em comissão, vinha de Cintra, hoje Maracanã, da Vigia ou do Camará, angariando esmolas para a festividade que periodicamente alli se realizava.

O Chefe da Comissão, ou melhor, o encarregado, que era o personagem que nos braços conduzia a corôa, já tinha os seus pontos marcados, onde devia vencer o itinerario de cada dia, porque, a noite de chegada do Santo, era um acontecimento nas redondezas, que punha em alvoroço todos os moradores. E por isto era de todo ponto conveniente que se procursase as casas dos lavradores mais abastados, onde a criação (gallinhas) estrondava no terreiro e um capado a mais ou a menos não se fazia notar no chiqueiro.

Era na espectativa de uma noitada de alegrias, que alli mesmo no "Cordovil", ouvia-se, rumo do lago do velho Anveres, o estoiro annunciador do foguete festivo. Já iamos então além das cinco horas e as nossas tardes, — as tardes curuçaenses são tão contemplativas, ha qualquer cousa de mystico nos nossos céos, que tão bem nos falam da sublimidade da nossa patria, que o momento seria de enternecer, si aquelle impulso de outras sensações não viesse perturbar o sentimento que a natureza nos impunha.

Alli mesmo, numa opulencia de mando, erguia-se o

Cumaruseiro secular, e, por de traz delle, mas muito ao longe, o sol, naquella eterna porfia comsigo proprio através das distancias, ia-se sumindo somo que exhausto de forças, e a sua luz era mais um adeus de vencido, do que uma promessa de proximo e vigoroso resurgimento.

Mas, naquella occasião, nada era capaz de mudar o antegozo de uma noite de festa. E' certo que tambem a juritî gemia no galho das ariquenas e a sururina, naquelle trinado, que é queixume quando a noite se aproxima e alviçaras quando a estrella dalva reponta no horizonte, deixava no ambiente uma tonalidade de melancolia.

O que estava, porem, decidido, é que se não podia faltar á ladainha daquella noite, na casa do Cap. Britto, cidadão respeitavel na visinhança, a quem os proprios maioraes da villa dispensavem consideração, porque não era homem de bebericar nas tabernas e se impunha ao respeito de todos pela fama que trazia dos motins da cabanagem.

A's oito horas da noite ainda vinham chegando os moradores mais distantes, vindos das Tigelas, do Membeca, do S. José e outros pontos onde tinha chegado a noticia daquella festa.

A sala, de mais de 30 palmos em quadro, estava repleta de convivas.

Os membros da Comissão do Divino, já servidos de lauto jantar, reuniam-se junto á mesa que is servir de altar e trocavam idéas sobre o programma religioso daquella noite. Tinha-se de resar duas ladainhas, uma da obrigação e outra de promessa do dono da casa, feita mezes atraz, na ocasião em que, com o seu espinhel na agua, ao largo do Araquahim, nas aguas de embiara (as grandes marés de Março) lá veio o Ujamanta, variedade de arraia, que se distingue pela cavidade que tem no alto do focinho, e, prendendo, por sport ou por maldade, como é costume fzer, a amarra da pequena embarcação, um simples casco de tatajuba (é o proprio tóro da madeira cavado e boleado em fórma de balieira) desandou descendo o rio, em plena descabeçante, em demanda da bocaina do Curuçá, do qual o Araquahim é um dos principaes tributarios.

Parecia que um motor extranho e invencivel impellia vertiginosamente a fragil embarcação, que, já a custo, vencia a impetuosidade das aguas nas alturas do Areuá. O perigo era imminente. Confrontar a ponta do Cipoteua, onde já apparecia espumante e pavorosa a primeira quebra dagua, era caminhar para o naufragio inevitavel.

E foi nestas alturas que a invocação do Santo milagroso desapegou o Ujamenta maldito, e a embarcação, impelida agora pelas pás dos remos possantes, tirados da sapopema do

Tauariseiro, recolheu-se á placidez do remanso nas beiradas do Ipomonga.

Tinha-se, assim, naquela noite, de cumprir tão solenne e angustiosa promessa feita ao Divino Espirito Santo.

O mestre caixa, tomando uma das batutas de cabo torneado e bem comprido, dava o signal de chamada com trez baques, bem pousados no instrumento, que a sua propria função está designando.

A mesa, especie de altar, coberta com alvissima toalha de "pelle de ovo", com a extremidade pendente enriquecida de caprichoso croché de entremeio, de mais de meio palmo de largura, estava coberta de rosas e de bugarys. E em frente ao oratorio, sobre a mesma mesa, achava-se a rica corôa do Espirito Santo, entre fitas e flores.

Os foliões perfilavam-se em frente ás imagens, o mestre caixa, os bandoleiros e o tiple, um menor de 11 a 13 annos, que se punha na ponta dos pés á proporção que se elevava a voz na toada da folia.

A caixa resoava num tom soturno, tocada com duas varetas, cada uma por sua vez, num compasso lento que deixava perceber muito bem o efeito de um cordão sobreposto á outra face, o que fazia o éco distender-se num exterior prolongado e original.

O mestre, de voz cavernosa, cantava as primeiras estrophes e, no arremate, entravam os demais integrantes do quarteto, cada um numa altura de voz, e então era de ouvir-se a harmonia bucolica daquelle conjuncto a que se juntava o pandeiro do tiple, o que tudo nos embalava a alma num verdadeiro extase de contemplação e fervor. A folia não era esta dos tempos modernos, irriquieta e folgasã; ella tinha qualquer cousa que nos falava dos tempos distantes quando os deuses ainda confabulavam com os homens e a Yara, a famosa nympha que encanta e seduz porque tem no olhar o feitiço do amôr, surgia, bella como as nossas madrugadas dentre os uapés de um lago ou de um ribeiro.

Seguia-se a ladainha, estendidas as esteiras de tabôa, fazendo de assoalho ou tapete para resguardar do chão o vestido branco ou mesmo de côr berrante das donzellas e das matronas, que respondiam o **Ora pro nobis**, num côro de vozes crystalinas.

Terminada a ceremonia religiosa, e depois de cada um, de joelhos, beijar a fita que pendia da imagem, fechava-se o oratorio, cobria-se a corôa com um manto de velludo e, servido o café com beijú xica, ou especial farinha de tapioca, vinha o mestre-sala, figura de ditador, a quem o dono da casa entregava, com poderes discricionarios, a direcção da parte

dansante que se ia então iniciar.

O mestre-sala acumulava tambem as funcções de marcante da 1.ª quadrilha e ai de quem transgredisse as suas ordens. Seria implacavelmente eliminado do meio, sem appellação nem agravo.

E para evitar medida tão severa, punha-se o mestre-sala no centro da sala edictava o regulamento, em tom alto e auctoritario.

1.º — Teremos a 1.ª e a 2.ª quadrilhas e mesmo a 3.ª, conforme o numero de damas e cavalheiros, dançando doze pares de cada vez.

2.º — Quem dansar na 1.ª não dansará na 2.ª e vice-versa.

3.º — Não é permittido o contracto de damas, devendo estas dansarem com o 1.º cavalheiro que se offerecer após a execução da parte.

4.º — Prohibe-se aos cavalheiros dansarem duas partes em seguida com a mesma dama.

5.º — Não se admitte conversa do cavalheiro com a dama respectiva no decorrer da dansa.

6.º — Desta porta p'ra dentro, — e mostrava a porta do corredor, — só passará o cavalheiro que for chamado pelo dono da casa.

E como justificativa dessas medidas asseguradoras da ordem, finalizava lembrando que todos eram filhos de Adão e Eva, feitos do pó da terra e que, portanto, deviam manter o respeito e a disciplina para o brilhantismo da festa e satisfação dos donos da casa.

E com isto rompia a primeira parte que a ninguem era licito aproveitar, e terminada esta, ouvia-se logo o signal da 1.ª quadrilha.

Nesta formavam os veteranos, as pessoas de mais destaque, ou os que, por qualquer forma, se impunham á consideração do mestre-sala.

O programma traçado se desdobrava sem infracções de quaesquer dos seus artigos e, antes do sol surgir no horizonte, quando já era bem visivel o triumpho esplendoroso da madrugada, o rabequista, "fazendo a primeira", e sem pender a cabeça para cima do instrumento, como fazem os que executam por escala, collocava o magico instrumento, comprimindo-o sobre o lado esquerdo do thorax e fazia a tirada do **lundum** ou **lundú**.

Só um par podia exhibir-se de cada vez; e o mestre-sala era o primeiro a sahir, estalando os dedos e pondo-se aos voltejos em frente da dama que lhe convinha. A parte se prolongava indefinidamente, pois, lá vinha a cosinheira, a cafeteira, a quarentona que passou a noite a fazer cróché (sentada no [illegible] a ver quem a tirasse para dansar) succe-

dendo-se umas ás outras, o mesmo acontecendo com os homens.

Por ultimo sahiam os donos da casa, que, depois de matarem a saudade, punham-se em frente ao rabequista e, num gesto de agradecimento, davam por encerrada a partida.

Com esta dissertação, não se queira pensar, que eram somente, as festas que serviam de motivo para a reunião do povo daquelle tempo.

Tinhamos tambem os **motiruns** ou **potiruns**, embrião do cooperativismo de hoje e que consistiam na voluntaria obrigatoriedade de uns e outros para o plantio de suas roças.

O dono do serviço, o lavrador, derrubava, tambem com adjutorio, aquella porção de matta, cem ou duzentas braças em quadro; e naquelle tempo não se media o tamanho das nossas florestas, que se estendiam desde os arredores da villa até aos confins do Mocajuba. Quando chegava o dia da planta, annunciado com antecedencia, era de ver-se ao longo dos caminhos, a enfieira de gente que chegava, moças de alvas toalhas sobre os hombros, rapazes com suas enxadas para a porfia da cavação (abrir covas para o plantio) e os velhos com os seus reluzentes terçados para o rorte da maniva.

E em chegando á casa do potirum, tomavam o vasto copiar (compartimento da casa, que se differençava do corredor de hoje, pela sua largura), ao longo de cujas extensas paredes, estendiam-se bancos infindaveis, que ficavam repletos de convidados. E corria então, em cuias de fundo bem preto, a manicuéra, original produto da mandiocaba, variedade de mandioca que, ralada e extrahido o caldo, leva-se ao fogo em avultados panelões. Adicionava-se-lhe o arroz ou a macachéra ou a pororoca e, depois de muito bem fervida durante horas, torna-se tão doce como se alguem lhe tivesse adicionado egual quantidade de assucar.

E' bebida nutritiva, facilmente assimilavel ao mais exigente paladar.

Depois de servido todo aquelle povo, que se contava ás dezenas e ás vezes a mais de uma centena, o dono da casa tomava o caminho da roça, seguido dos seus convidados e lá pelas alturas do meio dia já estavam de volta, a roça prompta de planta em toda a sua vasta extensão.

E assim iam os lavradores ajudando-se mutuamente, de forma que quando entrava o mez de Janeiro, estavam terminados os serviços de plantações e logo começava a capina, com o mesmo processo, do adjutorio, a que, porem, já só tomavam parte as mulheres.

O trabalho augmentava, a população crescia, já era mesmo bem notavel o movimento da localidade, mas, a partir de 1833, houve como que um parenthese na vida politica de

Curuçá, sendo-lhe cassado o titulo de villa, cathegoria que só lhe foi restituido pela Lei n. 177, de 1850.

Em 1835, quando se verificaram no Estado os motins políticos, conhecidos na historia paraense por cabanagem, Curuçá teve tambem a sua partilha sangrenta nesses memoraveis acontecimentos, que de qualquer forma que sejam encarados, põem em destaque a tenacidade e o espirito de sacrificio do nosso povo.

Nesses dias de apreensões e terror, alguem vindo dos lados do Mahú, contou na villa que um numeroso bando de cabanos achava-se acampado á margem daquelle rio, no logar Pau-Grande e se aprestava para vir atacar a villa. A noticia era a confirmação dos boatos que já vinham circulando nesse sentido. E' facil de avaliar-se, o alvoroço, a inquietação, o pavor de que se viram tomados os pacatos moradores da villa de Curuçá.

Entretanto, passado o primeiro momento de justa aprehensão, reuniram-se os maioraes da localidade e tratou-se decididamente dos meios de defesa. Ficou resolvido que se havia de oppor tenaz resistencia, fosse qual fosse o desfecho da lucta que se aproximava.

O primiero serviço foi reunir armamentos, afim de verificar-se com quantas armas de fogo podia-se contar naquella cruel emergencia. E cada um foi buscar a sua arma, tantas de carregar pela boca e algumas de fuzil, que eram as mais primitivas porque não tinham gatilho e detonavam ao contacto da faisca tirada da pedra que tinha aquelle nome e que se collocava bem junto ao orifício da polvora, tudo isto numa habilidade bem admiravel. Appareceram tambem os **clavinotse** e **lavarinos**, que eram as armas mais modernas, contando-se ao todo menos de um cento.

Entre outras medidas deliberou-se expedir immediatamente um portador á Vigia, contando a gravidade da situação e pedindo-se ao comandante da força alli estacionada, que mandasse um reforço o mais urgente possivel. As viagens nesse tempo eram difficeis e demoradas e assim, emquanto se aguardava o resultado dessa embaixada, tratou-se seriamente de preparar-se a villa para o combate, que se poderia verificar de um momento para outro.

Tinhamos, então, morando em Goiabal, no rio Mocajuba, um veterano, que já tinha servido no 3.º Batalhão de Infanteria de Belem. Chamava-se MANOEL MARIA DE MOURA, mais conhecido por Badalejo, caboclo forte e destemeroso, e a elle entregou-se a direcção do movimento de defesa e resistencia da villa.

Não havia tempo a perder. Duas sentinellas foram destacadas, uma na passagem do Utinga e outra no Rio Quente,

aquella a um e esta a tres kilometros da villa. Por alli tinham de passar os atacantes, pois, era o unico caminho que vinha do Mahú, conhecido por caminho do Cajú. Levantou-se tambem uma cerca de pau engrasado, da beira do Jutaí ao porto do Maguary. Como é sabido, a cidade de Curuçá fica no angulo formado pelos rios Andirá e Tanque e bem no vertice desta figura geometrica, está a igreja de N. S. do Rosario e naquelle tempo a parte habitada da cidade. O Jutahy é a fonte dagua que ainda hoje existe a uns trezentos metros distante da igreja e foi dahi que se levou a cerca de defesa unindo os dois lados do triangulo. Tambem por ahi passava o caminho por onde tinham de vir os atacantes e foi por isso que Badalejo concentrou nessa parte toda a força do seu commando, constituida de uns oitenta curuçaenses, dentre os quaes podemos citar os nomes de MANOEL DE ASSUMPÇÃO, que foi um bravo, HENRIQUE DE CHRISTO CORRÊA, morto heroicamente em combate, no momento em que era mais acesa a lucta nos arredores do arraial.

Os cabanos tardavam, talvez recompondo-se melhor e recrutando gente para o seu bando. Já se sabia que um morador de Mahú, habil conhecedor do matto, tinha adherido aos cabanos e, como THOMAZ DE AQUINO e GABRIELZINHO, era o que estava escalado para conduzir a horda atacante a Curuçá.

Entretanto essa demora enchia de esperanças os moradores locaes, porque talvez ainda chegasse o reforço solicitado ao Governo da Provincia.

E chegaram 20 praças de linha, sob o Commando de um tenente de apelido Santos, aquartelando-se a força no largo da Matriz, numa casa pertencente a Raymundo Raulino, e que ainda hoje existe já como propriedade dos herdeiros do Cel. CHRISTO FERREIRA.

Apesar de ser tão reduzido o numero de soldados, comtudo a população sentiu-se mais desafogada, porque a farda, sempre é a farda para estas cousas de guerra.

Estava convencionado que a sentinella do Rio Quente, logo que presentisse a aproximação dos cabanos, daria uma detonação e deitaria a correr para a villa, o mesmo fazendo a sentinella do Utinga. Seria isso o brado de alarme para todos os moradores.

Pela demora que havia, a situação já ia se tornando um tanto embaraçosa, porque as mulheres receiavam ir á casa do forno preparar a farinha e os homens não podiam fazer uma pescaria mais demorada, porque não se sabia a hora da chegada daquelles gratuitos inimigos. Não deixava de ser uma situação que tendia a aggravar-se á proporção que os dias se succediam.

E esta espectativa, de se ver exgottado o celeiro, acirrava o animo dos nossos caboclos, que, já agora, sentiam-se como que tomados do desejo de combater e anniquillar aquelle bando aggressor.

Finalmente, segundo as melhores informações, ao primeiro cantar do galo de uma 5.ª feira (no sitio, o galo annuncia invariavelmente o inicio do dia, á uma hora da madrugada) ouviu-se a esperada e ao mesmo tempo apavorante detonação do Rio Quente e com pouca demora outra nas alturas do Utinga. Não havia mais duvida possivel: eram os cabanos que se aproximavam.

Badalejo passou em revista a sua gente, dando instrucções e o tenente Santos tomou egualmente as providencias que o caso exigia. O combate tinha de ferir-se e decidir-se, se possivel, na linha do Jutahy e só em caso extremo se recuaria para o Largo da Matriz, onde então iria ser decidida a sorte dos moradores da villa, que nenhum mal fizeram aos implacaveis cabanos. As mulheres, crianças e homens invalidos, estavam na igreja, junto da imagem de N. S. do Rosario, rogando pela victoria da legalidade em Curuçá, pois, era sabido que os rebeldes, naturalmente pelos dissabores soffridos, tinham-se tornado perversos, inflingindo castigos horrorosos ás suas victimas.

A's tres horas da madrugada ouvia-se distantemente a corneta dos cabanos nas alturas do Sateua, um kilometro apenas distante da villa, e já se ouvia mesmo o tropel do bando sinistro, que conforme se dizia, era superior a 400, entre homens e mulheres.

A corneta cabana parou subitamente nas alturas do Ypopura e logo em seguida ouviu-se o alarido da tropa, que, pelo geito, vinha supondo não encontrar resistencia e foi nesse momento que na escuridão resoou a voz de Badalejo, ordenando — Fogo!

Foi cerca de uma centena de bocas de espingarda que trovejou ao mesmo tempo, e na igreja teve-se a impressão de que a terra extremecia. Os cabanos responderam com menos intensidade, assim como se não estivessem com o dedo no gatilho para o primeiro momento.

Mas a fuzilaria cerrou de lado a lado. Os cabanos, afoitos e destemidos, vieram até proximo á cerca, debaixo de intenso tiroteio do lado de dentro; em algunos pontos conseguir transpor a trincheira, mas quando amanheceu, os defensores da villa redobraram de esforços, estendendo a sua linha de ataque pelo flanco direito dos rebeldes, protegidos pelas ribanceiras do igarapé.

Os cabanos ficaram entre dois fogos e mesmo numa situação difficil, muito embora, num golpe de audacia, tives-

sem tambem destacado uma columna, que, antes de amanhecer, tendo contornado o cercado, atravessou o pequeno igarapé do Tanque e rompeu fogo do lado do Bairro Alto, isto é, pela frente da villa. Mas este golpe tinha sido previsto pelos legais, que estenderam uma linha de atiradores do porto do Maguary para baixo, isto é, em frente á Igreja, e que oppuzeram tenaz resistencia aos atacantes.

A columna cabana do Bairro Alto, cõmo ficou concedida, foi a que mais soffreu, pois, bem poucos, depois que se viram impotentes, conseguiram fugir.

O sol já ia alto; de vez em vez ouviam-se gritos de desespero e de dor e presentiu-se que enfraquecia cada vez mais a ação dos rebeldes e seriam talvez 9 horas da manhã, alguem ouviu a corneta cabana bradar distante, já para além do Ypopura.

Mas ainda haviam atiradores cabanos sustentando o fogo nas immediações da villa. Os legaes resolveram então tomar a offensiva e avançaram impetuosamente, muitos armados de terçados e outros instrumentos cortantes.

Os cabanos não resistiram e bateram em retirada, sendo perseguidos até ás margens do Utinga, que transpuzeram desordenadamente, deixando grande numero de mortos e feridos, armamentos, troços de cosinha e tambem um sem numero de baldes cheios de molho de pimenta com que pretendiam banhar as pobres mulheres, se Curuçá lhes cahisse nas mãos.

Foi muito notavel tambem a ação do Tenente Santos e dos seus soldados, dos quais morreu em combate um de naturalidade pernambucana.

No largo que é do Rosario, cavaram-se enormes vallas para facilitar o enterramento de tantos cadaveres.

Serenados os animos, Curuçá foi retomando o rythmo normal de sua vida de tranquillidade e trabalho, e em 1950, pela Resolução n. 177, de 21 de Novembro, readquiriu novamente a sua cathegoria de villa, que havia perdido deste 1833.

Com o advento do regimen republicano, isto é, em 1890, pelo Decreto n. 66, de 20 de Fevereiro, foi dissolvida a sua Camara e constituido o Conselho Municipal que subsistiu até 1930.

Em 1895, pela Lei n. 236, de 14 de Maio, foi a villa de Curuçá elevada á cathegoria de cidade, cuja installação verificou-se com a maxima solennidade, a 4 de Outubro do mesmo anno, achando-se presente o governador de então Dr. LAURO SODRE'.

Logo após a implantação do regimen revolucionario de 1930, Curuçá perdeu a cathegoria de municipio, passando a pertencer á Vigia, como Sub-Prefeitura Municipal, conser-

vando, porém, o foro de cidade. Em 1931, passou, com Marapanim, a constituir um unico municipio, ficando com o titulo de Inspectoria.

Em 1932, pelo Decreto n. 680, de 27 de Junho, foi Curuçá desmembrado de Marapanim e annexado a Castanhal, com seus antigos limites e pelo Decreto n. 1.136, de 28 de Dezembro de 1933, foi-lhe, com muito acerto e justiça, restabelecida a cathegoria de municipio, retomando assim o rythmo de sua vida autonoma, tão necessario á continuação do seu progresso.

CAPITULO V

A Séde Municipal

Situada á margem esquerda do igarapé Curuçá-Miry, no ponto em que este recebe o pequeno affluente Tanque, a cidade de Curuçá tem hoje uma população de 2.036 habitantes e 352 casas, medindo no seu maior comprimento, pela travessa 7 de Setembro — sua principal arteria — 1.658 metros e 866 ditos de largura. O seu perimetro urbano constitue-se de 9 travessas, 11 ruas, 3 praças, 2 Bosques 1 cemiterio, tudo como um dos mais bem cuidados do interior do Estado. Entre as suas principaes edificações contam-se o predio da Prefeitura, o Grupo Escolar, a Uzina de electricidade, destacando-se tambem a Igreja Matriz, que vem passando por uma grande remodelação na sua estructura interna e externa.

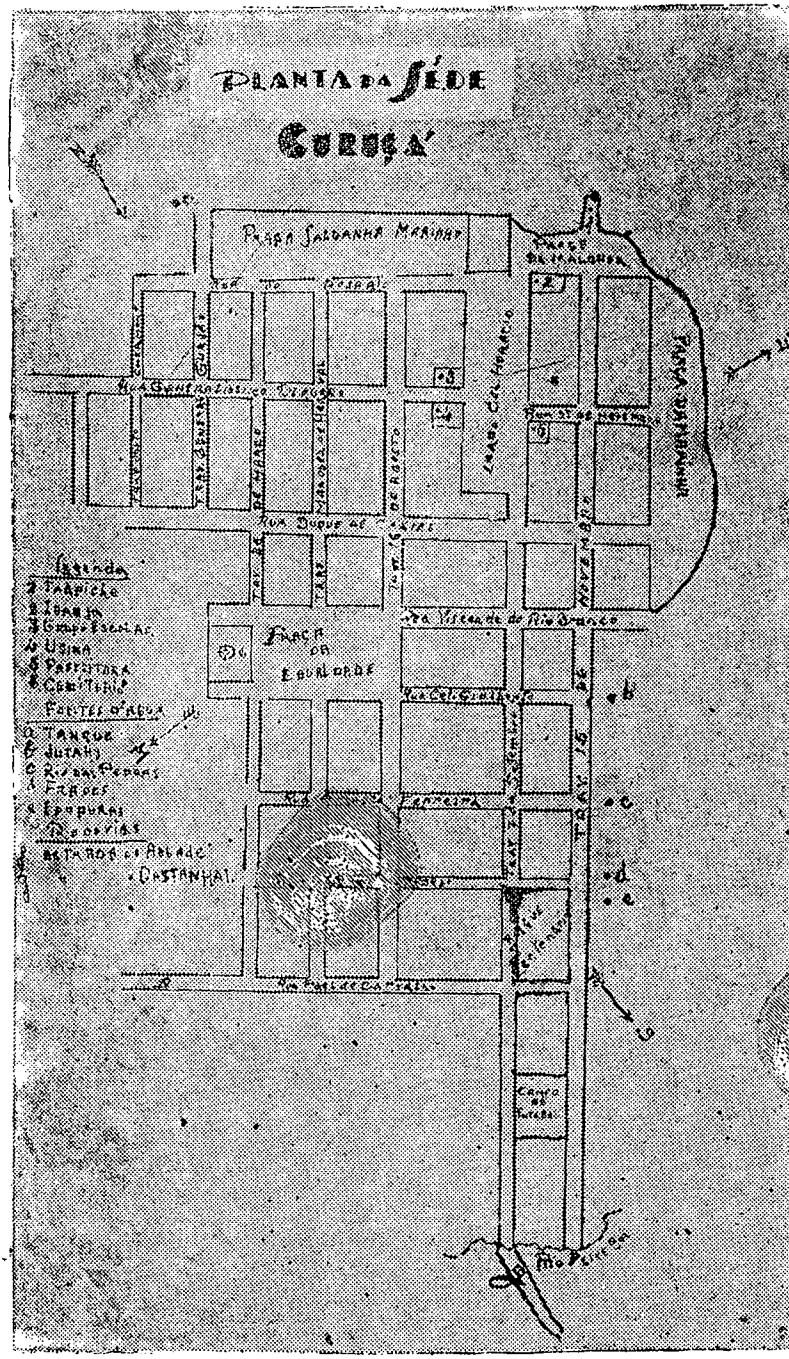
E' illuminada á luz electrica, medindo a rêde actual o total de 6 kiloemtros, com 116 lampadas.

A população se abastece d'agua nas fontes Ipopura, Tanque, Frades e Agua Bôa, todas de incomparavel pureza, e tambem nas denominadas Jutahy, Riosinho, Rio das Pedras, Rio dos Meninos, Rio dos Homens, rio do velho Maia, todas em volta da cidade, e que até certo ponto justifica não termos ainda encanação domiciliaria.

O perimetro urbano comprehende a cidade propriamente dita, onde está a Prefeitura, a Igreja, o Grupo, etc., e tambem os suburbios conhecidos por Bairro Alto, Maranhão, Umarizal e Bosque.

Situada em terreno plano e secco, a cidade de Curuçá, apezar da modestia de sua apparencia, que ainda tem muito do que é natural e antigo, e comquanto seja central, é aprazivel e acha-se encanto em em percorrel-a, principalmente nas nossas suggestivas tardes de Setembro e Outubro ou nessas incomparaveis noites do luar de Novembro.

Quem não vive ainda tomado desse materialismo embrutecedor, encontra delicias incognitas no ceo, no vento, nas arvores, até mesmo nos raios de sol desta terra abençôada que, pela opulencia de sua selva e pelo amôr dos seus filhos, ain-


PLANTA DA SÉDE
CURUÇÁ
Praça Salvanha Marinho
Rua do Hospital
Rua Dr. Barata
Rua Visconde de Rio Branco
Praça da Egualdade
Rua Coronel Antonio
Rua Padre Antonio
Rua Cel. Francisco
Rua Cel. Antonio
Rua Cel. Francisco
Rua Cel. Antonio
Rua Cel. Antonio
Rua Cel. Antonio

da ha tambem de ser grande neste nosso immenso e querido Brasil.

A cidade de Curuçá está a 0. 43' 30" de latitude Sul e 4 43' 32" de longitude ocidental do meridiano do Rio de Jane-

A cidade de Curuçá está a 0. 43' 30' de latitude Sul e 4. 43' 32' de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro, achando-se numa direcção approximada de 45° N. E. de Belem, capital do Estado, da qual fica distante 142 kilometros, se se fizer a contagem via Castanhal, que se acha no kilometro 74 da E. de F. de Bragança.

As nossas communicações com a capital da Republica a-

As nossas communicações com a capital da Republica ainda deixam muito a desejar, pois temos apenas a Agencia do Correio, por onde transitam as correspondencias, via Belem. E' de indisfarçavel urgencia a montagem de uma estação telegraphica, nesta cidade, onde dia a dia chegam pessoas da capital e de outros pontos do Estado, a quem muitas vezes, como aos locaes, occorrem conveniencias de rapida communicação para Belem e mesmo para outras partes do paiz.

Do nosso Governo espera-se a solução deste problema tão necessario ao progresso de Curuçá, para o que é licito contarmos com a bôa vontade do exmo. sr. dr. José Malcher, cujo fecundo labor administrativo tem-se desdobrado em bem servir o nosso Estado.

CAPITULO VI

Aspecto e relevo do solo

As terras de Curuçá, são geralmente planas, notando-se algumas elevações mais ou menos notaveis, num ou noutro ponto do seu territorio, como se verifica no logar Taperinha, á margem esquarda do rio Mahu, em Terra-Alta, povoação á margem da estrada que vem de Castanhal e tambem no kilometro 51 da mesma estrada, de onde se descortina um panorama bastante pittoresco.

A vegetação é de capoeiras e algumas reservas de mattas e no littoral os mangueiros. Sendo o terreno plano não temos cavernas ou sinuosidades dignas de menção.

CAPITULO VII

Hidographia

O littoral curuçaense é bem pittoresco pela multiplicidade de suas linhas, sendo que, havendo communicações internas entre os rios Mocajuba e Cajutuba, por meio de rios e furos de apreciavel largura, forma-se ahi um verdadeiro Delta.

A costa se desdobra formando enseadas e pontas e as praias de areias alvissimas, têm a propriedade de produzir um echo original sob a pressão dos pés dos praianos.

Entre os principaes accidentes temos os seguintes:

FUROS

MURIA, liga o Mocajuba ao Curuçá; ARROMBADO vae do Curuçá ao Cajutuba; RETIRO, do Pacamorema ao Simoa; FURO GRANDE, do Muria á costa; INGAHY, do Araquaim ao Pacamorema.

ILHAS

MUTUCAL — A maior do municipio, formada pelos rios Mocajuba, Muria, Furo Grapnde e costa do Atlantico. Tem cerca de 12 kilometros de comprimento e 10 ditos de largura. As suas terras são fartas de caça e proprias para lavoura.

IPOMONGA — No rio Curuçá tem extensos campos pro-

prios para criação e terras de matta para lavoura. Tem mais ou menos uma legua de extensão e, pela sua situação dará um excellente entreposto de pesca. A ilha do Ipomonga é famosa pelas lendas que se contam acerca dos mysterios que envolvem as suas tradições: "Navios de fogos accesos a manobrar ao largo, sinos a replicar festivamente, gallos a annunciar a madrugada, cavalleiros em ginetes fogosos, de espada em punho, a intimar incautos pescadores a retirarem o **muquem** (girão sobre o braseiro para assar peixe pelo calor), da porta do Palacio do Rei, que vae sahir a passeio; chumbadas desatadas da linha de pesca á hora da preamar, a 20 braças de profundidade; pedra visivel na baixa mar das grandes marés, trafundidade, pedra visivel na baixa mar das grandes marés, trazendo esculpida, uma inscripção, cuja leitura produziria o prodigio de fazer surgir a cidade que alli vive submersa, se as letras não se trocassem a todo instantes, motivo por que ainda não houve doutor que désse geito a tão complicado e original logogripho.

PACAMOREMA — E' tambem constituida de campos e terras proprias para lavoura. Pela sua situação e natureza do solo presta-se admiravelmente para uma grande salina. Tem mais de 20 kilometros quadrados.

CAMPINAS — E' quasi a continuação da ilha Pacamorema da qual é separada por um pequeno furo, que vae do rio Pacamorema ao rio Campinas. Tem mais de 10 kilometros quadrados; é proprio para criação, podendo tambem ser aproveitada para certas culturas como arroz, etc.

MARINTEUA — Situada na parte mais setemptrional do municipio, as aguas do Atlantico banham duas das suas faces, sendo as outras duas cercorridas pelos rios Marinteua e Mello. Tem mais de 15 kilometros quadrados. Possue campos para criação, praias de areias alvas e finas a perder de vista e ao longo dos quaes perfilam-se umas após outras, dunas salientes formando uma verdadeira cordilheira, em cuja fralda rasteja o ajiruseiro com os seus fructos redondos e rubros, do tamanho de um ovo de tartaruga. E os vales adjacentes, vistos de cima, estão pintados de amarello — effeito da flor e do fructo do Murucy, cujas arvores se entrelaçam numa exhuberancia admiravel.

RIOS

Não deixa de ser bastante desenvolvida a nossa rêde hydrographica. O territorio de Curuçá é cortado em todas as direcções pelos rios de maior e menor extensão, todos, porem, servindo como elemento de alta valia, no nosso desenvolvi-

mento economico e commercial. As nossas vias fluviaes, mesmo de reduzido volume dagua, desempenham um papel importantissimo na vida do municipio, por constituirem a primeira condição para o povoamento das terras.

E' á margem dos rios que o homem se localisa com a sua casa de farinha, para os seus serviços da lavoura.

E como ainda é deficiente o nosso systema rodoviario, é por elles, mesmo com insano sacrificio, que descem os batelões abarrotados de carga para o povoado mais proximo, onde o lavrador colloca os seus generos e se abastece do necessario á sua subsistencia. Assim se denominam e descrevem os nossos rios.

MOCAJUBA —Nasce nos alagadiços do logar Pimenta, ha seis kilometros mais ou menos a N. W. da povoação Terra-Alta. E' a continuaçoã dos nossos limites com o municipio de São Caetano de Odivelas, que lhe fica á esquerda. Corre geralmente para o N. apresentando uma quebra sensivel no ponto de confluencia do Tijoca, seu maior tributario do lado direito. Depois de um percurso de cerca de 50 kilometros, desagua no Atlantico...

E' navegavel para embarcações, de qualquer calado até Nazareth, seguramente ha 30 kilometros de sua fóz; as embarcações até 15 toneladas podem ir além, até o povoado denominado Prego e dahi para deante as viagens são feitas em batelões, até perto de seis kilometros de suas nascentes. Do lado de Curuçá banha os povoados Prego, Nazareth, Frecheiras, Arapiranga e a Villa de Santa Luzia. São seus affluentes, vindos das terras de Curuçá, o Cipoal, o Cigana, Veadinho, Prata, Mocambo, Guajará, Tijoca, Igaçaba, Candeua, Paciencia, Pindobal, Jacarequara e Arioca: do lado esquerdo contam-se o Paxiuba, Braço-Grande, Bussu', Bacury, Marituea e Desterro. As suas terras marginaes são fertéis, onde ainda se encontram bôas reservas de mattas, ricas das mais preciosas madeiras, como acapu', pau amarello, etc.

CURUÇÁ'—Nasce no lago Miritisal, cerca de 8 kilometros a S. W. da cidade do seu nome. Corre a principio para L. e depois vae tomando o rumo do N. na maior porção do seu curso até sahir no oceano, formando na sua embocadora, as pontas do Areuá e Cipoteua.

A largura de sua fóz engana quanto á extensão do seu curso, pois não chega talvez a 20 kilometros. Atravessa a estrada que vem de Castanhal, no kilometro 58 e banha as villas Bôa Vista e Ponta de Ramos e os povoados "58", Cabeceira, Arapiranga, Coqueiro e Areuá. São seus affluentes, pelo lado direito o Santa Maria, Iririteua, Itajuba, Taurumã, Pratiquara, Carafuz, Paixis, Secco, Araquahim e Pacanore-

ma; pelo lado esquerdo o Mambeca, Joroca, Curuçá-Miry, Curuperé e Arapury. E' francamente navegavel até Arapiranga e para embarcações de 16 toneladas até Cabeceira; para batelões até acima do povoado "58".

CAJUTURA — Nasce nas varzeas do logar Abacate, no municipio de Marapanim e ao receber o seu affluente esquerdo, Simôa, já proximo de sua fóz, separa os municipios de Curuçá e Marapanim.

MEARIM — Tem as suas nascentes no lago Velho Duarte; banha uma parte do territorio oriental de Curuçá e depois de percorrer uma zona pouco povoada, penetra no municipio de Marapanim, indo desaguar no rio deste nome.

SIMÔA — Nasce na gruta Juçateua e no seu percurso vae separando os municipios de Curuçá e Marapanim, ficando este para o seu lado direito, tem a sua fóz no Cajutuba, que por sua vez completa os limites entre os dois municipios. São seus affluentes, pelo lado esquerdo, o Juçateua, Simôa e Rio Grande.

MARAPANIM — Vem das regiões do Guamá, atravessa a Estrada de Ferro de Bragança no logar Anhanga e ao receber o seu principal affluente Braço Esquerdo, no logar denominado Repartimento, vae separando os municipios de Curuçá e Castanhal, até a fóz do igarapé Pedral ou Chrisp'm, de onde penetra em terras do municipio de Marapanim.

BRAÇO ESQUERDO — Nasce no municipio da Vigia, e ao receber o seu affluente esquerdo Piquiá, penetra em territorio de Curuçá, passando em Terra-Alta, até o logar Repartimento, onde desagua no rio Marapanim, do qual é affluente esquerdo. São seus affluentes pelo lado esquerdo, o Saldanha, o Chato, S. Antonio, Cajueiro e Rio Branco.

MAU' — Nasce nas terras do segundo patrimonio Municipal,, em Terra-Alta, a 2.500 metros distante do kilometro 35 da estrada que vem de Castanhal a Curuçá. Corre a principio para o N. em rumo quasi parallelo áquella estrada, até ás alturas do logar S. Domingos, rumando dahi para L. até sahir no Rio Marapanim, fazendo um percurso de cerca de 40 kilometros. As suas nascentes ficam a S. W. da cidade de Curuçá. E' navegavel para embarcações de 16 toneladas até á villa Monte-Alegre, para batelões até acima de Vista-Alegre. Alem destas, banha mais os logares Sant'Anna, Tamataquara, Taperinha, S. Paulo, Pau Grande e Igarapé Grande. E' muito commercial, servindo a uma vasta região de terras agricolas, que produzem farinha de mandioca, arroz, milho, algo-

dão e fibras. São seus affluentes pelo lado esquerdo, o Cotia, Paxiobal, Piquiá, Urucurana, Jacamim, Jacarézinho, Pau de Remo, S. Domingos, Acaputeua, S. Paulo e Igarapé Grande, e pelo lado direito o Bussu', Areial Branco, Areial, Igarapé dos Porcos, S. João, Braço Grande, Umiry Grande, Umirizinho, Pau amarello, Guarumã, Lavapé, Santa Maria, Tamataquara e Pau-Grande.

TIJOCA — Affluente direito do Mocajuba tem as suas nascentes nas proximidades do kilometro 48 da rodovia Castanhal-Curuçá, na planicie formada pelos rios Mau' e Mocajuba. Banha a villa Lauro Sodré, e os povoados S. Pedro, S. Antonio e Nazareth, atravessando aquella estrada no kilometro 53. São seus affluentes pelo lado direito, o Tigelas, Piraqueira, S. Antonio e Agua Bôa, e pelo lado esquerdo o dio Branco, Camarãoquara e Marauá.

MURIA' — Nasce no rio Mocajuba e desagua no Curuçá, passando no povoado Bôa-Vista do Muriá e S. João do Abade. São seus affluentes, pelo lado direito o Cumeré, Muriáassú, S. José, Muriazinho e Rio Grande.

CURUÇA'-MIRY — Tem as suas nascentes no lago Justina, á margem da estrada de Castanhal, no kilometro 60. Rio de pequeno curso dagua a sua importancia deriva do facto de agasalhar á sua margem esquerda a cidade de Curuçá, séde do municipio. E' affluente esquerdo de Curuçá; nasce com o nome de Rio Quente, toma depois o nome de Andirá e depois que recebe o contigente do Tanque, seu affluente esquerdo, passa a chamar-se Curuçá-Miry. São seus affluentes, o Utinga, o Sateua, o Peixe-Boi, Tanque e Commandeiteua, pelo lado esquerdo e pelo direito o S. Bernardo.

MARAUA' — Affluente esquerdo do Tijoca. Nasce com o nome de Marauazinho, passa na povoação do seu nome, fazendo um curso de cerca de 6 kilometros, apezar de sua pouca extensão, é muito commercial, pois por elle ha grande exportação de arroz, milho, farinha, sendo, talvez o maior escoadouro de fibras do municipio.

CAPITULO VIII

Clima

E' seco o clima de Curuçá, e por isso mesmo muito saudavel. O solo é rico de **humus**, principalmente na parte sul do municipio.

RIQUESAS MINERAES — Já se constatou a existencia de uma mina de ferro no igarapé Camarãoquara, affluente esquerdo do Tijoca, um kilometro distante da vila Lauro Sodré. Um engenheiro allemão que por aqui andou em 1920, affirmou que essa mina se estende daquelle ponto ás vertentes do igarapé Carafúz, affluente direito do rio Curuçá, ha pouca distancia da villa Ponta de Ramos.

Nota-se tambem indicios de ferro na fonte dagua, denominada Tanque, onde se abastece uma parte da população da cidade. A agua é cristalina, leve, constituindo um dos melhores penhores da salubridade de Curuçá.

Rivalisando com ella temos a Ipopura, no outro extremo da cidade, rico manancial que accusa ter, nas suas profundesas, jasidas de enxofre.

Não ha certesa da existencia do ouro, hulha branca e outros mineraes cathegorisados. Com applicação na arte de pintura temos o tauá (óca) de todas as côres; temos tambem o sernamby e a ostra para a fabricação de cal; e para substituir o tijolo de calçamento e, com muito proveito, applicada na tacitura de paredes e alicerces, temos, uma abundancia inexgottavel, em certas regiões, como Terra-Alta, Mocajuba, Lauro Sodré, salientes do sólo, a pedra bruta, com que se poderiam construir templos e fortalesas inexpugnaveis.

No reino vegetal não fariamos figura secundaria se tivessemos de levar a uma exposição as especies variadissimas que possuimos.

Proprias para construcção naval e civil, temos :

O ACAPU' — Proprio para o secco e para- o molhado, nasce como em familia, isto é, onde tem um contam-se dezenas; é espigado e muito chegado ao brosio (buraco), o que torna inaproveitavel muitos exemplaree de apparencia sadia; resiste á acção do tempo, prestando-se tambem para a cobertura de casas, quando redusido a cavaco de dois palmos de comprimento e um de largura. O **pau amarelo**, emulo do

acapu', para as obras de assoalho; o nome está indicando a côr da madeira, chamam-n'o tambem pau marfim, prestando-se admiravelmente para obras de marcenaria, em que egualmente se pode applicar o acapu', sendo como este, classificado como madeira pesada. O pau amarelo destaca-se na matta pela imponencia de seu porte e bem poucos lhe levam vantagem na grossura do tronco. Não tem branco (parte inaproveitavel da madeira que fica entre a casca e o amago ou carne), havendo assim exemplares que produsem mais de uma grosa de taboas de 14 palmas. Ao contrario do acapu', nasce uns distantes do soutras talvez porque cada um, ufano de seu tamanho, pretenda ter o predominio da matta. **Piquiá, Sapucaia, Massaranduba**, louro de diversas especies, Itauba, Bacury, Sapurjira, Angelim, Tatajuba, Cumaru', Jarana, Cupiuba, constituem verdadeiros ornamentos das nossas florestas, cada qual se avantajando na bellesa do seu porte.

Reunindo as diversas reservas de mattas existentes no municipio, poderemos ainda dispor, pelo menos de 20.000 hectares de terras virgens.

E' quasi infinita a variedade de vegetação das nossas terras. Com propriedades medicinaes, temos: o **amapá**, semelhante á seringueira do Amazonas e cujo leite é um poderoso medicamento para os pulmões; a **sucuba**, da qual nada se perde, pois, o leite, a casca e a raiz combatem efficazmente as inflammações do baço, restabelecendo a côr e o apetite; o debil **quebra pedra**, incomparavel desobstruidor das vias urinarias; o matta-pasto, regularisador das funcções intestinaes; a **japana**, de suaves e beneficos effeitos nas perturbações cardiacas; o **apihy**, o **jutahy**, de grande effeito nas tosses rebeldes e a famosa **muirapuama**, cujo uso retarda de modo positivo os effeitos da velhice e corrige o depauperamento, o exgottamento por excessos de qualquer naturesa physica ou mental. Tambem temos, entre os habitantes das selvas, aquelles que nos fornecem excelentes fructos, como sejam o Piquiá, o Bacury, o Abiorana, a Pitomba, o Pau de colher, a Fruinha, que é preta como aseviche, o Umiry, cuja temporada, nas campinas do Pacamorema ou do Ipomonga, dá ensejo a doces palpitações e ás vezes a um serio começo de amôr...

Curuçá poderia tambem fornecer bôa parte de materia prima para os artigos de perfumaria. Entre outros vegetaes temos a **baunilha**, especie de fava, preta e sedosa, que se apanha da arvore do mesmo nome.

As proximidades do logar onde tenha uma baunilha, já aberta, ficam impregnadas daquelle perfume fino e penetrante, que denuncia a sua presença nas immediações. O

oratecéu é outro arbusto cuja raiz nos fornece um aroma agradavel e, assim como o trevo dos regatos e a flor da murta das capoeiras, poderia, sem desdouro, deitar o halito do seu perfume no colo das virgens.

E' como se vê, bem notavel a nossa flora silvestre eé por isso mesmo que ha encanto nas nossas mattas, onde, se é certo que existe a Curupira, a invisivel mãe do matto, que tem a brincadeira de máu gosto de **mundiar** (desnortear) o caçador, fazendo-o perder o rumo do caminho, tambem alimenta em seu seio uma variadissima collecção de animaes de pluma e de pello, alguns dos quaes passamos a enumerar.

Entre os ultimos temos o **veado**, branco e vermelho, dextro nas pernas, nas quaes põe toda a sua confiança para deixar a perder de vista, através dos barrancos e das campinas, o perdigueiro que vae ao seu encalço. Aproveita-se-lhe a carne para suculentos manjares e a pelle, redusida a dinheiro, á razão de dez mil réis o kilo e ás vezes mais, recompensa toda a canceira e correrias de um dia. A **paca** — carne excellente, capaz de agradar o mais exigente paladar. Como o veado vermelho, só anda á noite por veredas cerats, feitas pelos seus proprios pés. Essa pratica torna-lhe conhecidas as passagens, o que lhe acarreta, como áquelle, o desastre das armadilhas (espingarda ou rifle deixado no matto, de gatilho armado para a detonação logo que o esperto noi vago pisa o cordão de palmito de scroroca, que lhe atravessa o caminho). Durante o dia a paca permanece recolhida á sua toca, prompta a saltar pelo **sumutuma** (buraco opposto ao de entrada), logo que algum intruso pretenda abecal-a alli mesmo. Casa de paca, esconderijo de **surucucu'**, cobra de veneno mortal, que com ella vive em bôa camaradagem. Dizem que são compadres. Essa extranha intimidade torna perigoso, desapropriar, sem cautela, uma casa de paca.

O **tatu'**, traz sobre o lombo uma especie de capa pesada, que o torna acachapado e vagaroso no correr. Passa tambem o dia amoitado em casa de facil accesso, ás vezes um simples monte de folhas seccas sobre raizes; seria facil pegar um tatu', mas elle tem o cuidado de ficar, no maximo, a 5 ou 10 metros distante do **sumidor**, buraco de grande profundidade para onde elle escapa logo que se vê assediado no local do seu dormitorio.

Se não se deixa pegar naquelle curto percurso, está em bôa segurança, porque só com um trabalho insano de horas e horas, a cavar o sólo de enxada e de ferro, se chega, ás vezes, a lançar-lhe as mãos. Acontece em certas occasiões que a noite se approxima, o caminho está longe e o caçador, vendo perdido os seus esforços, deixa o **Matapy** no buraco e sahe sujo e exhausto rumo da casa distante. Alem detses temos

ainda a Cotia, desconfiada por natureza; não se sente nunca em segurança, por isso que, mesmo quando toma entre as mãos uma fructa de inajá, sua comida predilecta, põe-se bem na ponta dos pés, a movimentar a cabeça com o olhar fusilante em todas as direcções. Só se poderá tomal-a de surpresa, subindo-se ao mutá, especie de cadeira armada no alto de uma arvore proxima á inajaseira cujos fructos estão servindo de comedia á sagaz corredeira das capoeiras. Bôa carne, o couro presta-se para calçados e curtido na **sapatirinha**, arbusto que se encontra nas nossas capoeiras, tem grande durabilidade.

O **Caetetu'** — ou porco do matto, existe tambem em bando nas nossas mattas. A caça do caetetu' é hoje uma industria rendosa, porque, vivendo em bando, chega-se, ás vezes, a mattar dous, trez e mais por dia. E como o couro está por um preço bem compensador, de dez a quinze mil réis, vale a pena tomar-se a espingarda, o terçado e chamando o "Sultão", e o **Quebra Ferro**, o **Ouve longe**, ao som estridente da busina, ir ver a batida dos porcos nas capoeiras do Miritisal ou nas mattas do Mau'. O Caetetu', quando o mestre da caçada é de faro, não resiste ao embate e de duas uma; ou senta-se para enfrentar os perdigueiros que o cercam num alarido infernal ou mette-se no buraco do pau, julgando assim escapar á sanha dos seus implacaveis perseguidores. E com isto perde fatalmente a partida, acontecendo muitas vezes que, num esconderijo, recolhem-se dous ou mais tresmalhados do bando. Os caetetu's são tambem damnosos á lavoura, pois, quando um bando numeroso sahe numa roça de maniva, verifica-se verdadeira devastação e se o lavrador descura do caso, acaba ficando sem uma batata de mandioca.

Nas mattas do Mutucal, temos a **Guariba**, macaco de estirpe fidalga, que não amanhece na fructeira de comida como os **cuxiu's**, os **pregos** e os **chuins**.

O bando é diminuto, de seis a oito individuos, no maximo. Procuram de preferencia as arvores mais altas da matta e ahi estabelecem o dormitorio. Só depois de um demorado concerto de vozes em que o Guaribão, o pae do bando, em tom trovejante, faz o papel de marcante, sem se aperceber de sua longa barba, que fica encharcada de baba, se a femea, solicita, alli não estivesse enchugando-a com as mãos, durante toda a ceremonia da cantoria, é que o bando, lá pelas oito horas, vae de arvore em arvore, de galho em galho, á procura da comedia. A mania da imitação, que é innata no macaco, levou o **chuim** a pretender ingressar na familia da guariba. Achou bonita aquella ceremonia, aquella cantarola e assim, como pretexto, ou porque se tivesse mesmo deixado tomar de amores pela filha da guarida, pediu a esta a mão da filha para

prompto casamento, solennidade que se realisaria na principal bifurcação do mais possante Piquiaseiro daquellas paragens. A guariba velha olhou com sympathia para o **chuim** mas, vendo-o tão delicadinho e conhecendo-lhe os costumes, procurou dissuadil-o daquelle proposito: "Menino, você é muito fransino e não aguenta o nosso regimen; nós somos fidalgos, acordamo-nos tarde tarde do dia, vamos nos pentear e cantar, e só depois de todas estas ceremonias, é que procuramos a fructeira; ora, você está acostumado a amanhecer na comedia e como não é elegante sahir desgarrado do bando, segue-se que virá dar-se mal e talvez mesmo o caso lhe seja fatal. Pense bem menino, você não aguenta". Como o **Chuim** insistisse, mostrando valentia, a guarida cedeu aos seus desejos e o casamento effectivou-se.

No primeiro dia as cousas se passaram tal qual a guariba velha tinha descripto; quando chegaram na fructeira, o macacozinho já sentia um acentuado mal estar, mas entretanto não deu parte de fraco.

No dai seguinte, durante a ceremonia da toilette e do cantico, notou-se a impaciencia e abatimento do **chuim**, e, na occasião em que deixavam a arvore do dormitorio, a guariba velha lhe fez lembrar as suas ponderações; mas elle, fazendo um esforço supremo, affirmou que nada sentia, que achava-se forte para as labutas do dia. E lá foram todos, mas o macaquinho se atrasava nas correrias e nos pulos e finalmente, ao regressarem á tarde, não poude mais occultar os seus padecimentos. A demora da refeição matinal desarranjou-lhe os intestinos e naquella terceira noite, já sem forças para suster-se nos galhos, despenhou-se coitado, lá de cima, num triste epilogo das suas aventuras.

E' tambem variadissima a nossa collecção de aves silvestres, dentre as quaes podemos enumerar.

O **Mutum** — Typo de peru' de roda; vive nas mattas, não sendo facil surprehendel-o pela extrema facilidade que tem em presentir a approximação de alguem que ande no seu encalço, alli nas mattas marginaes e soturnas do rio Chato.

O **Jacu'** — Menor que o Mutum, é muito commum encontral-o nos mattos do Mutucal.

O **Inambu'** — Relogio, Tuira e Serra; marisca na matta e na capoeira e distinguem-se pela pontualidade ingleza com que assobiam a horas certas do dia. Quando, ás vezes, no serviço da campina, os convidados começam a medir a altura do sol das cinco horas da tarde, para tomarem o rumo da casa, a dona da roça, percebendo a impaciencia de todos, vae dizendo que, ainda é cedo, e pergunda se alguem já ouviu o Inhambu' assoviar.

E se a hora é mesmo chegada, ouve-se proximo, e ás ve-

zes muito Istante, na matta que a prece fumarenta, por de traz da cacaia, aquelle assovio longo, penetrante, tirado em tom menor, como a dizer de alguem que vive solitario e orfão de amôr...

A **surorina** — anda na capoeira e desperta ás 4 horas da madrugada num cantarolar animador, mal sabendo que se não tomar cuidado quando sahir do poleiro, irá cahir na arapuca, para a qual se vê atrahida pelo cheiro da cruciar — residuo da massa da mandioca — que tanto agrada ao seu paladar. A suruorina é de uma ingenuidade admiravel, pois, se alguem vae de mansinho até muito proximo della, quando se espanta, não sabe ou esquece-se de que tem asa, e numa humildade commovedora, esconde a cabeça entr as folhas e deixa-se ficar quieta, de bunda e não de rabo, porque não tem, voltada para cima.

O **jaçanã** — Caracterisa-se pela sua vivacidade.

E' um pernalta-miry, corpo de pipira e pernas de sacahy; gosta dos balseados, dos pontos mais cerrados da capoeira, onde a tiriric e o terecão, que cortam como navalho, desafiam a temeridade humana para uma incursão nos seus dominios. O jaçanã é capaz de acordar um frade de pedra com a descarga do estrillo do seu cantico estridente, que está 100 vezes na razão inversa do seu tamanho.

Temos ainda, a Irapeua ou Pae Pedro, que anda aos pulos pelo chão, a Jurity, a Rola, a Pomba Troçal, que não será qualquer avião marca sumaca que lhe levará vantagem na potencia do vôo, e o Tucano, cujo nome já é bem um começo da afinação de sua voz, difficil de emmudecer vencido num conclave de harmonia, pois este passaro tem na garganta o segredo do som, por isso que, possue uma particula da sua lingua, collocada no tampo do violino ou no phone do clarinete, é assegurar a quem os maneja, um triumpho em cada nota e é abrir caminho á celebridade, é dominar, é embevecer almas e corações.

O **Irapuru'** — E' o passaro bohemio das nossas mattas; é como o filho do fidalgo, que, não ligando á sua linhagem e ao seu valor, toca a banquetear-se e a divertir-se com a gente da sua idade, sem distincção de quaesquer cathegorias. A fama do irapuru' está muito longe e por isso mesmo Curuçá tambem se ufana de contal-o entre os componentes da sua fauna. Os poetas e os escriptores têm-n'o immortalisado em versos e prosas e os naturalistas já o identificaram á luz da sciencia, não havendo assim mais duvidas de que se trata de um personagem alado que já attingiu o apogeu da glorificação. Nem o Rouxinol, cuja voz parece temperada de mel, nem o Carachué, que o sobrepujou nas modulações do cantico, naquelle phantastico dia de Juizo Final, descripto pela

pena prodigiosa de Raymundo Moraes, que é de um fidelidade de machina photographica no apanhar das cousas mais subtis da natureza, levaram tão longe a projecção do seu nome. Eé que o Irapuru', através dos tempos, firmou o conceito em que é tido, de ser o portador ou o transmissor da felicidade a quem o trouxer, empuquecado, bem guardadinho no fundo da algibeira, sem que ninguem o saiba.

Nos lances de amôr, para quebrantar a rebeldia de um coração de mulher, para canalisar o vil metal para a bolsa empobrecida on insaciavel, para criar em torno de si um ambiente de sympathia, não ha talisman, da India, que se ponha á direita do famoso Irapuru' das nossas florestas.

Não é facil pegar um Irapuru', o que aliás, e infelizmente, só se consegue a tiro. E' pequenio, do tamanho de um curió ou patativa. A difficuldade não está em encontral-o, pois, quem for, do meio dia em diante, postar-se nas proximidades do Veadinho ou do rio Vermelho, nas mattas soturnas do patrimonio municipal, ha de ver aquelle bando de passarinhos a voar de galho em galho, numa asafama de festa. Ninguem tenha duvida: é o Irapuru', que, sem ter varinha magica, atrahe toda aquella immensidade de cortesões ou adoradores. Elle está no meio, como se fora o Filho Prodigo e, para identifical-o, seria difficil se não houvesse o recurso de sahir-se dalli para uma distancia de uns 50 metros e imitar aquelle assobio velludoso e demorado que o caracterisa. Elle larga-se do meio da passarada e vem pousar bem proximo do ponto de onde partiu o assobio que elle julga naturalmente esr do companheiro. E' o tempo de apanhal-o, antes que a negrada chegue, o que não se faz esperar para a mesma confusão anterior. Si cahir de peito para cima, ahi teremos um novo Apollo ou um moderno Pedro-Grande, da Barreta. A bohemia do Irapuru' está tambem no facto de não procurar, como o Tucano e outros, as arvores, soberbas, de grandes alturas, para pousar; elle assenta alli mesmo, nas varinhas da matta ou num dos primeiros degraus do Jaboty-mutá (o pó, especie de escada) e, quando muito, num filhotão de breuseiro e outras arvores que, pelo feitio, logo se vê que não pretendem chegar ao infinito.

Na lista das nossas aves ainda temos o Aracuan, excellente para se comer de espeto, mas intoleravel naquelle voseirão de trombone rachado com que dá tambem de annunciar a madrugada; o **Tangurupará**, que traz no bico uma mancha de sangue como signal da licção que deu no avô do Japim, que, assim advertido, não tem a audacia de arremedal-o, como faz com a Pipira, com o Papagaio, Periquito, Arapapá, Araçary, Chicoan, Maracanã e emfim com todos os seus semelhantes de pluma. Não podemos deixar de men-

cionar aqui o **Tentem**, de costa azul marinho e peito amarelo. Pequenino, é uma bellesa na combinação das suas côres. E' um artista primoroso e inegualavel nas variações do gorgeio e que entretanto vive esquecido, ignorado, relegado a um injustificavel obscurantismo. As suas partituras, tiradas quasi todas em semicolcheias e fusas, vão do grave ao agudo em transposições difficilimas, não se podendo ennumerar as variações de sons e de andamento de cada uma dessas arias, que são um verdadeiro prodigio de execução. A sua voz, porêm, tem pouca tonalidade, e talvez seja essa a razão por que não o vemos inscripto na galeria dos rouxinóes, dos sabiás, onde entretanto elle poderia figurar sem desdouro.

Podemso ainda enumerar o **Cancan**, o Bem-te-vi, a **saracúra**, especie de corneteira que brada ás cinco horas da manhã das beiradas dos apecuns ou Apicuns, o **Tangará** ou rendeira, assim chamado pelo estralado que faz, como se dezenas de bilros se trocassem uns contra os outros na tecitura da renda de almofada, e finalmente, muitos outros cuja enumeração levaria muito longe este capitulo.

No littoral, reportando-nos ao que já escrevemos em ligeiro prospecto, temos :

O **Guará** — pernalta de um encarnado vivissimo, o que dá um aspecto inedito ao manguezaro quando o bando tomalhe os galhos á espera da vasante da maré para a perseguição dos **maraquanins** de que se alimenta. E' ave de arribação. No verão um ou outro é encontrado nos igarapés. De Dezembro em diante é de ver-se os infindaveis cordões movediços, em linha distendida, ou fazendo um perfeito triangulo que vae do agudo ao obtuso, constituidos dessas aves que largam dos campos do Marajó, ás tantas da madrugada e das 7 para as 8 horas da manhã demandam as nossas plagas onde permanecem durante a epoca invernosa.

A **garça** — Branca e morena. Andam em boa harmonia com os guarás em cujo bando costumam intrometter-se. Caracterisam-se pela sua feição tristonha, assim como quem leva a recordar aquillo que já se foi e não volta mais.

O **Maguary** — Parece um celibatario; está sempre só; tem a mania de voar muito proximo á superficie das aguas e quando atravessa a embocadura de Curuçá, do Cipoteua ao Areuá, por exemplo, nota-se-lhe a firmesa do seu vôo pesado, descrevendo uma horisontal perfeita, sem a menor variação.

A **Colhereira** — E' tambem uma pernalta. E' muito raro encontral-a nos rios e igarapés; andam ás duas ou tres; gostam do vôo á grandes alturas e só são vistos nas costas da Romana, no Caenagua e nas praias do Marinteua.

O **Taquerê** — De côr cinzenta; tem horror á claridade,

que o cega, vive nos pontos mais sombrios do mangal, a cochilar durante o dia.

A' proporção que a noite se approxima, o bando se alvoroça e se a maré está secca alli nas beiradas do Bom-Jesus, estendem-se aos pelotões a consumir os sararás.

O **Rato do matto** — Imponente no vôo e no amarisar. E' tambem nosso visitante de Dezembro a Maio, quando regressa a Marajó, onde tem as suas ninhadas.

O **Mergulhão** — E' um pato pequeno, de côr preta, de uma audacia a toda prova e por isso mesmo é o pavor das paratiqueiras e outros peixes miudos. O bando é enormissimo, de centenas e centenas, que se encherga de longe, tomando ás vezes toda a extensão de uma crôa, como a da Bragancinha, do Maluco ou do Tôco-Preto. Alli estão como um exercito em pé de guerra. De vez em vez um se destaca do bando e vae, mar a dentro, sondar o cardume. Si a pesquisa dá resultado, aquella infinidade de passaros pretos deixa a crôa e forma um enorme circulo na agua, que abranje todo o cardume.

As pratiqueiras debalde procuram romper a linha dos seus perseguidores, que, de mergulho em mergulho, saciam a fome voraz e só então, levantando o vôo, vão sentar distante para outro lanço no dia seguinte.

O **massarico** — Distingue-se pela rapidez do vôo em curta distancia.

A **ariramba** — Põe-se no galho de um mangueiro, pensso para o mar. A sua vista é tão penetrante que, da altura em que se põe, divulga a sardinha que passa até 1|2 metro de profundidade. E como se fosse no effeito de uma pedrada, cahem pesadamente, de cabeça firme para o fundo e dahi a momento surge com o mayisco atravessado no bico adunco e soltando uma especie de gargalhada, vae pousar noutro galho, repetir a mesma proesa.

Temos ainda a **saracury**, pequeno pernalta cuja origem desafia a paciencia dos pesquisadores.

No dia 1|4 de Maio são vistas em grande numero nas margens dos igarapés, e continuam, com muita vivacidade, a correr celeres, na perseguição dos sararás, de que se alimentam, até Novembro, época de seu desapparecimento, que corre tão mysteriosamente como o seu apparecimento a Maio de cada anno. Não ha quem lhes conheça os ninhaes ou as tenha visto em estado de crescimento. Já houve tambem quem ouvisse, ao amanhecer de um 30 de Abril, nos mangueraes soturnos do Areial, Rio Mocajuba, um estranho estrillar de vozes,

annunciador da alleluia das saracuras. São lendas que se perdem na sombra pesada dos tempos.

E por falar em lenda, lembro-me do que encontrei alli pelas alturas do Repartimento, e que reproduso aqui, procurando dar-lhe as côres e o nervosismo, que a scena me sugeriu ao calor da experiencia, na vaga lembrança de cousas que já se foram na fumaça da mocidade...

A tarde tinha qualquer cousa que falava á alma e ao coração, convidando, a quem sabia sentir, a um momento de meditação. Mas como ainda estivesse longe de casa, o viandante de nada se apercebia, principalmente porque convinha atravessar a matta com aquelle resto de luz crepuscular.

O seu pensamento era sempre o mesmo: arrependido de ter abandonado a casa paterna em procura de fortuna, agora retornava ao lar sem que tivesse encontrado a sonhada felicidade.

O caminho fazia uma curva, e logo adiante um rio o atravessava. No lado opposto, viu um vulto de mulher, que, em seguida á profunda lamentação, se recostou, cambaleante, numa arvore que alli se erguia altaneira, num gesto protector.

Coração sempre aberto ás acções generosas, elle correu em soccorro da desconhecida, e, tomando-a nos braços, indagou, com ternura, dos seus padecimentos.

—— Eu deixei a outra estrada alli perto e vim saciar a sêde que me atormentava; mas logo aqui, já tão proximo do rio, senti-me picada creio que por um inseto venenoso e tenho a impressão de que vou morrer. Tenho sêde, muita sêde.

Elle encaminhou-se então para o rio e, tomando uma larga folha de **guarumã**, improvisou um funil com o orificio posterior fechado, enchendo-o do precioso liquido, por tres vezes, foi e voltou, levando-o á bocca resequida da desventurada mulher. Ella rehabilitou-se um pouco; poude suster-se mal nas pernas, e apressou-se nesta explicação:

—— Alli no incruso do caminho, deixei a minha bagagem, e tudo farei para chegar até lá. Mas as minhas pernas estão tão fracas, e vejo tudo girar em torno de mim!

E a sua voz era doce como uma benção.

—— Não a abandonarei, até que a veja restabelecida, — affirmou elle em tom resoluto.

E a conduziu ao ponto indicado, que não era muito distante.

Sobre o dorso de velha cupiubeira, que atravessava o incruso, estava uma maleta de mão. Ella pretendeu retiral-a

dali, mas, neste momento, cambaleou novamente, sendo, comtudo, amparada pelo seu generoso companheiro.

Desta vez, soltando um gemido e levando a mão ao coração, ficou immovel, numa sonolencia de moribunda.

A noite já vinha, então, cahindo com todos os seus presagios de agouro. Até o **Arutahy** bradava lá distante, naquele seu lugubre e pousado estribilho de solitario — **foi... foi... não... voltou... mais...** e o **Canauarú**, lá dos galhos da jaraneira proxima, como boi cançado, denunciava a sua presença para quem quizesse, no dia seguinte, tirar-lhe o ninho cheio de resina cheirosa e feiticeira.

Em certo momento, por espirito de curiosidade ou por uma intuição qualquer, êle procurou verificar o que se continha naquela maleta, que estava presa por um cordel bem forte. Desatou o amarrilho e, com surpresa, vio que a mesma continha grande quantidade de moedas de ouro e um pequeno estojo de veludo ermeticamente fechado.

— Ora disse êle, bem que eu podia agora deixar aqui esta desconhecida e condusir todo este dinheiro. E estou sem um ceitil. Mas... não; seria um crime, uma vilania, uma indignidade que repugnam á minha consciencia. Nunca! Agora, se este somno em que ela está, não for presagio de morte, que ainda se restabeleça como espero, e quiser dar-me um punhado dessas moedas, consulto a mim mesmo se devo aceitar. Sinto que aqui fiquei sem o menor vislumbre de quaesquer interesses, simplesmente apiedado dos seus padecimentos. Entretanto, vejo que lhe tenho sido util, com o meu proprio sacrificio, pois aqui estou ao relento ha tantas horas, sem uma migalha de pão. Penso, poranto, que poderia, sem desdouro, aceitar essa recompensa, mas tambem se reconhecesse que era dada de coração.

Interrompendo involuntariamente a estas cogitações, a desconhecida, pronunciando um — onde estou? — ergueu-se vagarosamente, com o auxilio do seu companheiro; e como a lua, nessa hora, sempre naquela sua feição tristonha de sentinela perdida na immensidade do firmamento, a quem se reservasse a missão de sondar os profundos misterios da noite, lá do alto, focasse a terra em jatos de luz cristalina, logo reconheceu onde estava e não extranhou a presença do seu protetor.

— Vejo que tens um excelente coração e um nobre caráter. Tiveste para comigo um desvelo que não sei como possa recompensar. Entretanto, desejava que me dissesses em que poderia ser-te util. Talvez eu possa fazer por ti al-

guma cousa. Trata-me por tu, familiarmente, assim o mereces.

— Sim; só o que te posso dizer é que, apezar de toda a minha diligencia e bôa vontade em adquirir fortuna, sou um homem pobre, muito pobre, A felicidade tem sido para mim como o horisonte, sempre inatingivel, a acenar-me de longe, na mesma distancia, sempre, na mesma distancia... Falam no Irapurú, que tem o dom de transmitir a felicidade a quem o possue; nem isso ainda pude conseguir.

— Ah!... acudio ela com vivacidade. Eu tenho um... é meu... mas... E' prodigioso, e, de posse dele, tudo terás alcançado na vida. Tu bem o mereces, pois, pelo que vejo, só assim poderei recompensar a tua rara fidalguia e cativante generosidade. Mas... não... sim...: vem comigo, esta mata tem uma influencia extranha, que faz calar todas as vontades.

E abrindo a maleta, a desconhecida retirou dela o estojo de veludo e, pondo-se na frente, internou-se na mata, seguida daquele que era ao mesmo tempo seu protetor e protegido.

— Vamos disse ela, vamos depressa, pois tenho de retomar a estrada antes do dia clarear. A maleta fica para não nos estorvar.

O silencio era profundo nas cercanias; somente, de vez em vez, ouvia-se o cahir de um galho seco, um chiado de inseto, o susto ed uma caça que apressadamente deixava a vereda e, mais espadaçamente, o grito caracteristico que a propria oscilação de uma e de outra, arranca de duas arvores que o destino unio num amplexo indissoluvel.

Já não estava perto o caminho abandonado, quando chegaram a uma aberta na mata, onde o luar penetrava em todo o seu poetico explendor.

A desconhecida parou, olhou em volta de si, numa distancia de dous a tres passos do seu companheiro, que, naquela ocasião, vio bem ela guardar no seio o estojo que até então vinha trazendo na mão.

Ela permanecia de pé, sem proferir uma palavra; e êle tambem em silencio, aguardava o desfecho daquela scena, que já começava a lhe parecer incompreensivel.

E como ela persistisse somente em olhar em torno de si, como quem procura alguma cousa ou sente-se em sobresalto, ele procurou moderadamente receber o prometido. Ela recusou, num gesto de susto, como se o desconhecesse, e quiz retomar o rumo da estrada.

— Como! disse êle com vehemencia, pois então me trazes aqui para decidires da minha felicidade e, agora, sem a me-

nor explicação, queres deixar-me sem ao menos o conforto de uma palavra ?

— Quero ir-me embora, decidio ela ofegante, mas com acentuáda ternurá de voz; e vâmos, o dia já está proximo e eu não posso aqui amanhecer.

— Mas olha, escuta, vê bem. Porque ocultaste o prometido ? Eu continuarei, então, na mesma desfortuna de sempre ?

— Sim, vamos, vamos daqui.

— Mas olha, escuta, vê bem. Vejo que estás sobresaltada, como tomáda de um súbito pavor. Será efeito da influencia da mata, de que me falaste ? Não, não pode ser, porque tu me deste a entender que essa influencia seria propicia á minha felicidade.

— Sim, mas eu não posso; o que tenho não é meu; agora lembro-me de tudo. O veneno tinha-me certamente perturbado os sentidos. Vamos, vamos daqui, se não tudo estará perdido, até mesmo alguma esperança que te possa restar.

Ele ainda quiz insistir, mas naquele momento a voz estridente da **Saracura**, a gritar — **tres pote, tres pote** .... estava tambem dizendo que eram cinco horas da manhã.

— Pois bem, decidio êle. Não mais quero a tua proteção; desejo apenas de ti um juramento, se é que ainda te lembras do pouco que fiz em teu beneficio. Não custa nada o que quero pedir-te; é talvez a cousa mais facil deste mundo. E' um simples esclarecimento.

— Sim, já tenho sobejas razões para confiar no teu cavalheirismo. Juro que atenderei o teu pedido.

— Desejo apenas saber quem tu és, já que em tudo estou percebendo um misterio impenetravel, que me atormenta. Muita razão teve quem affirmou que a mulher ha de ser sempre um eterno enigma. Dize-me, pois, quem tu és.

A esta indagação, ela soltou como que um gemido de angustia; ele teve de fazel-a sentar ao seu lado; e ela, inclinando a cabeça sobre o seu peito, poz-se a soluçar.

Ele, mais uma vez, apiedou-se da sua estranha companheira.

— Tudo isto é muito esquisito, disse ele. Porque choras assim, a uma pergunta tão simples e inofensiva ?

Ela nada respondeu, procurando sempre aconchegar-se a ele, que insistio na indagação.

— Acabei de te dar o meu juramento de que não te negaria o que me pedisses e devo lembrar-me do que fizeste por te humildemente, eu te suplico que não o queiras saber.

Pede-me outra cousa, sim, pede-me outra cousa, que não implique na minha infelicidade.

Mas isto não tem explicação, eu não te compreendo, bôa mulher; não sei mais se és santa ou demonio; o que é certo é que, apezar de tudo, tenho-me apiedado de ti. Entretanto, exijo que digas quem és e eu insisto nesta indagação, ainda que o dia aqui nos surpreenda.

— Ah! lá estão as primeiras nuvens plumbeas que antecedem as outras côr de rosa do nascer do sol, e eu tenho de chegar á estrada antes do dia clarear. Tudo estará acabado para mim se o contrario se verificar. Tenhas, pois, piedade de mim, não desejando saber quem eu seja, porque, se eu tal te dissesse, estariam quebradas as minhas forças e tu poderias talvez fazer de mim tua escrava.

— Não, minha bôa amiga, de qualquer forma que seja, saberei ser cavalheiro, guardando com verdadeira usura, o que me revelares. Eu não ousarei jamais arrancar um cabello da tua cabeça, se tu não m'o permittires.

— Pois bem. Vou fazer a tua vontade e reconhecer o teu merito, com o meu sacrificio, que só não se verificará se fores um homem de honra. Espera. Eu volto ali, onde estivemos naquela clareira. Lá eu vou deixar o estojo que guardo no seio, porque, entre outras razões, preciso desfazer-me dele para que eu possa então revelar o que desejas.

E ela desappareceu por entre as arvores, e decorridos poucos minutos já estava de volta.

— Sentemo-nos aqui, disse ela. E' preciso que nem o vento que está soprando nem este resto de noite que nos cerca, oiçam o que te vou dizer. Chega, pois, o teu ouvido bem juntinho á minha bocca e escuta, escuta o que eu não queria desvendar.

Assim ele fez, durante uns cinco minutos, ali não se ouvindo o menor ruido, como se a propria natureza quizesse tambem entrar no conhecimento daquele segredo.

Mas nada se ouvio, nada se soube. Vio-se apenas ali permanecerem por mais alguns instantes, como que embevecidos ao som de harpas e violinos. Já eram então bem visiveis no oriente as nuvens côr de rosa e a saracura, mais uma vez, repetio o seu cantico estridente, como querendo despertar os que dormem....

Ela partiu, então, célere, rumo da estrada, deixando-o por momento numa atitude de duvidas. Mas, resoluto, sahio ao seu encalço; era tarde, porem; ela tinha ganho terreno, ape-

zar de que ainda se ouvia o rumor que fazia por entre os arbustos da mata.

Vendo que não podia alcançal-a, ele bradou com visivel emoção: E o estojo... e o estojo... eu posso ir buscal-o p'ra mim?

Lá distante, como se tivesse interrompido a carreira para melhor se fazer ouvir, ela exclamou, pondo em cada palavra o reflexo de um desejo e uma definição a toda esta scena sem fim: "Eu sou a Yara... é meu... mas não me pertence... sim... não sei... mais tarde... espera..." E o echo dette — espera — perdeu-se na mata numa torturante vibração de promessa... longinqua.

Ele moderou os passos e proseguio na mesma direção, a dizer numa convicção mixto de desalento e triumpho: Muita cousa se pode, com facilidade, fazer na vida: recusar... ceder... adormecer... mas o que dificilmente se consegue é esquecer o contacto que queima e a doçura daquilo que vae direito ao coração...

Ainda hoje, ha quem diga que aquele estojo de veludo ali permanece, e que têm sido baldadas todas as batidas para descobrir a clareira, onde, naquela noite, a luz do luar penetrava com tão poetico explendor; e que tambem, em certa noite do ano, quem passa ali naquele incruso da velha cupiubeira, ouve distintamente, de dentro da mata, uma voz cristalina e provocante a dizer, como quem proclama um desengano, canta uma vitoria ou extremece ao impulso irresistivel do coração: Eu sou a Yara... é meu, mas não me pertence... sim... não sei... mais tarde... espera...

CAPITULO IX

LAVOURA E CRIAÇÃO

Apesar de ainda rotineiros os nossos processos agricolas, entretanto a lavoura constitue a principal ocupação do nosso pov e a sua produção é que estabelece o equilibrio da economia publica e particular.

Presume-se que houve desperdicio das nossas matas, pelas derrubadas que se faziam periodicamente, para o exclusivo plantio da mandioca. Entretanto, refletindo-se maduramente, havemos de nos convencer de que não são tantas as razões que possam justificar esse suposto desperdicio.

Ha de se reconhecer que o nosso lavrador não podia ser o inovador dos processos de melhor aproveitamento das terras, nas suas multiplas modalidades, mesmo porque, se é verdade, como dizem os entendidos, que o homem é o resultado do meio em que vive, o que certamente importa em dizer que ele obedece naturalmente a uma tendencia de adaptação ás contigencias de sua vida no espaço e no tempo, é de concluir que outra não podia ser a ação do nosso caboclo nos seus trabalhos de lavoura.

Sem meios de transporte, sem estimulo, sem garantia mesmo de encontrar compensação ao fruto do seu labor limitava-se ele ao plantio da mandioca, unico genero que sempre teve assegurada a sua colocação e consumo. O arroz só se cultivava para o uso domestico, porque não vão muito longe os tempos em que eram quasi nulas as vendas de arroz em Belem, pela falta de usinas de beneficiamento.

O comercio de madeiras era egualmente impraticavel no nosso meio, entre outras rasões, pela carencia de transporte.

Emfim a unica atividade rural, que com todas as suas in-

conveniencias, satisfasiam, de um modo ou de outro, ás necessidades d opovo, era a cultura da mandioca. Por esta razão, na ansia de produsir em abundancia o unico genero que lhes garantia a subsistencia, necessario era aproveitar as terras virgens e lá vinham as grandes derrubadas das nossas matas.

Não se punha, pois, toda a responsabilidade daquilo que já ficou perdido, em cima do nosso povo. Fatores varios concorreram para a situação em que nos achamos, relativamente as nossas reservas de matas. Entretanto, ainda são muitas as nossas possibilidades. As nossas terras ainda prometem uma larga produção de arroz, milho, algodão, feijão, gergelim, carrapato e tambem laranja, coco, andiroba, abacate, bacuri, banana, tangerina, café, etc.. O nosso futuro, porém, exige desde agora e já está tardando uma campanha decisiva, pertinaz, continua, contra a sauva, cuja propagação assustadora ameaça estiolar de modo irremediavel a totalidade das nossas terras. Curuçá lança mesmo um brado de angustia e de socorro aos poderes publicos do Estado è da União, afim de que se punha em immediata execução um plano de combate contra essa terrivel praga, cuja extinção, no nosso meio, não está mais ao alcance da iniciativa particular ou da propria Prefeitura.

Partindo do litoral, numa penetração de cerca de 20 kilometros, pode-se estimar sem exagero, em mais de 100 kilometros quadrados as terras já invadidas por esse implacavel destruidor do trabalho agricola.

E mesmo assim, numa porfia insana, o nosso lavrador semeia nessas terras e, a golpes de tenacidade, perdendo talvez quasi cincoenta por cento do que poderia colher, ainda traz aprciavel contigente ao acervo da nossa produção.

Felizmente as zonas do sul do municipio, ainda se acham imunes dessa calamidade e é justamente para preserval-as do mal, que se impõem as medidas que atraz sugerimos.

A farinha de mandioca ocupa o primeiro logar na balança da nossa exportação. Um hectare de terras produz em media 50 alqueires, ou 1.500 kilos, o que demonstra a produtividade do solo. Em 1938, a produção de farinha, foi de 3.493.368 kilos, ou sejam 116.463 alqueires, inclusive o consumo interno.

Antigamente só se fabricava a chamada farinha dagua branca e amarela, de grande consumo no Estado. Agora, porém, com o uso das **rodetes** (aparelho de ralagem da man-

dióca), incrementou-se o fabrico da farinha seca ou sarui, com notavel saida para os portos de Manaos e Nordeste do Brasil. O amido da mandioca produz, tambem farinha de tapioca, muito parecida com a pororoca de milho, tambem de grande procura no mercado de Belem.

O quadro anexo mostra o volume da nossa produção agricola.

CRIAÇÃO — Só no litoral, isto é, nas ilhas Ipomonga, Campinas, Pacamorema, Marinteua e Tapari, temos campos de criação. Mas essa industria é quasi nula entre nós, não passando talvez de trezentos o numero de reses existentes em todo o municipio.

Movimento da exportação em 1938

FRUCTAS

Unidade		Valor commercial	Imposto
Abacates	1.360	54$400	10$400
Bananas, cachos	109	190 000	14$000
Bacury	250	7$000	1$200
Cocos	1 335	463$000	39$100
Laranjas	101.200	5:208$500	289$400
Limas	3.000	80$000	7$900
Limão	3.200	44$700	5$800
Melancia	200	80$000	3$800
Tangerina	500	20$000	1$200
Pupunha, cachos	45	46$000	1$300
		6:193$600	374$200

CRIAÇÃO

Kilos		valor commercial	imposto
Gallinhas	7.363	20:248$400	1:855$000
Patos	120	378$500	60$100
kilos		valor commercial	imposto
Perús	79	477$000	36$500
Carne de boi fresca	200	320$000	18$180
Gado caprino, und. 5	40	60$000	12$000
„ lanigero „ 26	190	332$000	58$000
„ suino „ 85	2.787	2:747$500	205$000
Ovos	34.213	5:281$500	298$100
		29:854$900	2:543$500

PRODUCTOS AGRICOLAS

1.º—Farinha d'agua	1.212.939	195:048$750	12:161$300
2 — „ secca	1.050.442	216:088$400	10:175$900
3 —Arroz c/ casca	613.811	152:452$800	8:539$060
4 —Farinha de tap.	76.335	5 :131$300	2:777$000
5 —Milho	156.907	28:204$000	2:375$300
6.º— „ em mãos 389		343$800	2 375$300
7.º—Algodão c/ caroço	11.835	9:658$400	499$700
8.º—Gergelim	2.444	1:578$400	91$000
9 —Gerimus 395		85$000	9$700
10.º—Tapioca em rama	100	75$000	3$000
		65 :667$350	38:908$100

CAPITULO X

INDUSTRIAS

Apesar de ser ainda muito incipiente a pesca entre nós entretanto é esta a industria de maior vulto comercial no municipio.

Nestes ultimos anos tem-se notado a ausencia dos grandes scardumes, que nas épocas passadas abundavam nas nossas praias, principalmente nos mesês de Janeiro a Junho de cada ano. A tainha, essa então, sempre teve a primasia nas atividades do nosso pescador, por ser o peixe de maior procura e de preço mais compensador nos mercados consumidores. A tainha, bem comparavel ao bacalhau, pela sua durabilidade depois de [illegible] do sol, constitue um produto do mais alto valor comercial.

Desde 1922, porem, que os cardumes desertaram dos nossos mares e desde então nunca mais tivemos, nas nossas praias, aquela movimentação caracteristica e unica da pescaria da tainha. Eram centenas de montarias, todas tripuladas por trez a quatro homens, dentre os quaes se destacava o tarrafiador, que, ereto, na prôa, de cabeça bem levantada, seguia os movimentos do cardume, para, tomando-lhe a cabeceira, sacudir, numa manobra original, conhecida por reforcida, por cima da cabeça, a tarrafa, de vinte e tres palmos de comprimento e cerca de dez kilos de peso e no ambito de cuja circumferencia, de mais de cinco braças de diametro, se debatia uma boa porção do cardume que se deixava apanhar pela fiada.

Atribue-se ao uso dos curraes a precaridade que vamos

atravessando na industria da pesca neste municipio.

Alem desta circunstancia, temos a acrescentar a desorganisação do serviço, o que a nosso ver constitue a causa principal do decrescimo da nossa produção; porque, para suprir a falta da tainha, poderiamos procurar outros similares, desde que houvessem meios de faze-lo com proveito. Vem a proposito transcrevermos aqui as nossas observações já publicadas, sobre o assunto. "Exceptuando-se um numero de pescadores, que, anualmente levantam curraes com o auxilio monetario dos geleiros, aos quaes entretanto, ficam sujeitos, os demais, sem meios para adquirir a linha, a embarcação, o anzol, etc., fazem nos igarapés e furos a pequena pescaria para a propria subsistencia. Curuçá, que aliás oferece grandes possibilidades precisas, não dá o que devera dar nesse sector de atividade.

"Precisamos organisar a pesca neste municipio, facilitando ao pescador os meios necessarios ao exercicio de sua industria.

"E' digna de referencia a variedade dos nossos peixes. Temos em primeiro plano, a pescada, o peixe por excelencia, que quanto maior, melhor; seguem-se a pirapema (o camoropina do sul), o camorim, o enxova, o mero, a corvina, a tainha, a gurijuba, o bagre, cangatá, bandeirado, dentuça (muito comercial), o peixe padre, jurupiranga, o pacamão (que vive a resonar no buraco da pedra) e uma infinidade de outros de que se alimenta, a nossa população e são ainda condusidas em grande escala para Belem pelo processo de congelação. O transporte é feito nas geleiras, embarcação de oito a dez toneladas, famosas pelo aprumo do seu velame e pela temeridade dos seus tripulantes, que, para salvar as barcadas, nas ocasiões em que ha deficiencia do gelo, sustentam o pano em cima, pela noite a dentro aos açoites do temporal, desde a ilha das Gaivotas á ponta do Chapéo Virado.

Emfim, no dia em que tivermos aqui as empresas de pesca, com o capital suficiente para movimenta-la, Curuçá terá nessa industria uma das suas mais vultuosas fontes de receita, conforme já dá uma ideia a demonstração que adiante se vê.

Depois da pesca, temos, em escala decrescente, sobre o valor comercial, as industrias de extração de fibras da Uacima, casca de mangue, couros, muirapuama e cumarú.

O comercio de fibras é de um grande futuro para Curuçá, pois, as suas terras prestam-se admiravelmente para o seu cultivo. Temos vastas regiões em que a Uacima nasce natu-

ralmente, numa espontaneidade verdadeiramente assombrosa, principalmente nas terras marginaes do Maú e Mocajuba.

Basta que se deite fogo ao roçado ou mesmo no mato, nos meses de Novembro ou Dezembro para, logo após ás primeiras chuvas, o chão cobrir-se da vegetação felpuda, dessa preciosa malvacea. E' bem simples o processo de estração da fibra. Tirada a malva (é o termo) raspa-se a haste, a fim de que aquela primeira pelicula de cor parda não prejudique a desejada alvura do produto e mesmo porque assim se abrevia o estado de infusão a que é submetida durante dez á quinze dias. Na curva do riacho, onde seja menos sensivel a correnteza e mais intensa a luz do sol, é o ponto em que de preferencia os estratores deitam, em feixes, a malva retirada das capoeiras ou dos roçados. A agua, quanto mais parada e morna, mais facilmente exerce a função de amolecer a fibra, que, depois de batida para o expurgo dos residuos nocivos á seleção do produto, é levada ao sol sobre vareiros ou cordas; enchuga-se facilmente e, no mesmo dia da lavagem, redusida a fardos de kilos ou arrobas, é logo convertida em dinheiro no comercio proximo.

A casca de mangue, de tão grande procura nos cortumes de Belem, pela excelencia da tanino que possue, concorre tambem com apreciavel percentagem no total da nossa produção industrial.

A vegetação do nosso litoral é quasi toda constituida de mangueiros, (**risofora** de uns e **recemosa** de outros), cujas raises, salientes de solo, parecem enormes gadanhos, que se entrelaçam numa admiravel prespectiva de segurança ao madeiro, cujo tronco chega ás veses a medir até meio metro de diametro.

O mangal é uma verdadeira mata, e, excetuando a ciriubeira e a tinteira, em numero muito redusido, o mais é mangueiro, o que dá a impressão de que o manancial é inesgotavel. Mas não é tanto assim, porque, havendo mais duas especies, só a que é conhecida pelo nome de Jacaré, aliás a menos abundante, é que se presta para a tinturaria.

Não é muito agradavel o serviço de extração da casca de mangue. Dada a naturesa do solo, constituido de tujuco ou Tijuco — massa de lama preta, perigosa em certos pontos, conhecidos por terêrê, onde é capaz de absorver um homem dos pés a cabeça, tal a profundidade do atoleiro, o extrator expõe-se a um trabalho penoso. Dá-se com o mangueiro, o mesmo que se verifica com caucheiro: é derrubado sob a ação do machado sobre aquele emaranhado de raizes e, aos golpes da ma-

chadinha, vão sallando os pedaços de casca numa bitola de meio metro de comprimento para uns dez centimetros mais ou menos de largura. Enfeixadas em volumes para compor um metro cubico, é feita a condução para Belem onde regula o preço de vinte mil réis. Um metro de casca pesa quatrocentos kilos.

Curuçá poderia hoje ocupar um logar de relevo na produção da amendoa do cumarú, se houvesse mais cuidado na conservação das arvores. O cumaruseiro, não é como o acapú e outras madeiras, que talvez pela fidalguia da sua origem, não voltam a brotar entre os **lacres**, os **aracapuris**, os **saubarecuias** e outros componentes das capoeiras. O cumaruseiro não [illegible] é que [illegible] nesse nos matas e é assim que, como o bacuriseiro, o vemos por toda parte, á margem dos caminhos e até mesmo nos perimetros das vilas e povoações, o que quer dizer que se houvesse um especial cuidado no seu plantio e conservação, teriamos vastos cumarusaes. E' uma arvore que se desenvolve rapidamente, produsindo dentro de cinco annos.

A **muirapuama**, tende a ter restringida a sua produção porque é nativa de certas regiões do municipio e só na mata se verifica a sua germinação.

A industria de peles permanece estacionaria, por não haver um serviço organisado para explora-la. Temos numerosas manadas de **caetetús**, que se multiplicam prodigiosamente, constituindo até um serio perigo aos lavradores, cujas roças de mandioca são muitas vezes devastadas por esses porcos selvagens. Um ou outro caçador corre aos nossos catingaes com os seus cães famosos pela persistencia como se põem ao encalço da **embiara** e assim se vae anotando nos nossos quadros estatisticos, a nossa incipiente produção de couros.

Dentre os caroços, temos em maior abundancia o **tucuman** e o **inajá**, cujo comercio, entre nós está pouco explorado.

Movimento de Exportação em 1938

INDUSTRIA DA PESCA

	kilos	valor commercial	imposto
Peixe congelado	131.000	117:033$300	4:917$200
" salgado	34.692	38:272$700	2:128$300
Caranguejos, unid.	65.510	4:460$500	320$000
Camarão secco	622	1:622$000	71$800
Gude de gurijuba	189	713$800	52$500
Oleo de peixe, 5 latas	85	51$000	3$400
		161:495$300	868$100

INDUSTRIA EXTRACTIVA

Fibras de Uácima	84.925	127.387$500	7:495$600
Casca de mangue	947.890	44:555$000	4:928$800
Azeite de andiroba, latas	85	96$000	5$000
Cumarú	209	2:268$000	94$3000
Carrapato (sementes)	70	37$000	2$500
Caroço de Jangá	10.000	400$000	45$000
Cipó titica	900	46$000	2$900
Azeite de andiroba, 5 latas	85	96$000	5$000
		134:899$500	12:574$100

COUROS E PELLES

De boi	856	2:199$000	424$800
„ Caetetú	157	1:907$000	157$800
„ Giboia, 19 metros		40$000	4$300
„ Lontra, 2 pelles	1	90$000	7$300
„ Maracajás, 5 pelles,	2	130$000	10$500
„ Veado	131	1:268$000	75$400
		5:634 000	330$000

MADEIRA

	unidade	valor commercial	Imposto
Casco	2	65$000	19$500
Esteios	12	32$000	3$200
Estacas de jarana	100	15 000	2$400
Frechaes	27 de 30 palmos	94$000	10$300
Falca de louros, 2 pares		50$000	5$600
Pernamancas	36	72$000	3$600
		328$000	34$300

CAPITULO XI

COMUNICAÇÕES E TRANSPORTES

O nosso serviço de comunicações é mantido apenas pela Agencia do Correio, existente nesta cidade. Curuçá é um municipio, que já exige um meio rapido de comunicações; pois o serviço postal, comquanto seja regular, torna-se muitas vêses demorado, acarretando prejuisos aos interessados.

A nossa Agencia é de 4.ª classe e o seu movimento, em 1938 foi o seguinte:

Registrados	400
Porte simples	800
Malas	430
Arrecadação, Rs.	750$000

A referida Agencia comunica-se com a capital do Estado com todas as repartições postaes da União e mesmo do exrangeiro. As malas postaes eram expedidas por via fluvial, em barcos á vela e atualmente por via terrestre nos caminhões de cargas e passageiros, que trafegam desta cidade a Castanhal, na Estrada de Ferro de Bragança; deste ponto são encaminhadas para Belem. As viagens de Curuçá a Castanhal, em caminhões, são feitas normalmente em trez horas, ás segundas, quartas, quintas, sabados e domingos e vice-versa ás terças, quartas, sextas, sabados e domingos, num percurso de sessenta e quatro kilometros, trinta e seis dos quaes em terras de Curuçá.

A navegação fluvial é feita em barcos á vela, que trafegam daqui para Belem e Soure e mais espaçadamente para Chaves, Muaná e outros municipios do Estado. Antigamente, até 1926, o governo Federal subvencionava uma linha de navegação a vapor para a região do Salgado, com escala por Curuçá, que, assim, de quinze em quinze dias, depois de trinta em trinta e por ultimo de sessenta em sessenta dias, era visitado pelas gaiolas da Companhia do Amazonas, que sulcavam as nossas aguas, trazendo-nos naqueles tempos, a confortadora confirmação de que tambem estavamos integrados no seio da comunhão paraense.

Entre outros ainda aqui tivemos, fazendo esse roteiro os gaiolas "Gilberto", "Flamingo", "Oyapock", "Cassiporé", "Lauro Sodré" e lancha "Intrepida", sendo que aqueles, largavam o ferro na fóz do Curuçá-miri, a dois kilometros da cidade, e de onde os passageiros se transportavam em balieiras para terra.

Extinta essa navegação, que nos nossos dias me parece já não existirem razões que justifiquem a sua restauração, subsistio o trafego dos barcos á vela de dez a vinte toneladas. Estes continuam a fazer o transporte de cargas e passageiros para o porto de Belem. Depois da adaptação da estrada rodoviaria, que nos conduz á Castanhal, de onde ha o transporte em trem para a Capital do Estado, decresceu muito a nossa flotilha de veleiros que hoje se empregam na condução de cargas, visto os passageiros preferirem o transito terrestre.

Entretanto, ainda se alinham, demandando a costa daqui para Belem e outros pontos do Estado, no transporte de gene-

ros de produção do municipio os barcos "Nezilda", "São Manoel", "Fretinha", "Cearina", "Zarinha", "Agulha Branca", "Vanguarda", "Bom Tempo", "Neves Filho", "Urano", "S. Benedito", "Pomposa" e "Nacionalista".

As viagens até Belem são feitas entre dezoito e trinta horas, sendo que ás veses, ao impeto das borrascas, em noites invernosas, o nosso caboclo põe á prova a sua combatividade, destemor e adaptabilidade á vida do mar, enfrentando e vencendo a violencia das aguas, cujo rumor, na escuridão, tem qualquer cousa de tragico e apavorante. E não se veja nisto mera fantazia, porque o espetaculo é bem serio nessas ocasiões angustiosas, em que o viajante, com o pensamento voltado para Deus, confia na pericia do piloto, que se desvia dos baixios, guiado pela bussula dos seus proprios sentidos.

E é principalmente por estas razões que atualmente os serviços de passageiros é quasi todo feito por via terrestre, embora seja mais elevado o custo das passagens, que é o seguinte:

Por via maritima de Curuçá a Belem e vice-versa	5$000
Por via terrestre de Curuçá a Castanhal e vice-versa	6$000
De Castanhal a Belem e vice-versa, 1.ª classe	6$000
De Castanhal a Belem e vice-versa, 2.ª classe	4$200
Aos domingos: de Castanhal a Belem e vice-versa	3$200

O trafego entre Curuçá e Castanhal é feito por trez omnibus, sendo dous do sr. Galileu Cabral e um do sr. Humberto Paracampos. Em 1398 aqueles condusiram 5.520 passageiros, e este 4.360 ditos, o que dá uma media de quasi 28 passageiros por dia, com a despesa de Rs. 168$000 de passagens.

Ainda é bem redusido o nosso sistema rodoviario, que vae apenas a um total em trafego de quarenta e nove quilometros, assim distribuidos:

Da cidade á Terra-Alta	36	kilometros
Ramal do Abade	4	»
Ramal do Lauro Sodré	4	»
Ramal do Marauá	5	»

A estrada do Abade, já construida na fecunda administração do exmo. sr. dr. José Malcher, tem o seu inicio na séde do municipio; é o prolongamento da rua Paes de Carvalho, até a povoação Abade, á margem esquerda do rio Muriá. Passa no Campo de Agricultura, mantido pelos Serviços Articulados.

A estrada de Lauro Sodré vae do kilometro 50 da rodovia que vem de Castanhal e termina na vila Lauro Sodré, á margem esquerda do rio Tijoca.

A de Marauá, parte do kilometro 44, da mesma rodovia, até á povoação daquele nome á margem direita do rio que tem o mesmo nome.

A povoação Abade fica ha quatro kilometros da cidade, Lauro Sodré a dezesete kilometros e Marauá a vinte e cinco. De Lauro Sodré ao Marauá, pela estrada, anda-se onze kilometros; da cidade á Terra-Alta trinta e seis kilometros. De Lauro Sodré e Marauá, á Terra-Alta, respectivamente, temos um percurso de vinte e dois e dezeseis kilometros.

Terra-Alta é a povoação de Curuçá, que está nos nossos limites com Castanhal, do qual é separada pelo rio Braço Esquerdo. Dentro desta povoação acha-se o kilometro vinte e nove da estrada — Castanhal-Curuçá, que passa sucessivamente nos seguintes nucleos curuçaenses: Mocajubinha, kilometro 36, Prata, kilometro "40", "42", nome do proprio kilotro, Annany, kilometro 46, São Pedro, kilometro 54, e "58", tambem nome do respectivo kilometro, em que está collocado. O kilometro 64 desta rodovia está colocado dentro da cidade de Curuçá, bem no encrusamento da travessa 7 de Setembro com a rua Gonçalo Ferreira. Desta rua ao litoral da cidade, seguindo pela travessa 7 de Setembro ainda temos metro, Annany, kilometro 46, São Pedro, kilometro 54, e "58",

O municipio de Curuçá, é todo cortado de caminhos, por onde o povo serve-se para vir á cidade ou ir ás povoações ou povoados na condução dos seus generos, em costas de animaes.

São estasas distancias em que se acham da cidade, as vilas, povoações, e principaes povoados do municipio, seguindo-se pelas estradas de rodagem ou caminhos de maior transito; Abade 4 kilometros, Bôa Vista do Muriá, 7, Mutucal 12, Arapiranga de Fora 11, Santa Lusia 12, Candeua 12, S. Pedro 11, Lauro Sodré 17, Marauá 25, Nazaré do Mocajuba 29, Vista Alegre 29, S. Luiz 35, Taperinha 19, Bôa Vista do Iririteua 9, Ramos 5, Coqueiro 6, Araquahim 11, Caratateua 10, Simôa 15, Pacamorema 12, Areuá 12, Piquiateua 7, Valerio 5, S. José 6, Arapiranga 4, Curuperé 3, Ilajube 6, Terra Alta 36, Mocajubinha 29, Muriasinho 6, Monte-Alegre 19.

Distancias — entre Lauro Sodré e seus povoados: S. Pedro 3 kilometros, Nazaré do Tijoca 3, Marauá 3, Marauázinho 4. Nazaré do Mocajuba 8. Entre Terra Alta, e seus povoados: Mocajubinha 7 kilometros, Jari 14, S. Luiz 19, Ilha Nova 22, Matupiri 3. Entre Monte-Alegre e seus povoados: Vista Alegre 9 kilometros, S. João do Pramaú 7, Tamataquara 3, Pau Grande 4, Santana 5, Taperinha 3. Entre Ponta de Ramos e seus povoados: Coqueiro 1, Pauxis 3, Arajuahim 7, Cara-

lateua 12, Simôa 11, Pacamorema 12, Proajó 5. Entre Santa Luzia e seus povoados: Candeua 5, Cumeré 5, Pindobal 5.

As sédes distritaes guardam entre si aproximadamente as seguintes direções:

Com relação á cidade: Ponta de Ramos 75° S. E., Monte-Alegre 17° S. E., Terra Alta 10° S. W., Santa Luzia 48° S. W. Lauro Sodré 14° S. W.

Com relação á Ponta de Ramos: Monte Alegre N. S., Terra Alta, 19° S. W., Lauro Sodré 34° S. W., Santa Luzia 63° S. W.

Com relação a Monte-Alegre: Terra-Alta 37° S. W., Lauro Sodré 40° N. W., Santa Luzia 55° N. W.

Com relação á Terra Alta: Lauro Sodré 10° N. E., Santa Luzia 5° N. W.

Com relação á Lauro Sodré: Santa Lusia 50° N. W.

Curuçá precisa ter ampliado a sua rede rodoviaria para o seu maior e mais rapido desenvolvimento economico.

A estrada que vem de Castanhal é a grande espinha dorsal, de onde devem partir as ramificações, que irão servir as opulentas regiões agricolas da margem direita do rio Maú, que já produsem, mas que ainda produsirão muito e muito mais, no dia em que os caminhões de cargas e passageiros businarem nas curvas das suas estradas, na confirmação de que o poder publico vae levando o surto do progresso por todos os recantos da patria.

As ramificações mais necessarias são estas: 1.ª partindo do kilometro 35 da rodovia Castanhal, em direção aos logares Jari, S. Luiz, Ilha Nova e Umirisal; 2.ª do kilometro 42, (em construção) passando por Vista Alegre, Areial até Umirisal; 3.ª do kilometro 49, passando em Monte Alegre, Tamataquara, Pau Grande, São João de Paramaú e Areial.

Traçada esta rede de estrada ficaria estabelecida a ligação de todos os centros produtores da margem direita do Maú com a rodovia Castanhal Curuçá, o que seria de incalculavel vantagem para o alevantamento economico deste municipio. Este traçado daria um total aproximado de 55 kilometros.

CAPITULO XII

NECESSIDADES LOCAES

De tudo o que temos expendido com referencia ao que em particular affecta á nossa expansão economica, parece-me que devemos resumir no seguinte, o que Curuçá reclama com mais urgencia para o desenvolvimento do seu progresso. Conquanto, sobre todos estes assumptos já tenhamos feito a necessaria apreciação, achamos com tudo aconselhavel focal-os em capitulo especial, o que aqui fazemos, na firme persuasão de que hão de merecer a attenção dos altos poderes da União, do Estado e do municipio.

1.º — Instalação de uma estação de radio ou do telegrafo nacional. ....

2.º — Expansão da sua rede rodoviaria, principalmente para a zona agricola da margem direita do rio Maú, num percurso aproximado de 55 kilometros.

3.º — Extinção da sauve, cuja propagação assustadora ameaça estiolar as nossas terras.

O primeiro é um melhoramento que atenderá á facilidade de comunicações, tão necessarias á segurança das transações comerciaes e ás proprias determinações de carater urgente dos altos poderes administrativos do paiz, além do que diz respeito aos interesses individuaes.

Quanto ao segundo e terceiro itens, constituem êles os dois grandes problemas de cuja solução depende, em grande parte, o surto progressivo do municipio, conforme já fizemos sentir linhas atraz e que aqui repisamos, em capitulo especial, para melhor destacal-os, entre as nossas varias apreciações.

E assim é porque, com a extinção da sauva, poderemos

cultivar com proveito a vasta extensão de terras que se extende desde proximo do litoral, compreendendo quasi todo o Distrito da cidade e da vila Ponta de Ramos, onde é mais intensa a propagação do mal, até ás divisas distritaes da cidade, com Lauro Sodré.

Assim tambem, com as estradas de penetração, partindo da rodovia que vem de Castanhal, para as regiões da margem direita do Maú, proporcionaremos os meios de melhor aproveitamento das terras mais produtivas do municipio, de vez que um dos fatores da expansão agricola, entre nós, está no fato do lavrador vender e entregar o seu genero no proprio ponto da fabricação ou seja, como é conhecido, no nosso meio, na sua **casa de farinha.**

Ora, com essas estradas de penetração, lá irão os compradores levar o estimulo aos moradores dessa zona, que hoje vendem os seus generos e compram os artigos de primeira necessiddae com um prejuiso, para êles, de quasi cincoenta por cento, devido ás dificuldades de condução.

CAPITULO XIII

CREDITO E PREVIDVENCIA

Nada temos ainda organisado sobre o tema deste Capitulo. E talvez seja esta a razão porque vamos caminhando a passos lentos no desdobramento do nosso progresso. Cada um faz por si, arremediando-se com os seus proprios recursos, que as mais das veses são poucos e quasi insuficientes.

Para a derrubada, plantio, capina, e colheita de seu roçado, são poucos os lavradores que podem custear o serviço na altura das necessidades.

Conforme o credito de cada um, êles obtem, ás veses, o auxilio do comerciante proximo, mas isto num ambito muito restrito e sob condições que não permitem ao lavrador vender o seu genero ao melhor preço, porque desde logo lhe fica estipulada a clausula da entrega da safra para pagamento do credito cedido.

No dia em que chegarem por aqui os beneficios da lei do Credito Agricola, Curuçá muito ha de lucrar, porque não ha negligencia no nosso povo; o que lhes falta é assistencia, estimulo, proteção para o desenvolvimento do seu trabalho.

CAPITULO XIV

PROPRIEDADE TERRITORIAL

As terras de Curuçá acham-se divididas em trez categorias; patrimoniaes, devolutas — que pertencem ao Estado e de propriedade particular.

A Prefeitura tem duos patrimonios, um proximo ao litoral, onde está situada a cidade e outro á margem oriental da estrada de Castanhal, em Terra-Alta. O primeiro está convertido em capoeiras, medindo uma legua de frente por uma dita de fundos.

Começa na fóz do igarapé S. José, afluente esquerdo do rio Muriá, desce por este, margem direita, até sahir n orio Curuçá, sobe por este, margem esquerda, até á foz do igarapé Itajuba, seu afluente direito, sobe por este, margem esquerda, até ás suas vertentes; deste ponto por uma reta na direção das nascentes do rio Tigelas, afluente direito do Tijoca, até completar seis mil metros e depois de cortar a estrada que vem de Castanhal, no kilometro 56, por uma reta até ás nascentes do aludido igarapé S. José, descendo por este até á sua fóz.

As terras deste patrimonio são cedidas por titulo de emphyteuse ao preço de um decimo de real por metro quadrado anualmente e quando cedidos sem contrato, isto é, para abertura de roçados, um real por metro quadrado. No perimetro urbano o emphyteuta paga dous réis tambem por metro quadrado.

Por ocasião dos motins politicos de 1935, que, como já vimos, repercutiram tão profundamente em Curuçá, desapareceram os docs. referentes a este patrimonio, restando-nos apenas a seguinte áta, que até certo ponto repara essa perda lamentavel.

"Sessão da Camara Municipal de Curuçá do dia 12 de Janeiro de 1853. Presidencia do Sr. Brito Chucre. Ás nove horas da manhã, no Paço da Camara, feita a chamada, acham-se presentes os senhores vereadores Curduvil, Galvão, Assumpção Pinto, Macedo Barata, Duarte Amoras, faltando á Sessão por encomodo de molestia o senhor Barbosa de Lima. Foi aprovada a áta da antecedente, depois de aberta a Sessão, na forma da Lei. Declarou o Presidente a materia para discussão. Despesa necessaria com os objetos precisos para a Secretaria da Camara. O Procurador informa sobre o requerimento da Secretaria apresentado na Sessão antecedente e Dispacho nesta exarado pela Camara na mesma Sessão, decla-

reu: Que não obstante estar ainda o cofre da Municipalidade exhaurido de dinheiro, por não haver em poucos dias rendem para quaesquer despesas, segundo dispõem a Lei de 1.º de Outubro de 1828, Artigo 75. Tem a palavra o Senhor Amoras, que primeiro a pedio, e propoz por escrito: Que 1.º A Camara deve tomar em consideração a falta que sofre de Leis no seu Archivo para poder desempenhar retamente suas atribuições, e que recorra ao Exm.º Governo da Provincia a tal respeito, 2.º que a Camara ordene ao Procurador que faça as despesas com os rendimentos que de ora em diante for arrecadado, para compras de objetos necessarios, para a Camara e sua Secretaria, dando de todo conta na Receita e Despesa; 3.º designar a Camara o dia em que devem estar as casas de negocio e lojas de oficios e outras vendas munidas de licença pertencente ao corrente ano Municipal, nomeando um aferidor e modo de regular a aferição enquanto não tem a Camara o legitimo padrão de pesos e medidas; 4.º DEVE A CAMARA CONHECER O TERRENO QUE LHE COMPETE PARA DESTE ARRECADAR ALGUM RENDIMENTO, VISTO NÃO TER OUTROS MEIOS DE GRANDES VANTAGENS. 5.º examinar o Codigo de Posturas vigente e formar a Camara seus artigos de Posturas especial para o seu municipio. Passou-se em leitura para todos os Membros, e como não houve quem pedisse a palavra, poz o Presidente a votação, dando o seu por ultimo, foi aprovada esta indicação e decidio a maioria. Que o Procurador faça as compras necessarias de todo quanto é necesseio, para se lhe levar em conta quano apresenta a Receita dos rendimentos e das Despesas no fim deste primeiro trimestre, como nesta Sessão lhe é provisoriamente ordenado. 2.º que esta Camara se dirija ao Exm.º Governo da Provincia para que se digne coadejuvar o seu Archivo com a coleçãc das Leis do Imperio e da Provincia; 3.º que fica marcado o dia 20 do corrente para as licenças e lojas de oficio, sob pena de multa dos que não cumprirem; ficando o mesmo Procurador encarregado da Aferição; publicando-se nesta data um edital para scientificar os interessados nesse trafico; 4.º A Camara por sua imediata Resolução lhe compete o terreno de seu patrimonio ao local de SUA REUNIÃO, DO IGARAPÉ S. JOSÉ, COMPREENDENDO MURIÁ ABAIXO LADO DIREITO SUBINDO O RIO CURUÇÁ LADO DIREITO, ITAJUBA DO MESMO LADO, ATÉ O RIACHO DENOMINADO TIGELAS o qual se passa na estrada que vae para Mocajuba e deve a Camara, receberamil réis por cada morador nela situado ou que nela ro-

çar — Ordem do dia — Discussão sobre o projéto de Posturas Revindicação do Imperial sinete. E como são dadas as horas da Lei mandou o Sr. Presidente lavrar esta áta para constar e terminar, a Sessão. Eu, João Francisco Teixeira Galvão, Secretario da Camara, a escrevi, Theotonio de Brito Chucre — Presidente — João Manoel Cordovil, Francisco Ferreira Pinto, Galvão, João d'Assunção Pinto, Pedro Macedo Barata, José Antonio Duarte Amoras".

A Prefeitura tem ainda uma legua patrimonial em Terra-Alta, á margem oriental da rodovia que vem de Castanhal, concedida pelo Decr.º n.º 890, de 31 de Agosto de 1900. A discriminação deste patrimonio foi aprovada por decisão do governo do Estado, de 16 de Junho de 1905, conforme o titulo n.º 14, expedido pelo governador Dr. João Coelho em 18 de Março de 1909.

O lançamento territorial do municipio, acusa o seguinte:

875	proprietarios de terras particulares	52.216 hectares
142	ocupantes de terras do Estado	3.550 hectares
	Prefeitura	7.200 hectares
	Terras devolutas do Estado	40.034 hectares
	TOTAL	103.000 hectares

O imposto territorial, cobrado pela coletoria do Estado importa em Rs. 3:000$000 sendo:

Por ocupação	400$000
Por terrenos proprios	1:600$000

PREÇO MEDIO DAS TERRAS — Rs. 8$000 a braça.

CAPITULO XV

COMERCIO

Em 1938 a balança de nossa exportação acusa uma cifra de Rs. 921:786$150, sendo a importação de Rs. 490:641$300, havendo assim um saldo a favor da economia interna do municipio de 471:114$850.

Conta-se no municipio com 57 casas de comercio, conforme a relação anexa.

A compra e venda são feitas no proprio estabelecimento, estando se generalisando a pratica, muito louvavel de ser o genero vendido, entregue ao comerciante no proprio local de sua fabricação. Por isto os comerciantes, principalmente os do interior, mantem um serviço regular de comboios, constituidos de cavalos e burros, que, sob a direção do

INDICADOR PROFISSIONAL

Alfaiates

Bernardino de Lima Borges, cidade; João Manoel Borges, cidade; Inacio Lima da Rocha, cidade; Higino Borges Dias, cidade; João Modesto Borges, cidade; Verissimo Alcantara de Souza, Bôa-Vista; Osvaldo Cordovil, Bôa-Vista; Antonio de Lima Monteiro, Marauá; Raimundo Bacelar da Luz, Santa Luzia; Candido Chucre, Terra-Alta; João Luiz, Coqueiro; Manoel Gonçalves Lopes, Vista-Alegre.

Marcineiros

Argemiro Saldanha Lobo e Antonio de Siqueira Lobo, cidade.

Carpinas

Manoel Jeronymo de Brito, cidade; Manoel de Ataide e Souza, cidade; Maurilo Barata, cidade; Firmo Barata, cidade; Manoel Magalhães de Oliveira, cidade; Manoel Moreno de Andrade, cidade; José João Guedes, cidade; Jonas Neves Borges, cidade; José Ferreira Brazil, Ramos; Manoel Domingos Monteiro, S. Pedro; Manoel Ferreira Cordovil, S. Pedro; Manoel Vianna Pinheiro, S. Antonio do Tijoca; Raimundo Afonso de Moura, Marauá; Domingos da Luz, Marauá; Candido Moura, Marauá; Marcino Soares, Marauá; Virgolino A. Monteiro, Marauá; André Vianna Pinheiro, S. Pedro; Manoel Domingos Pinheiro, S. Pedro.

Ferreiros

Alcidio Campos, cidade; Francisco A. dos Santos, cidade; Manoel Roque Pinheiro, cidade; Casemiro Campos, Santa Luzia; Pedro Manoel Enéas, Marauá.

Fogueteiros

Teofánes Pinheiro Macedo, cidade; Antonio Vasques de Souza, cidade; Antonio Vasques Filho, cidade; Francisco Neves, cidade.

Tamanqueiros

José Estefanio Galvão, cidade; Jorge Macedo Filho, cidade; Antonio Guedes de Lima, cidade; Manoel de França, cidade; Maximino Modesto, Bôa-Vista; José Eduardo Ataide, Mocajuba; Ovidio Marques de Souza, S. Pedro; Otavio M. Favacho, Santa Luzia; Carmino Campos, Santa Luzia; João Saraiva, Marauá.

Barbeiros

José de Almeida, cidade; Nestor Silva, cidade; Candido Monteiro, Lauro Sodré; Manoel Modesto, Terra-Alta; Francisco de Assis Brandão, Terra-Alta.

CARTORIOS (escrivães e oficiaes do Registro Civil)

Manoel da Cunha Couto, cidade; João Emilio da Cruz Monteiro, Ramos; Martiniano Moreno de Andrade, Lauro Sodré; Moysés Monteiro Junquilho, Monte-Alegre; Antonio Moura Filho, Terra-Alta; Manoel do Espirito Santo e Silva, Santa Luzia.

CAPITULO XVI

SITUAÇÃO SOCIAL

Comquanto Curuçá seja um municipio geralmente sadio, entretanto constatam-se casos de opilação e uma ou outra manifestação de paludismo e outras endemias.

Pelo computo do registo de obito verificado em 1938 que deu o total de 188, verifica-se não ser assustador o nosso estado sanitario.

Temos aqui apenas um posto sanitario e uma pharmacia na séde do municipio. Ha mais de um ano que lavra no municipio a epidemia do alastrin, que, comtudo não tem feito vitimas.

Foi este o movimento do posto em 1938:

Vacinas aplicadas	1.295
Injeções diversas	1.763
Comprimidos de quinino e atb.	2.561
Pessôas atendidas no Posto:	
Em consequencia da malaria	367
Verminoses	1.037
Sifilis	108

CAPITULO XVII

MELHORAMENTOS URBANOS

A cidade de Curuçá, colocada como está no vertice formado pela junção dos igarapés Andirá e Tanque, tem duas frentes distintas, a que se extende marginando o primeiro e a que vae acompanhando o segundo pela Praça da Marinha. Das ribanceiras de um e outro desses rios no perimetro da cidade, brotam fontes dagua cristalina, conhecidas pelos nomes

de Tanque, Riozinho, Jutaí, Rio das Pedras, Frades e Ipopura. Mais longe, mas mesmo assim servindo os moradores do extremo das travessas 7 de Setembro e 15 de Novembro, tem a Agua Bôa e deste modo a nossa população tem o abastecimento natural do precioso liquido sem necessidade do processo de captação artificial.

A limpeza publica da cidade é feita normalmente duas veses por ano e as nossas ruas, apesar de não serem calçadas são planas e de aspecto agradavel.

A iluminação é a luz electrica, num total de 116 lampadas assim distribuidas:

Travessa 15 de Novembro	16
Travessa 7 de Setembro	27
Travessa 15 de Agosto	8
Rua do Rosario	13
Rua Generalissimo Deodoro	13
Rua Duque de Caxias	2
Rua Visconde do Rio Branco	11
Rua Gonçalo Ferreira	2
Rua 21 de Novembro	2
Praça Coronel Horacio	15
Praça Dr. Malcher	9
Praça Saldanha Marinho	3
Praça da Egualdade	5
	116

Temos dous bosques com farta e atraente arborisação, o do Centenario e o que se estende em frente ao Cemiterio.

CAPITULO XVIII

ENSINO PUBLICO E PARTICULAR

Somente o ensino primario é mantido neste municipio e é ministrado no Grupo Escolar, existente na séde, com nove escolas e no interior oito escolas isoladas, vinte e duas auxiliares e sete custeadas pela Confederação de Pescadores do Brasil. O Governo do Estado custeia o Grupo Escolar, as escolas isoladas e a Prefeitura para a manutenção das auxiliares com a contribuição de doze por cento sobre o total de sua renda Tributaria anual e que é mensalmente recolhida ao tesouro do Estado.

O curso é dividido em cinco anos, sendo os tres primeiros feitos nas escolas isoladas, auxiliares e elementares do Grupo

Escolar e os 4.º e 5.º na complementar do mesmo estabelecimento. Cada ano é subdividido em duas series, com exceção do 5.º que compreende uma só.

O aluno, ao receber o seu diploma de estudos primarios, tem noções geraes de gramatica, aritemetica, geografia, geometria, historia natural, desenho, historia do Brasil e de Educação Moral e Civica. Já se introdusio o estudo facultativo do Catecismo.

O Grupo Escolar é um dos primeiros do Estado pela sua matricula e frequencia. O total de alunos matriculados em todo o municipio, é de 2.186, assim distribuidos:

	M.	F.	Total
Grupo Escolar	217	207	424
Escolas isoladas	176	288	464
Escolas auxiliares	521	465	986
Escolas da Colonia de Pescadores	161	151	312
	1.075	1.111	2.188

RELAÇÃO das escolas existentes no municipio:

CIDADE DE CURUÇÁ, Grupo Escolar, fundado em 1.º de Março de 1900. Professora: Olinda Veras Alves, directora. Matricula em 1938: Masculina, 239; feminina, 207. Ordenado da Professora .. 270$000

Corpo docente: Professoras Raymunda Pinheiro Alves, Theresa Cunha, Carmen Cabral Teixeira, Candorina Cordovil de Athayde, Astrogilda das Neves Borges, Graziella Cordovil Guimarães e Candida Monteiro da Cunha.

POVOAÇÃO DE ARAQUAIM, isolada mista, fundada em 8 de Julho de 1919. Professora: Aurea Valino de Moraes. Matricula em 1938: masculina, 20; feminina, 50. Ordenado da professora 220$000

POVOAÇÃO DE ARAQUAIM, auxiliar masculina, fundada em 19 de Março de 1936. Professor: Artur Abelardo Guimarães. Matricula de 1938: masculina, 47. Ordenado do professor .... 100$000

VILA DE PONTA DE RAMOS, isolada mixta, fundada em (?). Professora: Mariana de Souza Mendes. Matricula de 1938: masculina, 23; feminina, 26. Ordenado da professora .... 220$000

VILA SANTA LUZIA, isolada masculina, fundada em 15 de Janeiro de 1937. Professor: Ildefonso Peres Gomes. Matricula em 1938: masculina, 45. Ordenado do professor .. .. 220$000

ILHA NOVA, auxiliar mixta, fundada em 15 de Janeiro de 1934. Professora: Raimunda de Lima Pinheiro. Matricula em 1938: masculina, 24; feminina, 17. Ordenado da professora .... 100$000

PAU GRANDE, auxiliar mixta, fundada em 27 de Março de 1937. Professora: Francisca Campos de Souza. Matricula em 1938: masculina, 42; feminina, 18. Ordenado da professora .... 100$000

VILA SANTA LUZIA, auxiliar feminina, fundada em 6 de Julho de 1925. Professora: Casemira de Lima Campos. Matricula em 1938. Feminina, 45. Ordenado da professora .... 100$000

VILA LAURO SODRE', isolada masculina, fundada em 14 de Agosto de 1922. Professor: Joaquim Clementino de Moura. Matricula em 1938: masculina, 46. Ordenado do professor .... 225$000

auxiliar mixta, fundada em 15 de Março de 1937. Professora: Adelzira Teixeira Amoras. Matricula em 1938: masculina, 26; feminina, 19. Ordenado da professora .... 100$000

POVOADO COQUEIRO, auxiliar mixta, fundada em 19 de Março de 1931. Professora: Maria Gomes de Ataíde. Matricula em 1938: masculina, 21; feminina, 31. Ordenado da professora .... 100$000

MUTUCAL, auxiliar mixta, fundada em 4 de abril de 1936. Professora: Esmerita Galvão de Ataíde Silva. Matricula em 1938: masculina, 24; feminina, 18. Ordenado da professora .... 100$000

NAZARE' DO TIJOCA, auxiliar mixta, fundada em 3 de Março de 1936. Professora: Alice Rodrigues Modesto. Matricula em 1938: masculina,

BÔA-VISTA, isolada masculina, fundada em 15 de Fevereiro de 1901. Professora: Laura Guerreiro Maia. Matricula em 1938: masculina, 55. Orde- 17; feminina, 13. Ordenado da professora .... 100$000

nado da professora .... 225$000

NAZARE' DO MOCAJUBA, auxiliar mixta, fundada em (?). Professora: Benta Cunha Couto. Matricula em 1938: masculina, 23; feminina, 25. Ordenado da professora .... 100$000

VILA DE BÔA-VISTA, isolada feminina, fundada em 20 de janeiro de 1935. Professora: Maria do Rosario Modesto. Matricula em 1938: feminina, 55. Ordenado da professora .... 220$000

QUILOMETRO 35 RODOVIA Curuçá-Castanhal, auxiliar, fundada em 15 de Março de 1937. Professora: Adelzira Teixeira Amoras. Matricula em 1938: masculina, 26; feminina, 19. Ordenado da professora .. .. 100$000

PACAMOREMA, auxiliar mixta, fundada em (?) Professora: Estefania Ataíde dos Santos. Matricula em 1938: masculina, 17; feminina, 22. Ordenado da professora .... 100$000

CANDEUA, auxiliar mixta, fundada em 8 de Agosto de 1934. Professora: Sára Freitas Nauar. Matricula em 1938: masculina, 23. Feminina, 19. Ordenado da professora .... 100$000

POVOADO DE MARAUÁ, auxiliar mixta, fundada em 3 de Março de 1933. Professora: Lilia da Rocha Monteiro. Matricula em 1938: masculina, 24; feminina, 16. Ordenado da professora .... 100$000

VISTA-ALEGRE, auxiliar mixta, fundada em 28 de Abril de 1934. Professora: Rocilda Viana das Neves. Matricula em 1938: masculina, 61; feminina, 16. Ordenado da professora .... 100$000

S. JOÃO DO PRAMAÚ, auxiliar mixta, fundada em 19 de Julho de 1937. Professora: Maria dos Santos Lobo. Matricula em 1938: masculina, 22; feminina, 20. Ordenado da professora .... 100$000

AREIAL-GRANDE, auxiliar mixta, fundada em 23 de Março de 1936. Professora: Maria Romana de Castro Ferreira. Matricula em 1938: masculina, 15; feminina, 10. Ordenado da professora 100$000

CURUPERÉ, auxiliar mixta fundada em 1.º de Julho de 1937. Professora: Izaura Bandeira Rodrigues. Matricula em 1938: Feminina, 34. Ordenado da professora .... 100$000

QUILOMETRO 40 Rodovia Curuçá-Castanhal, auxiliar mixta, fundada em 2 de Maio de 1936. Professora: Augusta de Souza Santos. Matricula em 1938. Ordenado da professora .... 100$000

SÃO PEDRO DO TIJOCA, auxiliar mixta, fundada em 14 de Fevereiro de 1933. Professora: Maria Cabral das Neves Vale. Matricula em 1938: masculina, 26; feminina, 34. Ordenado da professora .... 100$000

VILA MONTE-ALEGRE, isolada mixta, fundada em 2 de Março de 1933. Professora: Armanda da

Rocha Cordovil. Matricula em 1938: masculina, 42; feminina, 35. Ordenado da professora .... 220$000

VILA LAURO SODRÉ, auxiliar feminina, fundada em 17 de Abril de 1937. Professora: Lindalva Rodrigues do Vale. Matricula em 1938: feminina, 30. Ordenado da professora .. .. 100$000

BÔA VISTA DO MURIÁ, auxiliar mixta, fundada em 17 de Abril de 1937. Professora: Laurena das Neves Borges. Matricula em 1938: masculina, 40; feminina, 34. Ordenado da professora .... 100$000

PIQUIATEUA, auxiliar mixta, fundada em 21 de Janeiro de 1935. Professora: Joana dos Santos Gomes. Matricula em 1938: masculina, 20; feminina, 21. Ordenado da professora .... 100$000

TERRA ALTA, isolada mixta, fundada em 22 de Fevereiro de 1933. Professora: Rocilda de Ataíde Lima. Matricula em 1938: masculina, 42; feminina, 42. Ordenado da professora .... 220$000

CAPITULO XIX

Imprensa, biblioteca, museus, monumentos historicos e artisticos

CAPITULO XX

Teatros e cinematografos

CAPITULO XXI

Assistencia Publica e Privada

Todos os temas de que tratam estes capitulos passam em branco nesta monografia, por não haver o que registar. Apenas diremos, que ha muitos anos atraz aqui tivmos o "Curuçaense" e o "Incentivo", dous jornaesinhos de que ainda restam alguns exemplares em mãos de cuidadosos colecionadores.

CAPITULO XXII

CRIMINALIDADES E SUICIDIOS

E' bem redusido a lista dos crimes cometidos neste Dis-

trito. Em 1938 correram apenas pelo cartorio local os seguintes processos:

Tentativa de homicidio	2
Lesões corporaes	6
Violencia carnal	5

Quanto ao suicidio, não tivemos quem quizesse ir desta para melhor.

CAPITULO XXIII

ASSOCIAÇÕES

Pouco temos progredido no que diz respeito ao espirito associativo. Não temos nenhuma grande associação com exceção, apenas da Colonia de Pescadores, que emfim se vae mantendo, isto mesmo mais pela louvavel e constante assistencia que lhe dispensam as entidades superiores, do que propriamente pelo devotamento dos componentes da classe.

Até mesmo as sociedades sportivas, que sempre despertam entusiasmo no seio da mocidade, não têm subsistido convenientemente. E' verdade que temos alguns Clubs de futebol, mas quasi todos sem a devida organisação, assentando a existencia dos mesmos, numa simples convenção para a compra de uma bola.

Entretanto podemos enumerar as seguintes associações:

SPORTIVAS — Curuçá. Santa Cruz, Brasil, Lauro Sodré, Independencia, Vasco da Gama, Fluminense. Vera Cruz, União, Botafogo, Paisandú, Areuá, Gram-Pará e Paraense.

AGRICOLAS — 15 de Agosto e 7 de Setembro.

CAPITULO XXIV

RELIGIÕES

O catolicismo é a religião de quasi a totalidade do nosso povo. Já houve tentativas em alguns pontos do municipio para implantar o protestantismo entre nós. Pastores têm se estabelecido aqui ou ali, com o fim de crear a sua Assembléa, mas o povo permanece firme no culto da Igreja catolica. Talvez não chegue a uma centena o numero de professantes de outras religiões em todo o municipio.

Curuçá é séde da Parochia do mesmo nome, compreendendo os municipios de S. Caetano de Odivelas e Marapanim. O vigario distribue a sua atividade pelos tres municipios, celebrando festas, casamentos e batisados.

A Parochia de Curuçá, como já se vio no capitulo II, desta obra, vem do seculo XVII. Os padres jesuitas fundaram aqui, naquele tempo, uma freguesia sob o oraculo de N. S. do Rosario, que é e será por mercê de Deus a nossa Padroeira, atravez dos seculos. E logo trataram da edificação do templo, trabalho que lhes deverá ter custado não pequenos esforços, pois, a obra é toda de pedras e de regular dimensão.

A Igreja de N. S. do Rosario é a unica existente nesta cidade, e está situada proximo ao litoral, com a frente voltada para a rua do Rosario e para o lado esquerdo abre-se a Praça Coronel Horacio.

Na séde contam-se as seguintes congregações religiosas: N. S. do Rosario, S. Benedicto Achado, S. S. Sacramento, Coração de Jesus, Santa Izabel, N. S. do Perpetuo Socorro e Santa Maria. No interior contam-se as seguintes: N. S. do Livramento, em Lauro Sodré; N. S. da Conceição, em Ponta de Ramos; S. Marçal, em Araquahim; S. Benedicto, em Bôa Vista do Iriritéua; Menino Deus, em Monte Alegre; N. S. do Livramento, em Vista Alegre; N. S. do Livramento, em Terra-Alta; Santa Maria, em Nazaré do Mocajuba; S. Pedro, em S. Pedro do Tijoca: Santa Luzia, na villa do mesmo nome.

Vigario da Parochia: Padre Antonio Brito.

CAPITULO XXV

SITUAÇÃO ADMINISTRATIVA E POLITICA

O advento do Estado Novo, essa luminosa concepção social, politica e administrativa da realidade brasileira, posta em pratica pelo Exm.º Sr. Presidente Vargas, na hora em que os povos civilisados porfiam em pôr em destaque a capacidade vitoriosa, de suas proprias mentalidades, veio enfeixar nas mãos do Executivo, a engrenagem administrativa do municipio.

E' assim que o governo municipal de Curuçá, é exercido, em toda a sua amplitude pelo Prefeito, de livre nomeação e demissão do Interventor do Estado.

De acordo com o Decreto Estadoal n.º 2.904, de 8 de Fevereiro de 1938, e Decreto Federal 1.202, de 8 de Abril de 1939. o Prefeito entre outras, tem as seguintes atribuições:

1.ª — a cobrança e aplicação dos impostos municipaes devidamente estabelecidos; 2.ª — organização regular de balancetes mensaes da receita e despesa em duplicata, os quaes

com as segundas vias de comprovantes devidamente autenticados, serão enviados, impreterivelmente dentro da primeira quinzena seguinte ao Governo do Estado, por intermedio do Departamento das Municipalidades para os devidos fins: 3.º — decidir as reclamações sobre o lançamento de impostos, multa, concorrencias publicas, execução de contrato com recurso por intermedio do Departamento das Municipalidades, que emitirá parecer; 4.º — nomeação, licença, férias, exoneração dos funcionarios municipaes; salvo sempre, aos prejudicados o direito de reclamar ao Governo do Estado; 5.º — providencias extraordinarias de carater inadiavel, que serão imediatamente participadas ao Governo do Estado; 6.º — abrir, com prévia autorização do Departamento Administrativo do Estado, creditos suplementares no orçamento, no decurso do exercicio; 7.º — apresenar, por todo o primeiro semestre do ano anterior ao Departamento Administrativo do Estado, por intermedio do Governo, o projeto da Lei Orçamentaria do municipio para o exercicio vindouro; 8.º — balanço geral do exercicio encerrado, submetido ao Governo do Estado dentro dos primeiros 30 dias do novo exercicio; 9.º — representar ao Governo do Estado sobre as necessidades e conveniencias do Municipio que exijam novas disposições legaes ou alteração existente; 10.º — desempenhar a representação plena do Municipio, podendo estabelecer mandato extra judicial constituir advogado si o não houver efetivo ou se estiver impedido; 11.º — impôr as multas expressamente consignadas, em contrato e nas disposições legaes em vigor; sempre, porem, com recurso para o Governo do Estado, interposto dentro de 5 dias da notificação provada, do despacho recorrido; 12.º — efetuar o tombamento dos bens do Municipio; 13.º — requisitar ás autoridades policiaes do Estado o auxilio da Força Publica quando indispensavel á execução das suas ordens legaes. Algumas destas disposições estão alteradas pelo Decreto-Lei n.º 1.202 de 8 de Abril de 1939.

O Prefeito só poderá retirar-se do Municipio com licença prévia do Governo, que, designará seu substituto, assim tambem nos seus impedimentos ou faltas.

Nos casos de impedimento pessoal do Prefeito, desempenhará o exercicio parcial de suas funções o seu secretario, quando outrem não fôr designado pelo Governo.

Os serviços de expediente da Prefeitura, correm pela sua respectiva Secretaria, que compreende a Contadoria, Tesouraria, Portaria e Fiscalização.

Os trabalhos de estatistica são feitos por um Agente es-

tatistico, de nomeação do Prefeito, com funções independentes da Secretaria.

O Secretario-Contador superintende todos o sserviços internos, que estão assim distribuidos:

SECRETARIO-CONTADOR — Redação de toda correspondencia oficial, decretos, portarias, editaes, avisos, tudo sujeito á revisão do Prefeito; verificação dos balancetes mensaes dos fiscaes arrecadadores, á vista dos respectivos talonarios, diante de cuja exatidão, recebem o competente — confere —; escrituração dos livros de Receita e Despesa, Registo de Creditos, Dividas Ativa e Pasiva e de todos os demais necessarios aos serviços da Prefeitura.

TESOUREIRO — Ao Tesoureiro incumbe: 1.º recolher ao cofre o saldo das arrecadações dos fiscaes, mediante uma relação discriminativa conferida pelo Secretario-Contador e visada pelo Prefeito, 2.º expedir os talões I M I com o historico das arrecadações recolhidas; 3.º efetuar pagamntos mediante portaria assinada pelo Prefeito e ter sob sua guarda a responsabilidade o Livro Caixa, dando baixas, no livro proprio, nos lançamentos anuaes á proporção que forem sendo pagos pelos respectivos contribuintes.

1.º OFICIAL DA SECRETARIA — Auxilia o secretario em todos os serviços da Secretaria.

1.º OFICIAL ESTATISTICO — Tem a seu cargo o serviço de exame das guias expedidas pelos fiscaes e a concatenação da Estatistica Municipal, alem dos que lhe são distribuidos pelo Secretario.

2.º OFFICIAL DATILOGRAFO PROTOCOLISTA — Desempenha os serviços inherentes ao seu cargo.

PORTEIRO-CONTINUO — As suas funções são as que a naturesa do cargo está indicando.

Anexa á Secretaria, está creada a Agencia de Estatistica, que ocupa um funcionario que se incumbe de todo esse vastissimo serviço tão necessario como orgão auxiliador da administração publica.

Alem destes funcionarios a Prefeitura tem mais um corpo de Fiscaes parciaes, distribuidos por todo o municipio, que é dividido em Estações para determinar o limite da jurisdicação de cada um.

Atualmente o municipio compreende 37 estações fiscaes, assim designadas e localisadas: Séde, Ponta de Ramos, Araquahim, Caratateua, Simôa, Pacamorema, Areuá, Iririteua, Mutucal, Arapiranga de Fora, Muriá, Santa Luzia, Candeuá, Lauro Sodré, S. Pedro, Nazaré do Mocajuba, Mocajubinha,

Terra-Alta, Ilha Nova, Vista Alegre, Areial Grande, Monte Alegre, Tamataquara, Bôa Vista, Bussú, Itajuba, Marauá, Tapary, Vicente, Arupí, S. Antonio, Abade, Agua Bôa.

Durante o ano de 1938, foi este o movimento da Secretaria:

Decretos	56
Oficios recebidos	201
Oficios expedidos	191
Alvarás expedidos	17
Editaes publicados	10
Telegramas expedidos	32
Telegramas recebidos	24
Portarias	14

E' este o atual funcionalismo da Prefeitura:

Coronel Cantidio Alves Guimarães, prefeito; Candido Monteiro da Cunha, secretario; Raimundo de Cristo Alves, tesoureiro; Prentice dos Santos Porto, 1.º oficial; Ernestino Brasil Dias, 2.º oficial; Gregorio Monteiro da Cunha, agente estatistico; Simão Rodrigues de Cristo, porteiro-continuo; Raimundo Ferreira Pinto e Elesbão Alcantara Benjamin, fiscaes da séde, e Castorina Mendes Ferreira, datilografa.

O atual Prefeito Coronel CANTIDIO GUIMARÃES, tem incontestavelmente, no exercicio de suas funções, procurado bem servir ao municipio, fazendo um governo de realisações tanto quanto permitem as nossas possibilidades financeiras.

Em 1938, entre outros, foram estes os principaes serviços efetuados pela Prefeiura, tudo num regimen de rigorosa economia, modalidade esta que é um dos valiosos caracteristicos da atual administração.

PONTES:

Construção de uma, sobre o rio Cotita	200$000	
Idem sobre o Igarapé Braço Grande	250$000	
Idem sobre o rio Canadá	102$000	
Concertos nas pontes do Marauá, Bairro-Alto e litoral	78$000	
Acquisição de 21 peças grossas para a construção da ponte da cidade	581$000	1:211$200

PALACETE MUNICIPAL:

Materiaes para pintura	1:255$050	
Mão de obra da pintura e serviços		

De Abade	229$000	
De Bôa-Vista	132$500	
De Lauro-Sodré	75$000	
Remodelação do caminhão ofertado pelo Estado para os serviços de conservação	5:520$000	10:149$500
		34:143$300

DEMONSTRAÇÃO DA ARRECADAÇÃO POR DISTRITO EM 1938

1.º — Distrito da cidade, compreendendo as estações respectivas	55:200$000
2.º — Distrito de Monte Alegre, idem, idem	24:600$000
3.º — Districto de Lauro Sodré	15:900$000
4.º — Distrito de Terra-Alta	14:900$000
5.º — Distrito de Santa Luzia	9:000$000
6.º — Distrito de Ponta de Ramos	8:900$000
TOTAL	128:500$000

CAPITULO XXVI

POLICIA E REPRESSÃO

Temos aqui a Policia Civil, representada, na séde por um delegado e um comissario, nomeados pelo Interventor do Estado, cujos vencimentos correm pelos cofres da Prefeitura.

No interior existem mais os seguintes comissariados de policia.

Ponta de Ramos, Monte-Alegre, S. João do Pramahú, Vista Alegre, Terra-Alta, Marauá, Lauro Sodré e Santa Luzia. Esses comissariados, creados por Decretos do Governo do Estado, têm os seguintes limites:

PONTA DE RAMOS: Começa na fóz do rio Curuçá, sobe por este, margem direita, continúa pelo igarapé Iririteua afluente do rio
por uma reta as nascentes do rio Mearimzinho, desce por este até á linha de divisão com o municipio de Marapanim, segue por esta até ás vertentes do igarapé Juçateua, e desce por este, pelo Simôa e Cajutuba, até a sua fóz.

MONTE-ALEGRE: Começa no ponto de interseção em que a linha de divisão com o municipio de Marapanim corta o rio Mearim; segue por este até as suas nascentes no Mearimzinho, de onde alcança, por uma reta a fóz do igarapé Piquiá,

afluente do rio Maú, segue por este, margem esquerda até á fóz do rio Areial; prosegue por este, margem direita até á fóz do rio Alreialzinho, de onde alcança por uma reta as nascentes do rio Braço Grande, afluente do rio Maú, deste ponto pelo paralelo, que por ahi passa seguindo para E. até o ponto de interseção da linha de divisão com o municipio de Marapanim, e continuando por essa linha até ao citado rio Mearim.

S. JOÃO DO PRAMAÚ: Começa na fóz do rio Areialzinho, seguindo por uma reta até ás vertentes do rio Braço Grande, afluente do Maú, deste ponto pelo paralelo que por ahi passa, seguindo para E. até á linha de divisão com Marapanim seguindo por esta até descer no rio Marapanim na fóz do igarapé Pedral ou Crispim, segue pelo Marapanim até á fóz do rio Umirisal, sobe por este até ás suas nascentes, de onde alcança por uma reta as nascentes do citado rio Areialzinho, e descendo por este á sua fóz.

VISTA ALEGRE: Começa na fóz do igarapé Piquiá, afluente esquerdo do rio Maú, segue por este até á fóz do seu afluente Areial, por onde prosegue até á fóz do seu braço direito, Areialzinho; sobe por este até ás suas nascentes, de onde alcança por uma reta, as nascentes do rio Umirisal; desce por este, margem direita até á sua fóz no rio Marapanim, de onde alcança por uma reta as nascentes do igarapé Bussú, afluente direito do Maú, desce o dito rio até á sua fóz e dahi por uma reta ás nascentes do igarapé Bracinho, afluente do Piquiá, desce e pelo mesmo e pelo Piquiá até á sua fóz.

TERRA-ALTA: Começa na fóz do rio Umirisal, afluente, esquerdo do Marapanim, sobe por este e pelo seu afluente Braquerdo, seguindo pela linha de divisão, com o municipio de S. Caetano até ás nascentes do rio Mocajuba, desce por este até á fóz do rio Cipoal sobe por este e pelo afluente esquerdo Mocajubinha, até ás suas nascentes, de onde alcança por uma reta a fóz do igarapé Bussú, afluente do Maú e dahi segue pelos limites do comissariado de Vista Alegre, até á fóz do Umirisal.

MARAUÁ: Começa na fóz do rio Tijoca, afluente do Mocajuba Grande, sobe por este até á fóz do rio Cipoal, sobe por este e pelo seu afluente Mocajubinha até ás suas nascentes de onde alcança por uma reta a fóz do rio Bussú, afluente do Maú, acompanha os limites do comissariado de Vista Alegre até a fóz do rio Piquiá, afluent edo Maú e dahi por uma reta até ás nascentes do rio S. Miguel ou Ponta da Rua, desce por este até sahir no rio Marauá pelo qual desce até a sua confluencia com o Tijoca e por este até sahir no Mocajuba.

LAURO SODRÉ: Começa na foz do rio Tijoca, sobe por este acompanhando os limites do comissario de Marauá, até á fóz do rio Piquiá, desce pelo Maú até á fóz do rio S. Domingos, de onde alcança por uma linha ás nascentes do rio Tigelas afluente do rio Tijoca e dai por uma reta até ás vertentes do igarpé Agua Bôa, desce por este e pelo Tijoca até á sua fóz.

SANTA LUZIA: Começa na fóz do igarapé S. José, sobe o Muriá, até o rio Mocajuba, sobe por este e pelo seu afluente Tijoca e sub-afluente Agua Bôa até ás nascentes de onde alcança por uma reta as vertentes do citado rio S. José e desce por este até á sua fóz.

O territorio que fica entre os comissariados de Ponta de Ramos, Monte Alegre, Lauro Sodré Santa Luzia forma o comissariado da cidade.

A força policial é constituida de 40 Agentes de policia, distribuidos por todo o municipio, com a designação de agentes de quarteirão e uma praça da Policia Militar do Estado, pago tambem pela Prefeitura.

A cadeia publica da cidade, que é a unica em todo o municipio, contem duas prisões, uma para homens e outra para mulheres, com capacidade cada uma para 5 detentos.

Não existe atualmente nenhum preso na cadeia desta cidade.

Delegado de Policia, Raimundo Wilson Pierre; comissario da séde. Raimundo José de Oliveira; comissario de Ponta do Ramos, Raimundo Pereira Brasil; comissario de Lauro Sodré, João Gomes Galvão; comissario de Monte-Alegre. Quintino de França e Silva; comissario de Vista Alegre, Manoel Raimundo Neves; comissario de Terra-Alta, João Hilario Evangelista; comissario de Marauá, João Isaac Gomes Monteiro; comissario de Santa Luzia, Sebastião Raimundo da Silva.

CAPITULO XXVI

JUSTIÇA

A Comarca de Curuçá, com séde na cidade deste nome é dividida em dous Distritos. O primeiro compreende todo o territorio de Curuçá e o segundo o municipio de Maraparim.

A magistratura é exercida na séde por um Juiz de Direito. No 2.º distrito tem o Juiz Substituto que prepara os processos criminaes e prepara e julga as causas civeis de valor até um conto de réis.

Em cada Distrito, que por sua vez é subdividido em Circumscripções Judiciarias, tem, em cada uma delas, um 1.º e um 2.º suplentes de Juiz Substituto, cuja unica competencia é de realisar casamentos. O Juiz de Direito é substituido pelo Juiz Substituto do 2.º Distrito, sendo tanto aquele, como este, bachareis em direito.

O Ministerio Publico é representado na séde por um Promotor Publico e um adjunto de Promotor e no 2.º Distrito somente por um adjunto de Promotor.

Temos apenas um cartorio, tanto no 1.º como no 2.º Distrito. O serventuario acumula as funções de Tabelião de Notas, Escrivão do Civil e do Crime, Oficial do Registo Civil e de todos os serviços inherentes a esses cargos.

Juiz de Direito da Comarca, Dr. João Bento de Souza; Promotor Publico, Carlos Aguirre; Tabelião e Escrivão, Manoel da Cunha Couto; Oficial de Justiça, Candido Brito.

CAPITULO XXVII

DEFESA NACIONAL

Temos aqui somente uma Junta de Alistamento Militar e um corpo de oficiaes da 2.ª linha.

Temos cerca de cem reservistas de 1.ª categoria, aptos á volver ás fileiras do nosso glorioso Exercito se, por uma dessas eventualidades que muitas veses ocorrem contra mesmo a vontade dos povos, tivermos de acudir ao clarin da tormenta, na defesa da integridade e da independencia oo Brasil.

Comquanto em Curuçá não tenhamos forças organisadas entretanto ai está a nossa estatistica a mostrar que temos cerca de quatro mil homens validos da edade de 18 a 45 anos, em cujo coração, palpita estuante o amor da patria idolatrada e que chamados aos campos de treinamento, para as emergencias da guerra, hão de mostrar que tambem são dignos dos grandes destinos e das glorias do BRASIL

CAPITULO XXVIII

ORGANISAÇÃO TRABALHISTA

Ainda está tudo por fazer entre nós no que diz respeito ao titulo deste Capitulo. Até mesmo o serviço de identificação profissional resente-se de acentuado indiferentismo por parte dos interessados.

Entretanto conforta-nos poder afirmar que não temos dissidios coletivos, que exijam a interferencia do poder publico ou das Juntas de Conciliação. Na esfera individual, comtudo, o caso já não é o mesmo, embora sem maiores repercuções.

Na epoca da broca, quando cada um dos nossos lavradores inicia a abertura dos seus roçados, é muito frequente, os dissidios entre visinhos, por causa dos limites de suas terras. As autoridades locaes são frequentemente procuradas para tomar conhecimento de queixas de invasões, sem que comtudo geralmente, se possa, chegar a uma conclusão segura da rasão de um ou de outro, em virtude da falta de discriminação dessas terras.

Quer as terras do Estado, quer as particulares, na sua maior parte, estão sem linhas de divisão. Somente as terras da Prefeitura acham-se devidamente delimitadas.

Daquela inconveniencia, resultam, ás veses, serios desentendimentos, já tendo até, em certo dia, ha poucos anos passados, quando plantava a sua roça, caído sem vida um pobre lavrador, cujo antagonista o alvejou friamente com certeira carga de chumbo.

Seria de muita vantagem se houvesse uma obrigatoriedade ou uma providencia qualquer pela qual cada proprietario ou ocupante de terras fosse compelido a discrimina-las.

CAPITULO XXIX

ORGANISAÇÃO ELEITORAL

Em virtude das disposições da Constituição de 10 de Novembro de 1937, não ha organisação elietoral neste municipio, a exemplo do que se verifica em todo o Brasil.

Quando os altos poderes da Republica acharem que é oportuno cogitar-se das atividades politico-partidarias, Curuçá, ha de tambem arregimentar as suas forças eleitoraes, condusidas então pela mentalidade sadia que hoje preside os destinos da patria.

CAPITULO XXX

CURUÇÁ E SEUS SERVIDORES

Não devemos, nesta obra, que é uma synthese da vida de Curuçá, em todas as suas manifestações phisicas, sociaes, politicas e economicas, deixar sem referencia os nomes dos que, entre nós, se destacaram pelo seu labor a pról do engrandeci-

mento da terra comum. Reportando-nos, assim, ao que já escrevemos alhures, desdobramos este capitulo com estas apreciações.

Dentre os curuçaenses que mais se evidenciaram na representação, na defesa e na tecitura do nosso evoluir, é de justiça mencionar os seguintes: Gonçalo Ferreira, republica no historico, que em Belem representou brilhantemente o nosso municipio, tendo chegado a ter assento no Senado Estadoal; coronel Christo Ferreira, comerciante e capitalista, cuja memoria vae vitoriosamente atravessando os tempos, pela semente que deixou plantada do labor honesto, da economia proveitosa, de cuja pratica resultou a tradição honrosa do nosso credito comercial; professor Manoel Jeronimo Ferreira Guimarães, inteligencia lucida e alma aberta á pratica da defesa dos humildes, com quem repartia, pela sua incomparavel desambição, o fruto do seu labor honesto; Gualberto de Campos, o preceptor emerito, que, na secola primaria, soube criar uma verdadeira pleiade de moços aproveitaveis pela caligrafia e pelos conhecimentos matematicos adaptaveis ao ensino que ministrava; era um profundo conhecedor da geografia do municipio e um apaixonado de tudo quanto lhe falava do progresso de Curuçá; Augusto Ramos Pinheiro, o expoente da nossa intelectualidade, autor de diversos livros de larga aceitação nos meios escolares; Horacio Barbosa de Lima, a quem devemos o maior numero das bôas edificações existentes nesta cidade; João Antonio do Nascimento e Souza, o braço executor de tudo quanto no seu tempo se promovia no interesse do seu municipio, e tantos outros como Bruno José Alves, Joaquim Guimarães de Souza Ataíde, João Raimundo Cabral, João Monteiro da Cunha, José Alves Dias, Antonio Pinto Maia, Claudino Antonio da Conceição, Elesbão de Lima Borges, que souberam enaltecer a sua terra, uns pelo trabalho, outros pela inteligencia e todos pelo seu entranhado amôr a este abençoado recanto do Brasil.

Na atual geração, temos: professor Olavo Nunes, poeta primoroso e jornalista de merito, para quem, á semelhança de Machado de Assis, a alma humana não tem segredos, pois é daqueles psicologos que sabe ver o invisivel e penetrar no amago das emoções alheias; dr. Sulpicio Cordovil, engenheiro civil, alto funcionario da Companhia do Porto do Pará e Diretor da Escola de Engenharia de Belem; dr. Dias Junior, medico, desempenhou elevadas funções publicas na 1.ª Republica, como deputado e senador estadoal; é orador fluente e publicista de larga erudição, exercendo atualmente as fun-

ções de lente catedratico da Faculdade de Medicina do Pará; dr. Mauricio Cordovil Pinto, ex-chefe de Policia do Estado, exercendo atualmente o cargo de Juiz da Capital; dr. Henrique de Christo Alves, medico, com clinica firmada no Rio de Janeiro; doutóra Olga Paes de Andrade, medica, com clinica estabelecida em Belem, capital do Estado; dr. Fabriciano Teixeira, medico, residente no Estado da Bahia; bachareis em direito João Gualberto Alves de Campos, magistrado em disponibilidade; Flodoaldo Cabral, alto funcionario dos Correios no Rio de Janeiro; Adriano Guimarães Lima, 1.º tenente do Exercito; Lourenço Santos Junior e Antonio Alves Dias, oficiaes da Marinha Mercante, residentes no Rio de Janeiro; Mancio Monteiro Teixeira, poeta e jornalista, que, a golpes de talento, conseguio ingresso e vencer na imprensa da capital do Paiz. No magisterio temos cerca de uma centena de professoras e tambem habeis contabilistas, farmaceuticos, etc..

E assim procuramos descrever o que foi, o que é e o que poderá ser Curuçá, este pedaço da patria comum, onde tambem palpitam corações, que extremecem de entusiasmo quando alguem lhes toca na fibra do patriotismo.

A hora é de ação, cada um apressando os seus passos e distendendo o horisonte numa larga visão de coragem e providencia.

Fronte alevantada e altiva, animo predisposto á luta e ao sacrificio, a imagem da patria gravada no coração, vamos irmãos brasileiros, com uma particula do nosso labor honesto, apressar a glorificação do Brasil.

E que ninguem tenha duvidas da sinceridade e firmesa do brado que vem lá de cima, onde pontifica a vontade ferrea e esclarecida do grande Presidente Vargas, cujos atos traduzem eloquentemente esta salutar e salvadora recomendação a todos os homens a quem cabe uma parcela de responsabilidade na direção dos serviços publicos da nacionalidade: — Dê-se valor ao merito, relegadas implacavelmente as mediocridades de carater e de inteligencia e teremos assim resolvido o problema da restauração do Brasil.

Relação dos comerciantes de Curuçá e de seu capital aproximado

Socrates Cabral	50:000$000
Campos & Irmão	50:000$000
Galileu Cabral	70:000$000
Pedro Campos	10:000$000
Humberto Paracampos	15.000$000
Antonio Neves Filho	35:000$000
Neves & Filho	20:000$000
Joaquim Honorato Neves	20:000$000
Manoel Raimundo Neves	19:000$000
Ferreira Batalha	40:000$000
Agostinho Alves	25:000$000
Rodrigo dos Santos Rodrigues	10:000 000
A. B. da Silva	25:000$000
João Rodrigues Pereira	15:000$000
Severino Monteiro	15:000$000
Rocha & Evangelista	15:000$000
Silva & Queiroz	10:000$000
Camilo Ataide	15:000$000
Raimundo Gomes de Souza	20:000$000
J. A. Cabral	5:000$000
A. Santos	3:000$000
Queiroz & Irmão	5:000$000
L. F. Filho	5:000$000
Luiz Rodrigues Mendes	10:000$000
Carlos Neves	5:000$000
Agostinho Alves & Irmão	3:000$000
Marcolino Pinto Ribeiro	4:000$000
Campos & Cia.	8:000$000
Evaristo Ramos	2:000$000
Francisco Corrêa	5:000$000
Claudomiro Monteiro	8:000$000
Fredesvindo de Castro Ferreira	6:000$000
Franklin Cardoso	1:000$000
Valentim Monteiro	3:000$000
Cirena Celina dos Santos	15:000$000
Gemino Modesto Ferreira	3:000$000
Raimundo Alcantara de Souza	3:000$000
Ferreira & Bastos	4:000$000
Avelino & Rodrigues	5:000$000
Joaquim Bentes da Silva	2:000$000
Silva & Santarem	5:000$000

Landim Gomes das Neves	3:000$000
Salvador Borges	3:000$000
Almeida & Roqueta	5:000$000
Manoel Borges Junior	2:000$000
Miguel Antonio dos Reis	2:000$000
José Ferreira Mendes	3:000$000
João Teixeira	5:000$000
Filomeno Ferreira	5:000$000
Manoel dos Santos	1:000$000
Stefanio Nauar & Cia.	2:000$000
Osvaldo Moura	1:000$000
Antonio Ferreira Braga	3:000$000
Raul Lagoya	3:000$000
Lourenço Nauar	3:000$000
Miranda & Irmão	1:000$000
José Netto	1:000$000
João Roqueta (Padaria)	1:000$000
Raimundo Cecim & Cia.	3:000$000
SOMA	610:000$000

NOTA — Nesta relação não estão inclusos os talhos e quitandas

CORRIGENDAS

Afora os cochilos de revisão, muitos dos quaes corrigidos nesta pagina, nóta-se tambem uma mistura ortographica, que á primeira vista, pàrece que poderia ser evitada. Mas... Não foi possivel.

O autor adopta a ortographia antiga e com ella compoz as suas paginas, que, antes de irem ao linotypista, passaram por mãos de dous dactylographos, e da um delles adoptando uma ortographia. Dahi veio a confusão, que, pela absoluta falta de tempo, na phase da impressão, não podemos infelizmente desfazer.

AGINA	LINHA	ERRATA	LEIA SE
40	1	a prece	apparece
»	1	fumarenta	fumacenta
»	8	crueiar	crueira
»	19	ririct e o terecão	terereca e o tererecão
»	25	Tioçal	Trocal
»	30	possue	possuir
41	21	tacitura	tecitura
»	»	uma	numa
42	11	do soutros	dos outros
44	1	orotacéu	arataceú
44	32	comida	comidia
45	19	dai	dia
»	40	distinguem se	distingue-se
»	41	assobiam	assobia
»	42	campina	capina
»	45	pergunda	pergunta
»	46	Inhambú	Inambú
47	7	çara	para
47	28	esr	ser
	36	Jaboty mutá	Jaboty mutamutá
48	13	Podemso	podemos
49	3	alvoroça	alvoraça
»	6	Rato do Mato	Pato do mato
	»	paratiqueiras	pratiqueiras
	30	cahem	caé
	33	repetir a mesma proesa	para repetir a mesma proesa
»	39	corre	occorre
50	31	enchendo-o	e enchendo-o

PAGINA	LINHA	ERRATA	LEIA-SE
15	13	e e	elle
53	44	por te	por mim. Mas infelizmente não posso dizer-te quem sou Peço-te humildemente etc.
55	11	pendeu'se	perdeu se
61	40	Tererê	Tereterê
57	10	37o S W	33o S W
83	22	affluente do rio	affluente do rio Curuçá sobe pelo mesmo até ás suas nascentes de onds alcança